

Stanford University Libraries



36105048446632

869.84 .M775CM

Cidades mortas; contos

C.1

Stanford University Libraries

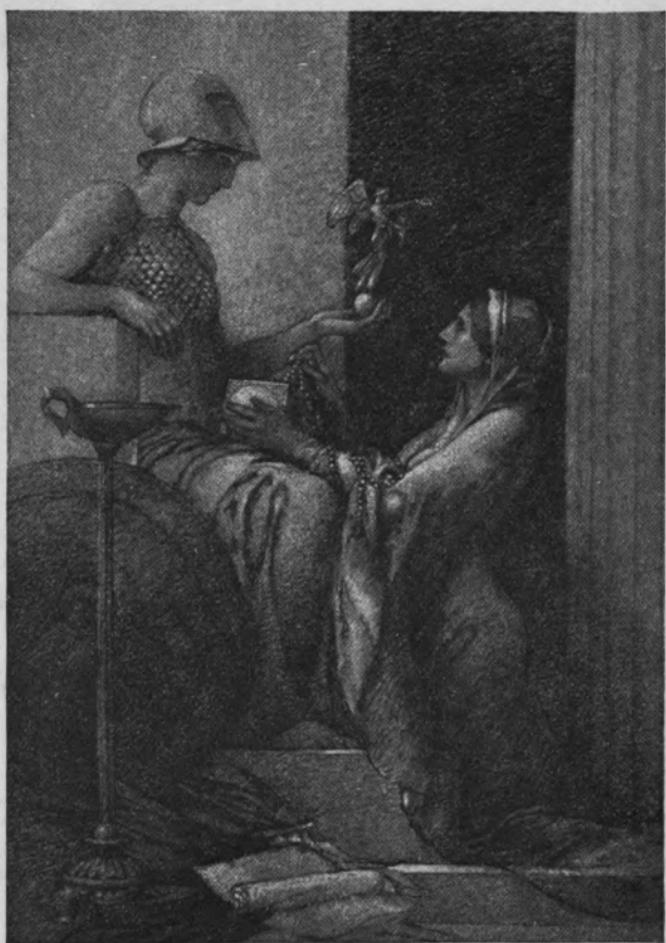


3 6105 048 446 632

CIDADES MORTAS

869.84 M775cm

Digitized by Google



STANFORD UNIVERSITY LIBRARY
BRANNER BRAZILIAN COLLECTION

1 J.-C. Branner, o amijo
da uma terra, etc lines
que a recorda um gran
Tudo o bico paginas

W. Lohse

Dy: 189

CIDADES MORTAS

MONTEIRO LOBATO

"

—

CIDADES MORTAS

(CONTOS E IMPRESSÕES)

1.º MILHEIRO

MONTEIRO LOBATO

1919

EDIÇÃO DA «REVISTA DO BRASIL»
SÃO PAULO

Monteiro Lobato

869.84
M 775 cm

330782

УРАЯНДИЯ ОЛОНИА?

Entra neste livro um punhado de coisas antigas, impressões d'uma mocidade morta que vegetou no ambiente miasmático das cidades mortas. Oblivion, Itá-óca . . . Quantas saudades! . . .

CIDADES MORTAS

A quem em nossa terra percorre taes e taes zonas, vivas outr' ora, hoje mortas, ou em via disso, tolhidas de insanavel cachexia, uma verdade que é um desconsolo resurte do montão de ruinas: o progresso entre nós é nomade, e sujeito a paralysias subitas.

Radica-se mal, sem emitir peão.

Conjugado a um grupo de factores, sempre os mesmos, refluе com elles de uma região para outra. E' um progresso de cigano — vive acampado.

Emigra, deixando atrás de si um rastilho de taperas.

Um dos factores que o arrastam comsigo é a uberdade nativa do solo.

Mal este cansa, pela reiterada sucção de uma seiva não recomposta, como no velho mundo, pelo adubo, o desenvolvimento da zona esmorece, foge o capital e com elle os homens fortes, aptos para o trabalho. E lentamente a tapera cae nas almas e nas coisas.

A nossa gente não vinga prosperar senão onde uma vitalidade prodigiosa poreja do humus negro da terra virgem como o fumegar quente da rez carneada de fresco.

Em sendo mister lutar contra a avareza crescente do solo; refazer-lhe a feracidade anemiada, criar fontes novas de riqueza, diversas das costumeiras, o homem fraqueja, coça a cabeça, e, se forte, emigra, se fraco, tomba em modorra para logo atolar na miseria.

Em nosso Estado exemplo perfeito ha disso na depresão profunda que aperreia o muito bom leste chamado norte.

Alli tudo foi, nada é. Não se conjugam verbos no presente. Tudo é preterito.

Um grupo de cidades moribundas arrasta um viver decrepito, gasto em chorar na mesquinhez actual as saudosas grandezas de outr' ora.

Pelas ruas ermas, onde o transeunte é raro, não matracoleja sequer uma carroça; de ha muito em materia de rodas se voltou ao rodizio macisso desse rechinante symbolo do ronceirismo colonial, o carro de boi. Erguem-se nellas soberbos casarões apalaçados, de um e dois andares, solidos como mosteiros, tudo pedra, cal e cabiúna, figurando desconformes ossaturas de megatérios de onde as carnes, o sangue, a vida hão desertado.

Vivem dentro, mesquinhamente, vergonheas estioladas de familias fidalgas, de bôa prosapia entroncada na nobiliarchia lusitana. Pelos salões vazios, cujos frisos dourados se recobrem de patina, e cujo estuque, lagarteado de fendas, esboroa a força de goteiras, erra o bafio da morte. Ha nas paredes velhos quadros, «crayons», figurando effigies de capitães-móres de barba em collar; ha candelabros de dezoito velas, esverdecidos de azinavre; mas nem se accendem as

velas, nem se guardam mais os nomes dos enquadradous.

E por tudo se agruma o bolor rancido da velhice. São palacios mortos, da cidade morta.

Avultam em numero casas sem janellas, só portas, tres e quatro: antigos armazens de commercio, fechados, que o commercio desertou tambem.

Numa praça vazia, vestigios vagos de um edificio de vulto. Que é? O antigo theatro... um theatro onde já resou a voz do Tamagno, da Rosina Stolze, da Candiani...

Não ha na cidade morta nem pedreiros nem carapinas; fizeram-se estes remendões, aquelles meros demolidores, tanto vae da ultima construcção. A tarefa se lhes resume em especiar muros que deitam ventres, escorar paredes rachadas, remandal-as mal e mal. Um dia mettem abaixo as telhas: sempre vale trinta mil réis o milheiro — e fica á inclemencia do tempo o encargo de aluir o casarão.

Os ricos são dois ou tres Eusebios Macarios aposentados, com cem apolices a render no Rio; e os sinecuristas apenduricalhados ao orçamento.

O resto é a «mob»; velhos negros de miseravel descendencia roida de preguiça e alcool; familias decahidas, a viver mysteriosamente umas, outras á custa do parco auxilio enviado de fóra por um filho mais audacioso que emigrou; mes-ticos ataraxicos, «bôa gente» que vive de aparas.

Da geração nova os rapazes emigram cedo, aos 16 annos; a próle feminina fica, fincada de cotovelos á janella, negaceando um marido, que é um mytho, numa terra donde os casadouros fogem.

Pescam ás vezes, as mais geitosas, um promotor, um delegado — e é o caso um acontecimento historico criador de lendas.

Toda a ligação com o mundo se resume no cordão umbelical do correio — magro estafeta bifurcado em ponteagudas eguas pisadas, em eterno ir e vir com duas malas postaes á garupa, murchas como figos seccos.

Até o ar é proprio ; não vibram nelle serias de auto, nem cornetas de bicycletas, nem campainhas de carroça, nem pregões de italianos, nem ten-tens de sorveteiros, nem plá-plás de bufarinheiro turco. Só o estremecem os velhos sons coloniaes, o sino, o chilreio das andorinhas que moram na igreja, o rechino dos carros de boi, o sincerro de tropas raras, o taralhar das bai tacas que em bando rumoroso cruzam e recruzam a cidade, bem alto.

Terá poesia — mas os annos são de prosa, hoje em dia...

Isso nas cidades. Nos campos não é menor a desolação. Leguas a fio se sucedem de murraria aspera, onde reina soberana a sauva e seus aliados o sapé e a samambaia. Por ella passou o café, como um Attila. Toda a seiva foi sugada, e sob forma de grão ensaccada e expeditida para fóra ; mas do ouro recebido em troca nem uma oitava permaneceu alli empregada em restaurar o torrão. Transfiltrou-se para o Oeste na avidez de novos assaltos á virgindade da terra : parte se transfez nos palacetes em ruina ; muito delle reentrou na circulação européa por mãos dos filhos-familias dissipadores.

A' mãe fecunda que o produziu nada cou-

be ; por isso, resentida, vinga-se agora, enclausurando-se numa esterilidade feroz.

E o deserto reganha as posições perdidas...

Raro é o casebre de palha que fumega, e entremostra em redor a rocinha de mandioca, o quartel de canna. Na mór parte os raros existentes, descolmados pelas ventanias, esburaquentos, afestoam-se do melão de S. Caetano — a hera rustica das nossas ruinas.

As fazendas são conventos, de soberbo aspecto vistas de longe, entristecedoras quando se lhes chega ao pé. Rodeiam a morada senhorial extensas senzalas vazias, terreiros de pedra com viçosas guanxumas nos intersticios. O dono está ausente. Mora no Rio, no Oeste. Os cafeses, extintos. Os aggregatedos, dispersos. Subsiste, como lagartixas na pedra, um pugilo de caboclos amarellos, opilados, de esclerotica biliosa, inermes, incapazes de fecundar a terra, incapazes de abandonar a querencia, verdadeiros vegetaes de carne que não florescem, nem frutificam: fauna cadaverica de ultima phase, roem os derradeiros capões de caté escondidos nas grotas.

— Aqui foi o Breves ; colhia oitenta mil arrobas...

A gente olha assombrada na direcção que aponta o dedo cicerone : nada mais... a mesma morraria núa, a mesma sauva, o mesmo sapé de sempre ; de banda a banda o deserto, o tremendo deserto que Attila-Café creou...

Outras vezes o viajante lobriga ao longe, marginal á estrada, uma ave branca pousada no topo dum espeque.

Approxima-se lentamente, ao chouto rythmi-

co do cavallo; a ave esquesita não dá signaes de vida, permanece immovel.

Chega-se ainda mais, franze a testa, apura a vista: não é ave, é um objecto de louça... O progresso cigano, quando um dia levantou a-campamento dalli, rumo do Oeste, esqueceu de levar comsigo aquelle isolador de fios telephonicos...

E elle, immovel, lá ficará, atestando mudamente uma grandeza morta, até que decorram os muitos decennios necessarios para que o relento consuma o rijo poste de «candeia», ao qual o amarraram um dia, no tempo feliz em que Ribeirão Preto era lá...

COISAS DE UM DIARIO

OBLIVION

A cidadesinha onde moro lembra um soldado que fraqueasse em caminho e, não podendo acompanhar o batalhão, á beira da estrada se deixasse ficar, exhausto e só, com olhos saudosos postos na nuvem de poeira erguida além.

A civilisação desviou-se della. O telegrapho não a põe á fala com o resto do mundo, nem as estradas de ferro se lembram de a vincular á rête por modesto ramalsinho. Subsiste unicamente o debil cordão umbellical do correio. Um estafeta, bifurcado em paciente matungo, todos os dias sóbe e desce morros, rompe varzeas, com a mala postal á garupa, tão magra, porém, que melhor iria sob o lombilho á guiza de pellego.

O mundo esqueceu Oblivion, que já foi rica e lepida, como os homens esquecem a actriz famosa e adorada, logo que lhe murcha a beleza e se lhe desbota a mocidade.

E a sua vida de vóvó entrevada, sem netos, sem esperança, é humilde e quieta como a do urupê escondido no sombrio dos grotões.

Os jornaes trazem-lhe o rumor do mundo -- e Oblivion commenta-o com discreto parecer...

Mas como os jornaes vêm para somente uma duzia de pessoas, constituem estas a aristocracia intellectual do cidade. São «Os Que Sabem». Lembra o conselho dos Dez de Veneza, a sabedoria dos Doze de Oblivion.

Chamados pelas terras novas, de feracidade seductora, abandonaram-na os seus filhos ; só permaneceram ali os a quem o solo prendia por fundas raizes, os de vontade anemiada, os de-beis, os fakirianos. Esses, todos os dias, fazem as mesmas cousas, dormem o mesmo sonno, sonham os mesmos sonhos, comem as mesmas comidas, commentam os mesmos assumptos, esperam o correio, gabam a passada prosperidade, lamuriam do presente e pitam — pitam lertos cigarrões de palha, matadores do tempo.

Entre as originalidades de Oblivion uma pede narrativa : o como da sua educação literaria. Promovem-n'a tres obras veneraveis, encardidas d'uso, com os cantos poidos e as capas constelladas de pingos de vela, lidos e relidos que foram em longos serões familiares por gerações successivas. São ellas : *La mare d'Auteil*, de Paulo de Kock, *ad usum* dos conhecedores do francez; uns volumes truncados do Rocambole, para enlevo das imaginações femininas ; e a Ilha Maldicta, de Bernardo Guimarães, para deleite dos paladares nacionalistas.

Estes livros, á força de girarem de déo em déo forraram-se á propriedade individual.

Pertencem á communidade. O dono primitivo seria, talvez, algum padre, finado sem herdeiros.

Quem deseja ler o Rocambole, por exemplo, diz na rodinha da pharmacia :

— Onde andará o Rocambole?

Informam-no logo, e o candidato toma-o das mãos do detentor e fica desde esse momento como o seu novo depositario. Processo summarissimo e intelligente.

Quando se exgottou a minha provisão de livros, e deliberei recorrer ao stock local, ignorante ainda da riqueza literaria da terra, dirigi-me a um dos Doze.

O homem enfunou-se de legitimo orgulho e deu os informes pedidos.

— Temos obras de folego, poucas mas boas, para todos os paladares. Genero pandego, para divertir, temos, por exemplo, *La mare d'Auteil*, de Kock. Impagavel!

— Obrigado. De Kock nem a tuberculina.

— Temos o celebre Rocambole, «genero imaginoso» ; infelizmente está incompleto, faltam uns dezesete volumes.

— Que pena! Mas não me serve o resto.

— E temos uma obra prima nacional, a Ilha Maldicta, do nosso Bernardo Guimarães.

Parou ahi o catalogo. Era forçoso escolher.

No concerto dos nossos romancistas, onde Alencar é o piano querido das moças e Macedo a semsaboria relamboria d'um flautim piegas, Bernardo é a sanfona.

Lel-o é ir para o matto, para a roça, mas uma roça adjectivada por menina de Sião, onde os prados são *amenos*, os vergeis *floridos*, os rios *caudalosos*, as mattas *viridentes*, os pincaros *altissimos*, os sabiás *sonorosos*, as rolinhas *meigas*.

Bernardo descreve a natureza como um cego que ouvisse contar e reproduzisse as passagens com os qualificativos surrados do mau contador. O vinco energico da impressão pessoal não existe nelle. Vinte vergeis que descreva são vinte perfeitas e invariaveis amenidades. Nossas desageitadissimas caipiras são morenas côr de jambo. Pobre jambo, como te calumniam o lindo corado !

Bernardo falsifica o nosso matto. Onde toda a gente vê carrapatos, pernilongos, espinheiros, Bernardo aponta doçuras, insectos maviosos, flores. Bernardo mente.

Mas como mente menos que o Kock e o truculento Terrail, escolhi-o.

Vem o livro. Era um volume velho como um monumento egypcio e, como elle, coberto de inscripções. Cada leitor que passava ia deixando alli o rasto gravado a lapis.

«Li e gostei», dizia um; «Li e apreciei», dizia uma senhorita. Uma inscripção quasi em cuneiforme resava: «Fulano leu e apreciou o talento do grande escriptor brasileiro.» Ontro versificava. «Ja foi lido -- Pelo Walfredo». Uma outra moça dizia parcimoniosamente: «Li» e assinava. Um amigo da ordem inversa poz: «Li e muito gostei». Houve um que discordou: «Li e não gostei.»

O patriotismo literario dum anonymo saiu a campo em prol do auctor: «Os porcos preferem milho a perolas». Um monogramma complicado subscrevia: «O Rocambole diverte mais».

E assim, por quanto espaço em branco tinha o livro, margens ou fins de capitulo, as apreciações se alastravam com levissimas variantes ao so-

brio «Li e gostei» inicial. Havia nomes bem antigos, de pessoas fallecidas, e nomes das meninas casadeiras da epocha.

A mentalidade de Oblivion bebia á farta naquelle veneranda fonte. Abeberavam-se, naquelle Bernardo, de «estylo e boa linguagem», conforme affirmou um; no Rocambole truncado exercitavam os musculos da imaginativa; e no Paulo de Kock os eleitos, os Summos (os que sabiam francez!) fartavam-se da leve *grivoiserie* permitida aos espiritos superiores.

Essa trindade impressa bastava á educação literaria da cidade.

Feliz cidade!

Se é de temer o homem que só conhece um livro, a cidade que conhece tres é muito de venerar. Veneração, entretanto, que não virá, porque o mundo desconhece Oblivion. Mas, por não paga uma divida deixa de ser menos devida?

OS PERTURBADORES DO SILENCIO

O silencio em Oblivion é como o frio nas regiões arcticas: uma permanente. Não se comprehende a segunda sem o primeiro. Elle completa-a; ella define-o.

Durante a noite o silencio em Oblivion é interíço como a escuridão. Os ouvidos, por mais que se apurem, nada ouvem a não ser um resoar vago e remoto, lembrando myriades de grillos microscopicos chiando em surdina. Não seria isso aquella harmonia das esferas, que refere o filosofo grego?

Mas durante o dia a integridade do silencio em Oblivion sofre lesões. Uns tantos rumores, sempre os mesmos, e periodicamente repetidos, constellam-no de soluções de continuidade. O seu velho inimigo, o Som, a espacos berra dentro delle um grito sedicioso, tal qual o relampago que destroe momentaneamente o imperio das trevas. Mas o silencio logo subjuga, destroe e absorve o intruso.

A' frente desse grupo de Irreverencias está o Sino da igreja. Repicando missa aos dominigos, ou chorando a defunto, alegre ou funebre — é o Sino o mais violento perturbador do Silencio de Oblivion.

Outro é a capinação trimensal das ruas, — o raspar das enxadas perturba-o com a insistencia d'um coaxar de sapo-ferreiro.

Outro é o acabar das aulas ; quando soam quatro horas a porta da escola borbota um fluxo de meninos, rompidos em alazarra, berrando, ganindo, pulando, cantando.

Outro, e este devéras notavel, é o carrinho da Camara.

O carrinho da Camara é o vehiculo mais importante de Oblivion — que além delle só conta mais um, o Zé Burro, um solido cuanhaña empregado no transporte das cousas pesadas. E é o primacial por varias razões ponderosas, entre as quaes merece destaque o ser elle todo de ferro ao passo que o outro é de carne. Verdade é que o carro só tem uma roda e o preto tem duas pernas... Mas como a roda do carrinho é bem centrada e bem redonda, e as pernas do Zé são cambaias, aquella superioridade

desaparece e o carrinho installa-se definitivamente no primado.

Esta questão de primazias não vem ao caso, entretanto. Porque o caso é a perturbação do Silencio determinada pelo carrinho. Este facto se dá da seguinte maneira: como o carrinho tem pouco serviço e passa a mór parte do tempo a cochilar no deposito, a ferrugem, insidiosa inimiga da inacção, vem suprepticamente pintar de vermelho o eixo da roda, de modo que, mal sae á rua o vehiculo, o pobresinho do eixo grita como um gottoso, geme, range e ringe — atroando os ares, perturbando lamentavelmente o Silencio.

Quando o Isaac-Fac-Totum — um mulato retaco, grosso e curto como uma tatorana — recebe ordem da Camara para ir a tal parte formicidar um olheiro de saúva, o rolete d'homem mette uma garrafa de capanema, uma enxada e uma caixa de fosforos dentro do carrinho e, imagem da Compenetração, symbolo da Convicção Inabalavel, parte, *nhem, nhim, nhem, nhim*, atravez das ruas principaes de Oblivion, em busca do mal aventureado olheiro.

Isaac, de sobrecenho carregado, leva o olhar attentamente fito no caminho para evitar algum desastre.

Nas ruas desertas um ou outro cachorrinho estira-se ao sol. Isaac, a vinte passos, divisando-lhe o vulto, pára, leva a mão á viseira, fita os olhos.

— Diabo! A' mo' que é o *Joli* do Pedro Surdo? — e com uma pedra o espanta:

— Sae porquêra! não *ouve* o carro? não tem medo de «morrê masgaiado?»

E convencido de que salvou a vida a um christão, Isaac-Garrafa-de-Licor-de-Cacáo retoma

os varaes do carrinho e continúa *nhem, nhim, nhem, nhim*, por Oblivion afóra.

A's janellas acode gente. Creanças repimpadas no peitoril gritam para dentro :

— Mamãe, o carrinho «evem» vindo !

Muita mocinha nervosa deixa a costura e leva a mão aos ouvidos, exclamando :

— Que inferneira ! não se pôde com esta barulhada !

Não obstante, o terrivel vehiculo passa indiferente á admiração como á censura, garboso, todo de ferro e ferrugem, *nhem, nhim, nhem, nhim*, empurrado pela dignidade infinita de Isaac-Toco-de-Vela-Clichy.

E emquanto não torna ao deposito o silêncio não reentra na posse dos seus dominios...

O DEDO DE DEUS

O Pinto é porteiro do theatro á noite é remendão de guarda-chuvas de dia, e é de noite e de dia um portuguez retaco, de um metro e sessenta de altitude acima da sola dos pés.

Muito teso, conserva sempre um aprumo de quem enguliu sem mastigar um bom cabo de vassoura.

No mento traz cavanhaque, e bigodes pontudos entre a bocca e o nariz. O papel importante da sua vida é, nos dias de dramalhão, ao fim do Epilogo, concretizar de modo palpavel o dedo de Deus interventor em prol da virtude conspurcada.

E' muito de ver nesse lance o magnifico Pinto trancar as portas do theatro, envergar a farfa de commissario de policia francez, com faixa

vermelha a tiracolo, e: pan! pan! pan! abram em nome da lei!

Abrem, não ha remedio senão abrir. E Pinto entra marcialmente, severisando o rosto, teso e rijo como a propria Justiça; entra e ferra o máu, o barão, o rico, levando-o aos trancos diante de si. Embalde o actor a figurar de máu o avverte em voz baixa: «calma sr. Pinto, olhe que me magoa!» Pinto inflexivel, Pinto surdo, Pinto imagem viva do mata-piolhos divino em função disciplinar na terra, sacode o monstro pela gola, a ringir os dentes.

O publico ao ver o máu victorioso em seis actos cair nas unhas do Pinto no setimo, respira alliviado, e dá palmas em barda, e bravos á energia justiceira do homenzinho providencial.

Somente lá no fundo dos bastidores é que o Pinto cae em si, vê que a prisão é de mentira e larga o pobre Máu.

Despe então a farda, ás carreiras, para correr ao seu posto de porteiro, onde, á sahida do povo, recebe cumprimentos dos amigos.

— O Barão viu fogo hoje, hein Pinto?

— Cá commigo é alli no duro! «Telho» escola!

APOLOGO

O velho Torquato dá relevo ao que conta á força de imagens engraçadas, ou apologos. Hontem explicava que o mal da nossa raça é a *preguiça de pensar*. E restringindo o asserto á classe agricola sahiu-se com esta:

— Se o governo agarrasse um cento de fa-

zendeiros dos mais illustres, e os trancasse nesta sala, com cem machados naquelle canto, e uma floresta-virgem alli adiante; e se naquelle quarto puzesse uma mesa, com papel, penna e tinta, e depois lhes dissesse: «ou voces *pensam* meia hora naquelle papel ou botam abaixo aquella matta», d'ahi a cinco minutos *cem* machados pipocavam nas perobas!...

AS CREANÇAS

As crianças desadoram os brinquedos que dizem tudo, preferindo os toscos onde a imaginação collabore. Entre um polichinello e um sabugo, acabam conservando o sabugo. E' que este ora é um homem, ora uma mulher, ora é carro, ora é boi, e o polichinello é sempre um raio de polichinello.

O BEIJO DAS MOÇAS

As moças entre-beijam-se porque não podem morderem-se umas ás outras. O beijo ellas é a evolução da dentada da pre-avó macaca.

A MESMICE

Um coronel inglez suicidou-se, «tired of buttoning and unbuttoning» — cançado de abotoar e desabotoar a farda. A vida em Oblivion é um perpetuo «buttoning and unbuttoning». Mas não desfecha no suicidio. Salvam-n'a a botica e o jogo. A botica porque nella ha uma ses-

são permanente de mexerico e o mexerico é a ambrosia dos lugurejos pobres.

O jogo porque aquelle que perdeu não pode suicidar-se antes da desforra e o que ganhou vae alegre, a cantarolar que afinal de contas a vida é boa. E dessa forma escapam todos ao cansaço da mesmice.

A FOLHINHA

A folhinha inventou-a algum boticario do «interior» para uso da sua cidadesinha, onde correm os dias tão iguaes e parecidos uns com os outros que só por meio della distinguimos uma segunda duma quarta-feira. Um só dia tem feição propria : o domingo. Assignala-o a roupa limpa, a roupa nova, a roupa preta que toma sol pelas ruas no corpo de toda a gente. Redobra o movimento das praças. Caras novas de gente extra-muros dão os ares da sua graça. Ha mercado cedo, missas até ás 11 ; depois continuam a assignalar o dia do Senhor, pelo resto da tarde, caboclos e negros encachaçados, agglomerados pelas vendas. Vendem os negocios mais pinga nesse dia que durante a semana inteira. Todos voltam para as casas mais ou menos bebedos, Os de cahir dormem na cidade. Os de vinho exaltado dormem no xadrez. E assim transcorre o bello domingo sem haver necessidade de irmos á folhinha para sabermos que é domingo.

VIAGENS DE D'ANTES

O general Couto de Magalhães tem razão. Ha um abysmo entre as viagens de S. Paulo

ao Rio de hoje e as d'antanho. Entre a viagem de 14 dias a cavallo, com ar puro para os pulmões e o bello panorama para os olhos, com pousadas nos ranchos, viola e cantigas de tropeiros, café coado na hora á moda mineira, incidentes imprevistos, encontros de toda a especie, tudo rematado por um sonno de pedra, á noite — e as 12 horas do trem de hoje, sem ar para respirar sem paisagem para a vista (as janellinhas dos carros picam as grandes telas lateraes em quadradinhos sem encanto), cheiros desagradaveis para o nariz — das pontas de cigarro aos «micos destripados», — o mulato de boné na orelha a berrar estações, recortando confettis nos bilhetes, um caldo negro nos restaurantes, baptisado, ó irrisão ! com o nome de café — vae um abysmo, o mesmo que separa o ovo fresco da pilula inventada pelo chimico, com força nutritiva igual á d'aquelle, muito boa, etc. e tal mas... pilula.

TOURADAS

Transformaram o artigo velodromo em circo de touros ; metade das archibancadas virou Sombra, a mil reis, e a outra metade Sol, a quinhentos. Num camarote enfeitado de metim amarelllo e verde puzeram um «intelligente» peggado a laço e immensamente bronco. Ao seu lado um «clarim» tuberculoso. Cada vez que soprava na corneta faltava-lhe folego para um som completo, e o povo ria-se. Toureiro de verdade havia um, o Antonio Corajoso, empresario, bilheteiro e assessor do «intelligente». Mais dois açougueiros vestidos de *torero*, com rabicho, com-

pletavam a *cuadrilla*. A cada passinho Corajoso berrava para o «intelligente» : dê ordem de recolhida, faça isto, faça aquillo. E o pobre «intelligente» se via tonto para conciliar uma burrice innata com os deveres de cargo. O povo vaiava ou applaudia, num tom amolecado que era toda a graça da festa. Réles, mas divertido. «Feche a bocca, negro ! Está com fome ? (isto para um toureiro mulato). «Recolham esse canivete aleijado ! (para um zebuzinho preto, muito magro) hu ! hu ! Tira leite dessa vacca, ó canudo de pito !»

Uma farpa feriu um boi na veia e o sangue começou a correr. Enterneamento geral. Parou a tourada para se remendar o boi. Lacharam-n'o, coseram a ferida, operação demorada que consumiu vinte minutos. O povo, tomado de piedade, não consentiu que farpeassem os demais.

Havia palhaço, e este palhaço fazia jus ao cinturão de ouro do Desenxabimento e da Molleza. Tinha preguiça até de andar, preferindo apanhar marradas a apressar o passo.

Lá quando a banda de musica atacou a «Amoureuse», o ladrão atravessou a arena dansando. Mas valsava com tanta preguiça que o povo rompeu num berreiro encolerizado. «Lynch a o cynico !» «Mata !» E choveram-lhe em cima desafetos e cascadas de pinhão.

Rematou a festa a «pantomina», como rezava o programma.

Appareceu o Pançudo, figura de um comico prodigioso.

Tinha tanto de largo como de alto. Perfeita esphera, encimada por uma cabeça e «em-

baixada» por dois pés. Era um homem acolchoado. Mal apareceu, em passinhos miudos e lentos, uma voz o denunciou: «E' o Zé de Mamam! Ahi, negro safado!». E toda a gente morreu de rir ao ver o pobre preto, muito serio, a suar em bicas dentro da couraça de colchões. O boi investiu, e remessou-o longe. Vieram erguel-o os toureiros. Nova investida, novo rebolar. Nova erguida. E a bola approximava-se do touro já desconfiado, em passinhos miudos de quem traz as pernas presas, offerecendo o trazeiro á marrada, um trazeiro onde havia um sol pintado de vermelhão. O povo torcia-se de goso. Por fim, todo enfuracado, com a palhaça espiada, recolheram-n'o rolando-o pelo chão qual uma pipa...

O REI . . .

Mette dó, nas touradas, o papel do boi, animal bronco, mas cheio da nobreza respeitavel de toda bronquidão honrada e séria, posto a luctar com uns macacos enfeitados, que fogem para aqui, escondem-se ali, esgueiram-se ao botes, bobeando ao pobre animal com uma capa vermelha. Não ha lucta. O boi, tomado de colera, investe contra o inimigo para se bater á moda heroica, de habito entre os seus. Mas só encontra vultos fugidios, miragens de homens que se somem ante suas marradas. Por fim o touro, comprehendendo o papel grotesco a que o obrigam, embezerra, baixa a cabeça, com lagrimas de vergonha e dor nos olhos bondosos, e não se presta mais ás sôrtes. O papel do boi será

idiota, mas o do toureiro é vil. No entanto, o homem é que é o rei dos animaes...

VELHICE DE ALDEIA

O velho Porto mora fronteiro. Sempre que chego á rua a primeira cousa que se me antolha é sempre o mesmo quadro: uma janella baixa enquadrando meio corpo dum velho de capote e chapéu á cabeça. Os movimentos unicos são um erguer de braço levando o cigarro á bocca, uma baforada lenta, e o braço que desce. Está esperando a morte desde os oitenta annos. Mas a morte não se lembra delle — anda por ahi a ceifar criancinhas de carne macia . . .

SALTO ALTO

A Benedicta, cosinheira da casa do João Saracura, passou annos de vida a sonhar com um par de sapatos de salto alto. Um dia encheu-se de coragem e applicou as economias n'um delles. Inaugurou-o numa tarde de procissão. Pois torceu o pé e está ha dois mezes no hospital. Moralidade: o melhor da festa é esperar por ella.

A ENXADA E O PARAFUSO

Cada terra com seu uso. O nosso theatriinho sempre usou campainha para as chamadas. Campainha é um euphemismo. Havia lá dentro uma enxada velha pendurada a um arame, e um parafuso de cama, cabeçudo, ao lado. Os sinaes eram repicados alli.

Veiu um mambembe pernóstico e calou a enxada, substituindo seus sonidos por tres pancadas de pau batidas no assoalho. No primeiro dia o povo da platea entreolhou-se ao ouvir aquillo e lá pelo poleiro houve risadas e assobios. O delegado quiz intervir.

— Estes diabos parecem que estão mangando comosco !

Explicações. O emprezario provou que aquelle sistema era a ultima moda de Pariz. Os espectadores entreolharam-se, desconfiados. Estavam nessa indecisão quando o Major dirimiu a pendenga com o peso de seu vozeirão.

— Mas isto aqui não é Pariz.

E a velha enxada sonorosa voltou a ser tangida pelo parafuso cabeçudo.

RABULICES

Nos dias de Jury reunem-se os advogados e rabulas na ante-sala do tribunal, os primeiros a virem, os ultimos a sairem, como gente que procura gozar bem gozado um *habitat* poucas vezes proporcionado pelas circumstancias. E ali, como peixes n'água, á vontade, dão largas á comichão mexeriqueira da rabulice, esquecendo-se em interminaveis palestras sobre processos, actos judiciarios, movimento forense, nomeações, negócios profissionaes, pilherias juridicas. As cabeças estão abarrotadas de leis, regulamentos, decretos e factos juridicos, a modo de só tomarem conhecimento das relações entre o facto e a lei escripta e nunca entre o facto e a lei natural — o que é proprio do philosopho. Na natureza

só veem coisas fungiveis, infungiveis, moveis, immoveis, semoventes, bens, *res nullius*, artigos de emphytheuse — a carne e o osso, enfim, da propriedade. Essa janellinha que o artista e o philosopho trazem aberta para a natureza bruta ou para a humanidade, vistas, uma como turbilhão de forças em perenne esfervilhar, e outra como oceano de paixões onde se debate o *homo* — animal filho da natureza, todo elle vegetação viçosa de instintos violentos — o homem de leis abre-a para a rede de fios só para elle bem palpaveis, fios que elles tramam e destramam, fios que atam os homens entre si e depois á Natureza convertida em *propriedade*.

E toda a maranha velhaca que isso é congloba-se debaixo da mais bella concepção do idealismo — a Justiça...

TALENTO DE CARANGUEJO

Um «servidor da patria» custa-nos 600\$000 por mez. Em 30 annos de serviço comeu 216 contos. Em 20 annos de aposentado digeriu mais cem. A viuva roe de montepio mais uns cincoenta. Total: trezentos e tantos contos para gatafunhar papel com — Expeça-ses, Remetta-ses, Conferes etc.

Sem elles os negocios do Estado marchariam na mesma, senão melhor.

Um kilometro de estrada de rodagem custa ao governo 30\$000 reis por anno, de conservação. O conservador conserva para si o cobre e conserva os buracos da estrada, de modo que nunca as temos transitaveis.

Com o preço de um «servidor da patria» — estafermo hemorrhoidario de inutilidade comprovada, construia-se uma estrada inteira de macadam ou de pedra, á romana, e o paiz daria uma passada larga para a frente. Não obstante a sim- pleza deste calculo, continuamos a não ter es- tradas para termos «servidores da patria». Que ani- mal de talento é o caranguejo !

OS PIOS

Ha na casa do Octacilio uma collecção de pios de inambú. Mais de cincuenta. O irmão explicou-nos o caso. Octacilio é um genio em materia de pios. Afeiçoa-os com tal mestria que ave nenhuma, piada por elles, vacilla um se- gundo. E como é assim, recebe sempre encom- mendadas de pios, por parte de amigos caçadores. Octacilio não foge a fabrical-os; mas, se saem perfeitos, Octacilio não tem animo de se desfazer das obras primas, e guarda-as. Ora, como Octa- cilio é um artista perfeito, os pios nunca saem imperfeitos. Vem d'ahi possuir Octacilio um ar- senal de pios e os seus amigos morrerem de ve- llhos sempre á espera de obter um pio marca Octacilio.

IN ILLO...

De viagem a S. Paulo pernoitou em Pinda- monhangaba uma princesa, hospeda d'uma baro- neza local. Quando se partiu, a dona da casa,

ao arrumar o quarto principesco, percebeu que S. A. deixára n'um rico vaso de prata uma reliquia personalissima. Reboliço. Romaria ao quarto. Commentarios. A baroneza chama uma criada: «Vá dizer á Nhanhā (sua melhor amiga) que venha cá, ver uma cousa. A Nhanhā veiu, e viu.

Satisfeita a curiosidade geral perguntou a criada se podia deitar fóra o *recuerdo*. A baroneza pensou um bocado, vacillante; depois disse:

— Não, ainda não. O tio Chiquinho ainda não viu, e elle vem da roça amanhã.

O tio Chiquinho era republicano, e havia curiosidade em conhecer as impressões de um republicano...

DESEQUILIBRIO

Outrora na Polonia, diz Sorel, os camponios não se sentiam cidadãos, a nação os repelia, e elles a não conheciam. O nosso caboclo está nessa phase. Pela extrema disseminação vive insulado. Não forma sociedade. Pontos de contacto com o governo, pouquissimos: o inspector do quarteirão, o soldado do destacamento, o juiz de paz no dia do casorio. Em materia de religião, deformaram o catholicismo de parceria com o negro, e cultuam essa caricatura do christianismo. Guardam dias-santos, baptisam-se, e só. Às vezes acompanham uma procissão. As camaras mataram o Divino, que era a parcella de exterioridade catholica unica a chegar até elles, porque ambulante por caminhos e devezas.

O padre: sentem-lhe o contacto no baptismo e no casamento. Nunca mais. O commercio cifra-se no mascate ou no italiano de vendola fixa, que fia e lhe compra os mantimentos com antecipação de colheita. Despegados em absoluto da vida mental do paiz. Em lucta permanente com a terra e o tempo. Nunca recorrem á justiça — têm-lhe medo, sabem como ella é iniqua para com o pobre. O governo, o chefe supremo, é um rei de baralho. A gente das cidades são os graúdos. Desconhecem a escola. O antagonismo entre o interior-sertão e o litoral civilizado é tão grande, e accentua-se tanto, que o phenomeno Canudos ameaça, no phenomeno Contestado, de erigir-se numa permanente...

PÉ NO CHÃO

Fica no extremo da rua o Grupo Escolar, de modo que a meninada passa e repassa de frente á nossa janella. Notei que muitas crianças sofriam dos pés, pois traziam um no chão e outro calçado. Perguntei a uma dellas :

— Que doença de pés é essa? Bicho arruinado?

Ella baixou a cabeça, meio vexada ; depois confessou :

— E' «inconomia».

Comprehendi tudo. Como nos Grupos não se admittem crianças de pés no chão, inventaram as mães pobres aquella pia fraude. Um pé vae calçado; o outro, doente de um imaginario mal chronicó, vae descalço. Assim, um par de bo-

tinas dura por dois. Quando o pé de botina em uso fica estragado, transfere-se a doença de um pé para outro, e o pé de botina de reserva entra em funcções.

Dest'arte guardadas ficam as conveniencias, com o dispendio reduzido á metade. Acata-se a lei, e guarda-se o cobre.

Bemditas sejam as mães engenhosas !

A RELIGIÃO

A Nonoca (ella e todos as mais) usa a religião como um chale de familia. A mãe já o trazia, como o trouxeram a avó, a bisavó, a tataravó. Ensinaram-lhe em pequena como se penteia o cabello e como se enleia a alma na religião — mas sem falar em alma. E a religião das mocinhas, transforma-se em puro entraje externo : a missa, a novena, o padre, a communhão. E como o figurino não varia, o chale é o mesmo que usou a avó, as mesmas as ramagens, o mesmo o geito de o trançar. O espirito não entra ali por um escrupulo sequer. E' um traste caseiro de uso forçado e machinal.

CABECINHAS DE BONECA

Um delles viu numa revista a micro-fotografia duma pulga. E contava o caso ao irmão menor, na sua linguasinha pitoresca.

— E' cheia de ossinhos por dentro ! Tal qual a gente . . .

O outro ouviu dubitativo e resolveu tirar a prova. Apanhou uma pulga do *Joli*, estalou-a entre as unhas e examinou-a minuciosamente. Depois concluiu :

-- E' mentira ! Pulga não tem osso. O que ella dentro é um estalinho !

BARQUINHAS DE PAPEL

Quando chove, logo que passa a carga d'agua e o enxurro transforma a rua num sistema potamographicico de rios e riachos vermelhos, começam a derivar barquinhas de papel. A casa do Joaquim, o moleque chefe da rua, vira estaleiro. Saem de lá as grandes, com bandeirolas. A mocinha da esquina tambem deita a sua. E quem a seguir com os olhos verá o rapaz moreno que mora na outra esquina, e está á janella, correr á rua, apanhal-a, e ler, rison' o, a mensagem a lapis da sua namorada...

O HEREJE

Os filhos do capitão Zarico brincam todos os dias debaixo da minha janella. E' a ciranda, é o pegador, é a senhora pastora. A preta Esmeria fica, com o caçula ao collo, vigiando-os. Hoje estava lá ella ás voltas com o pequerrucho:

- Quem tirou o toucinho d'aqui ?
- Foi o gato.
- Que é do gato ?
- O fogo queimou.

— Que é do fogo?
 — O boi bebeu.
 — Que é do boi?
 — Está dizendo missa...
 Resmunga a preta:
 — Crêdo! Tão pequenino e já hereje como
 o pae!

JUQUITA

O Juquita é o terror da bicharia miuda. Cães e gatos conhecem-no de longe. Esta manhã estava a brincar com um sanhaço semi-morto, que, de repente, não se sabe como, sumiu. O menino procurava-o quando passei.

— Não viu o meu sanhaço?
 — O gato o pegou, de certo — sugeri.
 — O gato? — e Juquita riu-se com um ar apiedado da minha asneira — o gato não tem *coragem* de chegar perto de mim!

A IDADE FELIZ

Sempre que o Guilherme me vê sentado, a escrever, trepa-me ao collo e fica muito attento a seguir os movimentos da pena sobre o papel.

— E' trem? pergunta.
 — Não, filhinho, estou a escrever.
 — E' carta?
 — E'.

Satisfeita a curiosidade, fica a olhar, fungando... De repente acode-lhe uma ideia e pede

que «escreva um trem». Não ha um remedio senão pintar um comprido trem de ferro, com inumeros vagões de muitas janellinhas.

Se esqueço a fumaça da locomotiva, reclama-a logo, como reclama todas e janellas n'algum carro onde as haja de menos.

— Agora escreva um corvo sentado aqui — e o dedinho gordo aponta a chaminé.

— E' um boi aqui. E um gatinho aqui. E um porco.

E o trem vae virando poleiro de bicharia. No melhor da festa, porém, o seu corpinho amolerce, descaem os braços e todo elle se derruba n'um somno de anjo...

CARNAVAL

Terça-feira de entrudo. O cinema está cheio. Vaporisa-se o ar de ether perfumado. Vae lucta accesa pelos camarotes. Mocinhos sorridentes atacam a bisnaga as mocinhas empilhadas dentro, as quaes repellem o assalto escondendo os olhos, todas retorcidas em momices de requebros. Sacodem os lanças-perfumes á altura dos olhos dos assaltantes e afinal os põem em desbarato. Victoriosas e afogueadas, commentam a lucta, examinando as bisnagas n'um rapido balanço da muñição consumida. O pae, a um canto, aconselha economia — que um tubinho daquelles vale o preço duma arroba de café! A peleja cresce de vulto, ganha o theatro inteiro. Onde está um grupo de moças, está a escaramuça. Ha guerrilhas pelos corredores, pégas tremendos na platéa.

Veem-se marmanjos abandonar de subito a refrega, e fugir, de mãos nos olhos em braza, cuspidhando os confettis que lhes atafulharam na bocca.

Todo o mundo está pintalgado de rodelinhas polychromicas que ás caras suadas se grudam, como obreias.

De repente a luz se extingue. Vae começar o espectaculo. Abre-o uma sornice desenxabida de Pathé. Cessa a guerra, resfriada a meio pelo armisticio da treva. A tela desdobram-se umas scenas sempre as mesmas, demonstrativas da pieguice do francez, que decididamente, em cinematographia, é um Deus nos acuda de chateza. Não faltam os celebres beijos compridos — que já o povo chama beijo de cinema — beijos que tiram suspiros das meninas frangotas e fal-as poussarem o pensamento nos Chiquinhos, Zézinhos, Lulús e Totós dos seus anhelos, áquell' hora perdidos no escuro da platéa. Já Escrich — o unico romancista lido com prazer pelas nossas meninas — lhes havia ensinado o como, porque e quando de taes beijos de metro e meio. As fitas vieram completar o curso com a exemplificação visual.

Haja occasião e os Chiquinhos e Zézinhos colherão os fructos do ensinamento. Escandalisam-se os velhos com isso, mas é inveja pura.

Após a «pathesada» entra a Cines a maçar o povo com um trabuco historico da época romana. Para o diabo os romanos!

Ao cabo, reaccende-se a luz — e referee de novo a batalha. Rebentam estouros de bisnagas vasias remessadas ao chão.

O calor suffoca. Explodem gritinhos, risadas.

O exercicio carmina as faces das moças, pondelhes em alta a belleza. Ficam lindas as bonitas, apaga-se a feiura ás feias.

Carnaval ! Carnaval ! Tró-ló-ló !

Numa frisa de meninas vestidas de papel de seda encrespado, um pequerrucho de tres annos cabeceia de somno. Está empapelado de carmesim, com um grave nariz de homem a recobrir o narizito que Deus lhe deu. Afinal pende a cabecita sobre o hombro e cae n'um somno de anjo. Carnaval ! tró-ló-ló !

O JESUINO

Quando os juizes de facto se fecham (ou são fechados) na sala secreta, ficam de guarda á porta os officiaes de justiça. O juiz vae fumar e a prosa se generalisa dividida em grupos. O grupo donde saem coisas mais interessantes é o dos officiaes. Jesuino, porem, é o unico interessante. Os mais, uns songa-mongas. Jesuino é o decano da clan. Mulato velhusco, grandalhão, tem um falar pausado e lento como carro de boi serra acima. As historias que elle desfia são sempre as mesmas, aventuras onde o meirinho sempre trunfa ás avessas. Já absorveu muita pancada, e até cargas de chumbo.

Como é homem da lei, não reage senão por meio da lei. E' comesinho ir citar um caboclo na roça e ser hospedado a guatambú. Volta glorioso. Cada gallo na testa, cada vergão no corpo elle os traz como estigmas do martyrio que vive padecendo em prol da Justiça. Exhibe-os

ao juiz e exhibe-os sobretudo á parte que promoveu a citação. Esta commove-se e paga-lhe o gallo. D'ahi a calumnia dum seu collega de officio :

— O Justino ganha mais com os gallos da testa do que com as custas. Para mim aquillo é embroma. Elle cita o homem e de volta vem dando cabeçadas nas porteiras para pegar a gorgeta...

CAVALLINHOS

(FRAGMENTO DE UM ROMANCE GORADO)

(Saleta em casa de D. Didi. Lauro, seu sobrinho, está só, fumando, na cadeira de balanço. E' dia de procissão. Noitinha. Elsa é a filha casada de D. Didi. Juquinha é o filho de Elsa. O mais o leitor entenderá, se ler e não fôr péco).

Elsa entrou da rua como uma papoula suada, na sua blusa de seda carmesim, e repuxando com o dedo a gola, refrescava o pescoço afogueado com abanos frenéticos de leque. Falou da procissão, que estava linda, um pavareu, muitas palmas. Disse que nunca vira tanta gente na igreja; que não se podia respirar, que estava assim! (e apinhava os dedos), que a filha de Nha Vica fez um berreiro dos demonios, que não sabia porque levavam crianças á igreja.

— Porque não foi, Lauro?

— Eu... ganiu o primo derreado na cadeira de balanço. Não concluiu. Entrava dos fundos D. Didi. Elsa beijou-lhe as mãos, abraçou-a.

— Porque não foi, Didi, aos cavallinhos hontem? Esperei-a lá. Não imagina o que perdeu! A companhia é optima!

— Não pude, passei mal o dia, dôr de cabeça, visitas...

— Pois perdeu. Ha lá um menino que é um prodigo. Pouco maior que o Juquinha. Completely desengonçado. Faz trabalhos pasmosos, que contando não se acredita. Pega nas duas pernitas e cruza-as na cabeça, aqui na nuca, e com as mãos pula como um sapo. Depois desengonça a cabeça e gyra com ella como se a tivesse presa por um barbante. Uma coisa extraordinaria ! O sujeito do trapezio não trabalha mal. Achei muita graça no Juquinha — era a primeira vez que elle ia ao circo : «que é que você gostou mais»? perguntei :

— «Eu gostei mais do homem que se balança na rede e cae na peneira». A rede é o trapezio e a peneira é a rede de malhas...

Todos riram, a vóvó com delicias, Lauro complacente, recebendo Juquinha, que estava á janella cuspidando nos transeuntes, olhares cheios de admiração amorosa. Elsa parolou inda um bocado. Depois, voltando-se para o primo :

— Que horas são, Lauro ?

— Sete e meia, expectorou o moço com um pigarro que foi cuspir á rua.

— Quasi horas!... Começa ás oito. Não vae, mamãe ? Vá, a senhora precisa de distracções. E' por causa disso, desse aferrolhamento em casa que anda assim, magra e amarella. Sáia, espaneje-se !

Nisto espoucaram foguetes. Elsa contou-os de dedo para o ar.

— Tres ! é o signal. E você, Lauro vae ou não ?

— Pode ser que sim, pode ser que não, gemeu o philosopho.

— Que diabo de rapaz este ! «Pode ser !

Ó velho de cem annos, ó caramujo ! desate isso !

vá !

— Fazer ? Ver trapezios ? meninos desossados, palhaço ?... Iria, se não houvesse lá nada dessas cousas, nem a moça que corre no cavallo, nem o homem do arame, nem...

— Mas que é então que havia de haver ?

— Nada ; gente nas prateleiras cochilando e na arena um gato morto, a cheirar...

— Ai que isto já é mania d'originalidade. Pois vou eu. Não tanto pelos trabalhos como pela troça, o farrancho. Bole-se com um, atira-se uma casca de pinhão n'outro, e assim corre a noite alegremente. E quem não fizer isto neste cynismo de terra, morre encarangado, cria orelha de pau !

Ageitou sobre o penteado o fichú de sedinha vermelha, deu uns retoques á cara, no espelho, e com um «até logo, corujas», saiu com o Juquinha.

D. Didi recolheu. Lauro ficou outra vez só na saleta, uma perna sobre o braço da cadeira de balanço, fumando pensativamente. No ouvido zoava-lhe ainda a parolice viva da prima. Consultou o relogio : quasi oito. Ergueu-se, tomou do chapeu, atirou para dentro um «boa noite» somnolento e saiu.

Noite de luar. No alto a lua cheia apascenava um rebanho de nuvensinhas acarneiradas. Lauro deambulou a esmo, de mãos cruzadas ás costas, batendo o calcanhar com o ponteiro da bengala.

Familias deslisavam pelas ruas com rumo ao circo ; deslisavam como sombras á luz baça do kerozene. Magotes de pretas passavam, tarralhando, n'um rufo de saias engommadas. Iam com pressa, n'uma açodada ancia pelas molecadas do palhaço. E Lauro rememorou os tempos em que tambem elle se tomava d'aquelle soffreguidão, nos dias magnificos em que o pae annunciava ao jantar : apromptem-se, que hoje vamos aos cavallinhos. Com longa antecedencia já elle e os irmãosinhos estavam vestidos com a roupa nova, gorro de marinheiro, bengalinha de juncos, sentados á porta da rua, esperando anoitecer. No bolsinho tiniam tostões para as empadas. E Lauro reviu nitidamente o Laurinho de outrora, trotando para o circo á frente do farranco, e, depois, sentado na terceira fila das archibancadas, lançando olhadelas gulosas para a ultima, rente ao panno, onde se repimpavam os moleques. La é que era a pandega !

A sineta soava. O povo pedia o «paiaço». Vinha um «casaca de ferro» espevitlar os lampões. Era um berreiro : arára, arára ! ó caradura ! O homem, impassivel, ia graduando a luz dos belgas, um a um, sem pressa ; depois pegava da corda e içava aquella coroa de lampões accesos, aos goles, até meio mastro. Rompia a musica. Bem maçante a musica... Afinal, começava a função, e o palhaço entrava como uma bola, rolando em cambalhotas. Tão engracado ! Um relogio nos fundilhos do calção marcava 1|2 dia. Na cabeça, inclinado para a orelha. o chaspelinho de funil, microscopico. Bastava-lhe ver o palhaço e desandava a expremer risos sem fim.

A cara caiada, com enormes sobrancelhas vermelhas, os modos, a roupa, tudo tinha tanta graça...

Mas o melhor eram as micagens e as historias. «Venha cá seu cara de burro, quem de 20 tira dois quanto fica?» O casaca de ferro respondia: «Dezoito, naturalmente». «O' burro, fica zero!» O povo estourava de riso, e Lauro com elle...

Depois vinham os trabalhos. Não gostava. O arame, que caceteação! O trapezio, maçante. Mas gostava dos cavallos porque reaparecia com elle o palhaço e o Tony. Oh! como era bom quando havia Tony! A gente estava distrahida e de repente *plaf!* Que foi? O Tony que caiu! E cada tombo...

No melhor da festa apparecia um idiota com uma taboleta: INTERVALLO. Tinha-lhe odio, ao desmantha prazeres.

Todos sahiam. Ficava só a mulherada. Então cochilava e ás vezes dormia recostado na taboa dura. Por fim voltavam todos, e o papae trazia embrulho de doces, pasteis...

A pantomima! Era o melhor. «Salteadores da Calabria», a «Estatua de carne...» E a «Maria Borracheira»? Vira-a duas vezes, e nunca havia de esquecer aquelle desfile de figurões historicos, Garibaldi de muletas, o general Deodoro, Napoleão...

Nisto chegou Lauro á praça onde zumbia o circo. Lá estava a classica barraca, illuminada por dentro, deixando vêr desenhada no panno a silhueta dos espectadores repimpados nos bancos de cima.

Em redor, taboleiros, com lanternas dubias a allumiari as cocadas queimadas, os pés de moleque, as talhadinhas; e mulatas gordas, ao pé, vendendo; e bahús com pasteis, cestas de amendoim torrado, balaios de pinhão cosido. E grulhando em torno o povileu miudo, de bolso vasio, que namora as cocadas engulindo em secco, e admira com respeito os peitudos que vão chegando á bilheteria e malham na taboa um punhado de nickeis, pedindo com entono: uma geral!

O encanto de tudo aquillo, porém, estava morto. Tanto é certo que a belleza das coisas não reside nellas, senão na gente...

NOITE DE S. JOÃO

— A fogueira !

— Confluem todos para ella. A palhaça de milho sotoposta á lenha miuda que lhe servia de intestinos vê-se ateada em fogo pelos quatro lados. A principio é uma crepitação indecisa, acompanhada d'um fumegar discreto. Depois, estrepitos, estalos, e rolos de fumo espesso. Um fogo insolente ronca dentro da prisão do toros que quatro espeques de jissára mantem em fórmula, escorados nos encruzes.

Pannos de labareda esgarçam-se, tentando, de arranco, seguir a fumaça faúlhenta em seu vertiginoso elance para o alto. Um clarão vermelho illumina o terreiro, chapeando os vultos d'um debrum de cobre polido.

E barulham gritos, palmear de crianças, apupos, vivas, aos quaes casam os bambús do recheio seus estouros de bomba. A faiscalha ascendente galga o céu recamado de estrellas como um chuveiro invertido.

O frio fino da noite puzera todo o mundo em torno á fogueira, de mãos espalmadas para o seu calor irradiante. Mãos e pés. Um diluvio

de pés entanguidos, pés de marmanjões, pés calçados e «pés no chão», pesinhos de criança, pés brancos, pés pretos e pés mulatos, — das criadinhas e molecotes, crias da casa, em alegre confraternizar, apinharam-se para ella nas mil attitudes de «aquentar fogo».

A criançada furtalhe os tições a geito e, guiada pelos peraltas, scinde-se em grupos para queimar bichas da China ou bichas de rabear. O ar estrelleja ao estalo daquellas, e estas zig-zagueam pelo chão a chiar faiscas como buscapésinhos de Liliput.

A' porta da casa escorva-se o primeiro pistolão de côr.

— Caminho, gente ! «Evae» fogo !

Abre-se uma ala por onde, d'um repuxo de faiscas, jorra a primeira bomba, d'um verde de doêr nos olhos.

O esverdeamento da scena attrae todos os olhares, seguidos d'um espontaneo e sincero «bonito !» Vem outra mais forte, vermelha, e outra azul, e outra branca... A cada *plâff* ha um voltar geral de caras. e «ao ultimo um «que pena! outro! outro!» E os pistolões se sucedem, com reboliços na molecada ao fim de cada um, para a disputa do canudo.

Ahi o quadro perde a unidade. De cada lado scenasinhas pittorescas dividem a attenção.

Subito :

— Mamãe, Zequinha queimou eu !

Um menino apparece berrando, a sacudir um dedo preto do chamusco d'uma bicha que o irmão «de proposito» lhe atacou em cima. Acomdem mulheres a rodear a criança com exclama-

ção de piedade, e uma velhota lembra o kerozene como um porrete para queimaduras. Surge logo uma lamparina de petroleo ás mãos duma creadinha e concerta-se o dedo ao Jojoca, que, mal sarado, fungando e soluçando ainda, lá se volta ás bichas, seguido de longe pelos olhares resabiados do Zequinha ao qual a mãe, estalando os dedos, prometteu um «amanhã você me paga» sem consequencias, sabe-o o pequeno. Não o apadrinhasse S. João...

N'um grupo de taludotes conspira-se visivelmente. Tudo ali são meias-palavras e cochichos: *busca-pés... no meio do povo... vae ser uma pandega...*

N'outro, de fedelinhos, o Zequinha fazia-se centro de minuciosa attenção e sob o silencio só quebrado por um ou outro soluço do Jojoca, o peralta desmanchava um pistolão a cata das bombas, distribuindo a polvora aos amigos.

Nisto rebentam palmas no grupo dos moços.

— Bravos! viva a sanfona!

Era o Quim da venda que chegava, espremendo um dobrado na sanfona famosa.

Rodeiam-n'o ; inspiram-n'o com uma vez de canninha ; e cada qual vae pedindo a valsa da sua predilecção. Elle sorri-se ancho, perguntando: mas afinal que é que meceis querem ?

Teve maioria uma *Não te esqueças de mim*, «muito dançante», na opinião de Sinhasinha Lopes, a cujos primeiros compassos os pares se uniram de peito, circulando em torno á fogueira a sussurrar 'no ouvido as eternas amabilidades do galanteio.

Um magote ao lado commentava :

— Parsinho geitoso, a Miloca e o Lulú, não?
 — E gostam-se desde meninos; ouvi dizer que ella já foi pedida.

— Historias! Quem foi pedida um dia destes foi a Nenê. Mas parece que o sujeitinho levou táboa.

— Bem feito! Tenho birra áquelle coisinha. Pensa que é gente. Não viu o que andou dizendo de mim? Como coisa que eu era capaz de dar confiança a um moleque...

A sanfona gemia cadenciada, com o Quim deitado sobre ella, alheio ao mundo. Tocava bem, o ladrão. O segredo era graduar as doses de pinga.

E aquelles sons rythmavam os movimentos dos pares em gyro valsado, que enlanguecia um mixto de amor e de bem estar physico.

Perto delles espocavam as bichas, chiavam fogos inutilmente; nem sequer lhes attrahia os olhares o *puff* balofo dos derradeiros pistolões.

Subito, um busca-pé de limalha chiou ao longe, e como um raio epileptico enveredou pelo meio do povo, aos corcovos, creando o panico e a debandada.

Os dançarinos fugiram espavoridos, com as damas penduradas ao peito.

A meninada prorompeu numa grita atroadora meio medo, meio contentamento. Os velhos protestaram indignados, que era uma patifaria, que aquillo não se faz. No meio da desorganisação geral só não largou o posto o Quim, sempre deitado na sanfona, alheio ao mundo, absorto no rythmo fanhoso que su'alma de artista tosco ia arrancando ao instrumento querido.

Cessado o panico com o estouro final do busca-pé, o tio Pedro appareceu de porretinho em punho para «ensinar» o malvado. Quem foi? quem não foi? Não fora ninguem, ninguem vira. Fervia ainda o commentario e a indignação quando entram para o terreiro duas creadas carregando bandejas com chicaras e bules.

— A gengibrada! E vem a gengibrada!

Foi agua na fervura. Todo o mundo lembrou-se da garganta e esqueceu o busca-pé.

Era a vez de concertar os gorgomilhos e matar no ovo a possivel constipação. Por minutos um soprar de chicaras e um chuchurrar estalado de lingua dominou todos os barulhos.

- Está supimpa!
- Isto regenera o figado.
- Corrobora, pois não!
- Mais uma chicara, D. Lulú?
- Está ardidinha, está, mas boa que doe!
- Para mim nada como uma gengibrada com garapa! Me péllo!

— Está d'appetite, como diz o Eça.

Este commentario sahiu do literatelho da roda, Julio da Silva de nome e Julius d'Alcatrava no pseudonymo com que desovava sonetos semanaes nas folhas da terra. A Candoquinha, de ha muito pelo beiço, achou-lhe uma graça immensa:

— E' da pelle, este seu Julio!

Bem gengibrados, dispersaram-se de novo.

O Quim annuncio quadrilha. Organizaram-n'a num ápice.

Quem marcava era o Julio. Ah! o Julio tinha uma graça para marcar... era da pelle!

— «En avant tour»!

— «Grande chêne» !

— «Tour, a pas de porca» !

Gargalhadas, *quiá, quiá, quiá*; a Candoca fundia-se de gosto.

— Este seu Julio tem cada uma !...

Uma ex-musa do poeta não se conteve :

— Credo, Candoca ! você está escandalosa.

— Deixe. Isto é para quem pode !...

— «Jújú d'enfant» !

— «Grande confusion ! Tour» !

— Seu Julio, outra vez «jújú d'enfant» !

— Arre, Candoca !

Para lá da fogueira enchia-se um grande balão. A creançada rodeava-o, acotevelando-se, na aancia de ver melhor. O Zequinha era quem accendia a mécha e distribuia tabefes aos atrapalhadores. Um fumo sujo enchia o bojo multicor.

— Está prompto, pode largar !

— Ainda não, bôbo.

— Falta gaz...

— Agora !

O «segurador», sentindo-o com força, largou-o e o balão, vacillando, subiu a prumo. Foi um berreiro.

— Viva o balão ! Viva o Santos Dumont !

O Julio, que nesse momento estylisava um «tour» com a sua «vis-a-vis», a Candoca, aproveitou a ensancha para um dito.

— O amor, D. Candoca, é como o balão : quanto mais rapido sobe, mais rapido desaparece.

— Bom pensamento para um cartão postal, suspirou ingenuamente a menina, envolvendo o seu poeta num olhar de mel.

Nisto a fogueira desmoronou, golphando um bulcão de faúlhas para o ceu escuro.

— Bonito! Parece o Vesuvio!

O Julio incontinente «cascou» :

— Sabe, D. Candoca, como Deus fez as estrelas? Mandou que os anjos cortassem uma floresta e armassem uma grande fogueira da altura do Hymalaia. Accendeu-a e, quando tudo estava em braza, despegou um pedaço de ceu, e arremessou-o sobre ella. Ergueu-se então um repulho immenso de faiscas que foram subindo, foram subindo, até que se grudaram na abobada negra do firmamento...

— Lindo! Ha de escrever isso no meu album, esse lindissimo pensamento, sim? O que é ter alma de poeta!...

E lambusou-o de um novo olhar de mel onde não se sabia o que mais babava, se o amor, se a admiração pelo estheta...

• • • • • • • • • • • • • • • • •

GRAMMATICA VIVA

*De como se formam
locuções familiares.*

Itaóca é uma grande familia com presumpção a cidade, espremida entre montanhas, lá nos confins do Judas, precisamente no lugar onde o demo perdeu as botas. Tão isolada vive do resto do mundo que escapam á comprehensão dos forasteiros recem-chegados muitas palavras e locuções de uso regional não só corrente como diario. Entre ellas esta, que seriamente impressionou um grammatico em transito por ali: Maria, dá cá o pito!

Usada em sentido pejorativo, para expressar decepção ou pouco caso, e applicada ao proprio grammatico mal descobriram que elle era apenas isso e não influencia politica como o suppunham, descreve-se aqui o facto que lhe deu origem. E pede-se perdão aos grammaticões de má morte pelo crime de introduzir a anecdota na tão sisuda quão circumspecta sciencia de torturar crianças e ensandecer adultos.

O reverendo tomou do estojo os velhos oculos de ouro, encavalgou-os no batatão nasal, e

leu pausadamente a carta do compadre, que dava noticias da saude, pedia-as, e communicava a proxima «ida para ahi do doutor Emmerencio do Val, nosso ex-ministro em Vienna d'Austria, homem de muito saber e distincção de maneiras, um desses diplomatas á antiga, como já os não ha nesta republica que etc. etc.» em viagem de recreio pelo interior a matar saudades do paiz.

O reverendo coçou o toitiço com dedos sornas, e releu a carta demorando o pensamento nas palavras que pintavam o alto figurão itinerante em via de honrar sua casa com a nobre presença.

Verdade é que dispensava tal honraria, boa séccca á pacatez do seu viver abbacial, repartido entre missinhas de cinco mil reis (mais um frango), cachimbadas de muito bom fumo de corda e os pitéus (senão ainda a ternura, como propalavam más linguas) da sua optima caseira e afilhada, a Maria Prequeté. Culpa toda sua, aliás. Quem lhe mandára a elle possuir a melhor casa de Itaóca e ser, modestia á parte, um homem de luzes notórias, autor de varios acrosticos em latim?

Já d'outra feita hospedára um eloquente inspector agricola, e, logo depois, o tal sabio que collectionava pedrinhas — grande falta de serviço! Um diplomata agora... Ahn! a coisa variava.

Que viesse, respondeu ao compadre, mas que não esperasse encontrar na roça desses «confortos e excellencias de vida que é d'habito nas grandes terras».

Escripta a resposta foi o reverendo á cosinha conferenciar com a caseira acerca da hospedagem, e longamente confabularam sobre que pato seria

sacrificado (si o patão de peito branco ou aquelle mais novo, com que a viuva do João da Bichas lhe pagára a missa, a gatuna !) ; sobre a toalha de mesa e a roupa de cama, sobre o tratamento a dispensar — V. Excia., V. Senhoria, V. Diplomacia... Após longo bate-bocca, salpicado de injurias em calão e algum latim, assentaram no pato da missa, na toalha rendada e no V. Excia.

Combinados estes preliminares, uma nuvem de nostalgia ensombrou a cara nedia do reverendo. Os olhos penduraram-se-lhe no vago, saudosos, e de lá só desciam para envolver, com ternura viciosa, o velho pito de barro que lhe fumegava na mão.

Notou a Prequeté aquellas sombras, e :

— Acórda, boi sonso ! A mó' que está hervado ?...

O reverendo abriu-se. Era o pito. Eram já saudades do velho pito... Pois não ia privar-se desse amigo de tantos annos durante a estadia do «empata»? Era educado. Não queria impressionar mal a um homem de rara distincção de maneiras. E o pito, se é bom, é tambem plebeu, e mais que plebeu, chulo.

Reconhecia-o, reconhecia-o... Entretanto, tres, quatros dias — sabia lá a quantos iria a séccca ? — de abstenção forçada, sem que a bocca sentisse o contacto bemaventurado do saboroso canudo amarello de sarro ?... Doloroso !...

E o reverendo sorveu com delicia uma baforada massiça. Tragou-a. Depois, recostada a cabeça no espaldar, semiçerrados os olhos, semi-aberta a bocca, deixou-se sumegar gozosamente

como uma piúca de queimada. Coisas boas da vida!...

Mas que remedio? O homem fôra diplomata, e em Vienna d'Austria! Confabulára com archiduques e cardeaes... Homem de requintes... Era forçoso transigir com o pito, o rico pito, aquelle amor de pito... Sim, porque a dignidade do clero antes de tudo. Lá isso...

Dias depois nova carta annunciou que «o tal das Europas» amanhã de tarde repontaria por ali.

Grande alvoroço de saia e batina. A Prequeté arregaçou as mangas — braços a Machado de Assis tinha a morena! — e poz de pernas para o ar a casa. Varreu, esfregou, escovou tudo, demoliu teias de aranha, limpou o vidro do lampião, matou o pato e desfez com decoada cincuenta pingos de gemma d'ovo que constellavam a batina nova do padrinho.

— Arre! que até parece uma gemmada! rengingou, entre reprehensiva e caçoista. Depois, relanceando-lhe o olhar para o alto da cabeça,

— Chi! a corôa está que é uma tapéra! — exclamou. E, expedita, zás, zás, dá-lhe uma a-limpa de tesoura.

— E o breviario? — interpella de subito o padre.

Andava sumido ha tempos o raio do livro; procura que procura, descobrem-no, afinal, no quarto dos badulaques, feito calço d'uma commoda capenga. A Prequeté — maravilhosa caseira! — c'uma dedada de unto põe-n'o escorreito e en-

vernizadinho, a fingir com tanta perfeição uso diario que nem Deus desconfiaria da marosca.

— Que mais? — disse ao cabo, plantando-se á distancia para uma vista de conjucto no seu restaurado padrinho. E como d'alto abaixo tudo estivesse a contento,

— Está mesmo *pshutt!* concluiu, brejeira, borrifando-lhe por cima um chuvilho d'agua Florida para disfarçar o ranço.

Ficou o padre um amor de reverendo, liso e bem amanhado como um conego de oleografia. Elle o reconheceu ao espelho, e, nadando nas delicias daquelle carinho sem par — e muito agradavel a Deus, pois não! — sorriu-se babosamente, com a cara inteira.

— Esta diabinha!...

A arrumação conclusa, da corôa do padre á cosinha, postou-se a Prequeté de vigia á janela, indagando os extremos da rua enquanto o reverendo, lindo como no dia da primeira missa, passeava pela saleta chupando as derradeiras cachimbadas do dia. Subito,

— «E vem» vindo o *reis!* — exclamou a atalaia.

O reverendo metteu o pito na gaveta, passou a mão no breviario e rumou para a porta da rua. Instantes depois defrontava-o um cavaleiro. O padre correu a segurar-lhe a redea e o estribo.

— Queira apear-se V. Excia., que esta choupana é de V. Excia. Sou o padre vigario, humilde servo de V. Excia.

O diplomata, como que resabiado com tão respeitosa acolhida, deixou-se descavalgar. Mas sem garbo, esquerdão e reles, como ahi um pu ha qualquer. Entrou. Trocaram-se rapapés, palacianos da parte do reverendo, mal achavascados, — quem o diria! — da parte do cortezão que conversára archiduques e cardeaes. Houve etiquetas revividas, sempre claudicantes do lado diplomático. Houve ceremonias.

Mas o doutor não era positivamente o que se esperava. Já no physico desilludia. Em vez d'uma figura fina, de mundano, sahira-lhes uma magrella de barba recrescida, roupa surrada, chambão e alvar. Emfim — pensou lá consigo o reverendo — o habito não faz o monje. Quem sabe sob estas apparencias vulgares, e talvez rebuscadas, não luz o espirito de um Talleyrand ou as manhas d'un Metternich?

Foram-se para a mesa. No decurso do jantar accentuou-se a desillusão. O homem comia com a faca, baforava no copo, chupava os dentes... Um puro alarve!

O reverendo observava-o por cima dos oculos, e piscava para a caseira que, pela fresta da porta, torcia o nariz á pifia excellencia excursionista.

Ao trincar do pato, desastre. O doutor deixou cair ao chão um osso, que apanhou logo, muito encalistrado. Depois, ás voltas com uma aza do palmipede, falseou-lhe a faca, resultando espirrar-lhe na cara um chuvisco de arroz. A Prequeté por sua vez espirrou lá dentro uma risadinha de mófa, acompanhada de um mortificante — *ché!*...

O reverendo entrou-se de duvidas. Era lá possivel que o Dr. Emmerencio do Val fosse um estupor daquelles?

A' sobremesa caiu a conversa sobre a politica e o doutor desmanchou-se em sandices typo quatro de boa torração. Em quanto asneava, o padre matutava lá comsigo :

— E eu com ceremonias, e eu com bobices, querendo até privar-me do pito por amôr dum Zé-faz-fôrmas destes! Fumo-lhe nas ventas e já!

Nisto veiu o café. Em quanto o ingerem o doutor entra a discorrer de remedios, pharmacias e projectos de estabelecimento.

O reverendo, decifrando o enigma, deteve a chicara no ar.

— Mas, então, o senhor...

— Sou pharmaceutico, e venho estudar a localidade a ver se é possivel montar aqui uma botica. Portei em sua casa porque...

O padre mudou de cara.

— Então não é o Dr. Emmerencio, o diplomata?

— Não tenho diploma, não senhor, sou pratico...

O padre sorveu d'um trago o café e refloriu na cara sorrisos de beatitude; depois, desabotando sem pressa a batina, atirou com os pés para cima da mesa, expelliu um succulento arrôto de bemaventurança e berrou para dentro :

— Maria, dá cá o pito!

PEDRO PICHORRA

Quem dobra o morro da Samambaia, com a vista enjoada da verdura monotonia, espairece na Grotá Fria ao dar de chapa com uma si-
tioca pitoresca.

E passa levando nos olhos a impressão da-
quella sephia afogada em campo verde. Casebre
de palha, terreirinho de chão limpo, mastro de
Santo Antonio com os desenhos já escorridos da
chuva, e bandeira rota, trapejante ao vento...
Dois mamoeiros no quintal, apinhados de fructos,
canteiros de esporinhas, com periquito á roda e
mangericões entreverados... Um pé de gyrasol,
magro e desenxabido, a sopesar no alto uma ro-
della côr de canario ; as laranjeiras semi-mortas
sob o toucado de herva passarinha...

Nos fundos da casa vê-se o lavadoiro, des-
coivarado apenas, n'um poço onde o corgo re-
brilha tres palmos d'agua. Sobre um taboão em-
borcado a meio lá está batendo roupa a Ma-
rianinha Pichorra, mulher do Pedro Pichorra, mãe
de nove Pichorrinhas. E' ali o sitio dos Pi-
chorras e até a Grotá Funda já é conhecida por
Fundão da Pichorrada.

Porque os antigos Pereiras de Souza, do Barro Branco, vieram a chamar-se Pichorras?

E' toda uma historia.

Pedrinho ia nos onze annos. Já se destabocára e já preferia em materia de fumo, o forte, bem melado. Na vespera realizára o sonho de toda criança da roça, a faca de ponta. Dera-lh'a o pae, como diploma de virilidade. «Menino, d'ora avante és homem. Aggredido, não gritarás por gente grande; é mão na faca, pé atraç e corisco nos olhos».

Não lhe falou assim o pae, mas leu Pedrinho essa fala na lamina rebrilhante. Por isso irradiava d'orgulho, imaginando pégas, aloites, tempoquentes e tocaias onde a sardinha alumiasse.

O pae, áquell' hora, de pé na soleira da porta, assumptava o céu. Viu que chover não chovia, e,

— Pedrinho! gritou para os fundos.

— Pae?

— Vá pegar a egua.

O menino passou mão do cabresto e mergulhou no pasto. Minutos depois repontou trotando em pêlo na Serena, egua velha, de muita barriga mas aguentadeira.

— Dê milho, do molle, e arrie.

O pequeno debulhou duas espigas no embornal e, enquanto a alimaria mascava o lambisco, alisou-a, ageitou-lhe no lombo pisado um sacco velho, depois a carona, o lombilho, o pellego.

— Não coche demais a barrigueira. Tem portinho.

O menino folgou dois dedos o arroxo e esperou um bocado, enrolando o cigarrinho, até que a Serena parasse de mastigar. Por fim arrumou o freio e montou.

— Agora você vae ao sitio do Nhéco e diga p'r aquelle tranca que dou o capadete pelos vinte e cinco mil réis.

Pedrinho abriu cara de quem estranhava a ordem.

— Sosinho?

— Ué! E a faca, então? Não é «companheiro»?

O argumento valeu. Pedro, sem mais palavra, deu redea e, *lepte lepte*, arrancou estrada afóra.

O pae, alisando machinalmente um palhão, seguiu-o d'olhos té perdel-o de vista na primeira curva. Depois, monologou:

— «Sósinho?» Ué! Até quando? E' preciso acostumar. Onze annos, é homem!... Eu com dez varava sertão.

Pedrinho trotava pela fita vermelha do caminho, sóbe e desce morro, quebra á direita, á esquerda, *pac, pac, pac...*

Pensava na volta. Teria tempo de transpor a figueira antes do escurecer? A figueira... Havia coisas do arco de velha ali...

Pela meia noite — diziam — o capeta juntava a côte inteira debaixo della e pinoteavam um samba do inferno.

Os sacy's marinham pelas galhos em cata de figuinhas, que disputavam aos morcegos. Lobishomens eram ás duzias que vinham focinhar o esterco das corujas. Almas penadas, isso nem era

bom falar. Quando o Quincas da Estiva contava casos passados ali com elle, não havia chapéu que parasse na cabeça.

Mas de dia, nada. Passarinhada miuda só, a debicar fructinhas. Foi o que Pedrinho viu, nesse dia, ao cruzar com ella. Mesmo assim passou rapido e encolhidindo, «por via das duvidas». Chegou ao Nheco inda com sol, e deu o recado.

Nheco, marotissimo, coça o cabello de milho da barbica, e embroma :

— Pois não. Mas não vê que o toicinho bai-xou. De Minas tem descido um poder de capadaria que mette medo. De sorte que você diga p'ro pae que nestes casos eu não sustento o trato. Se elle quizer vinte e tres mil réis... Diga assim, ouviu? Vinte e tres!

Pedrinho desandou para traz, pensando com-sigo : safado ! E veio todo o caminho absorvido em xingar mentalmente o aproveitador. Ao de-frontar a figueira o medo engrifou-o. Escurecia. A luz estava morremorrendo, pallida no alto, laranja esmaiada no poente. Por felicidade passaria a figueira antes da noite. Fechou os olhos, conjurou a encardido Santo Antonio da familia e transpoz dum galão o passo perigoso.

— Arre !... exclamou, com desabafo, olhan-do para traz e vendo a arvore maldita diminuir de porte. E *pac, pac, pac*, estrada em fóra, rumo do sitio.

Mas escureceu, e já perto de casa, vae se-não quando a egua empina a orelha e passa-rinha.

— Egua velha passarinhou é sacy — sugeriu dentro delle o medo. E o menino, retranzido, vê de subito, no barranco, um sacy de braços espichados, barrigudo, «com um olho de fogo que passeava pelo corpo».

— Nossa Senhora da Conceição, valei-me!

Assustado por aquelle berro o «olho do sacy
voou pelo ar, piscando»...

Pedrinho bateu em casa de cabellos em pé, olhos a saltar. Agarrou-se com o pae, tremendo, sem fala. A custo desatou o nó da lingua.

— O sacy, paï !...

— ?

— Para cá da figueira... na curva... barrigudo... preto...

O pae deu-lhe agua no cuité.

— Beba. Socegue um pouco, menino.

E depois d'uma pausa:

— Você está bobeando, Pedrinho. Não há sacy destas bandas.

— Juro, pae, por Deus do céu que vi !

E contou a viagem por miudo até á apparição.

— Altinho? Pretinho? — indagou o pae.

— Pretinho era, mas chatola, barrigudo assim como uma pichorra grande.

— Então não é Sacy — concluiu o velho, entendissimo que era em demonologia. •

— Fedeu enxofre?

— Não.

— 'sobiou?

— Não.

— Mexeu do lugar?

- Não. Só o olho. O olho andava e voava. O caboclo reflectiu um bocado, e por fim uma idéa lhe illuminou a cara.
- Onde foi isso? P'ra cá do corguinho?
- E'.
- No barranco?
- Justamente.
- O olho andou e depois voou, piscando?
- Tal e qual.
- E o corpo ficou parado?
- Isso mesmo.
- O velho clareou a cara, desmanchando as rugas da testa, e disse, rindo:
- O que mais não se aprende neste mundo! Sabe o que você viu? Você viu o sacy-pichorra!...
- E mudando de tom, depois de reflectir:
- Que delle a faca?
- P'ra que? perguntou o menino desconfiado.
- Deixe ver, dê cá a faca.
- Pegou della e pôl-a á cinta. E, risrido:
- Vá dormir.
- Pedrinho, comprehendendo a degradação, ergueu-se com lagrimas nos olhos.
- E a faca? perguntou.
- Fica commigo. P'ra você, porqueirinha, é canivete marca anzol ainda. E com infinita ironia:
- Vá deitar, Pedro... Pichorra!...
- O menino recolheu-se, sacudido de soluços. O velho pegou no borralho um tição e accendeu na braza viva um cigarro. Baforou uma fumaça com o pensamento no falecido sogro, Chico Vira, o caboclo mais poltrão da Estiva.

— Por quem havia de puxar o Pedrinho,
pelo Chico Vira...

E, assim, o rebento masculino dos Pereiras,
do Barro Branco, virou, por troça do proprio pae,
o tronco duma nova familia, essa Pichorrada que
hoje põe a nota sephia da sitioca na verdura mo-
notona da Samambaia.

Tudo porque a velha Miquelina deixára na-
quelle dia a pichorra d'agua a refrescar ao re-
lento, na beira do barranco, e um vagalume-
guassú pousára nella por acaso...

AS SEIS DECEPÇÕES

Puzeram-se de rumo á cidade os tres irmão-sinhos. Moravam longe, na chacara ; mas uma meia hora de estrada barrenta, com poças d'agua grossa, cor de café com leite, que ladeavam pela beirinha na ponta dos pés, e um tijuco meio molle, meio duro, empelotado pela pata dos bois, eram fracos empêcilhos á delicia semanal de «ir á cidade». A cidade vivia-lhes no espirito como alvo de todos os desejos e fim supremo de suas vidinhas trefegas. Lá moravam os parentes, a tia Salomé, as Franças, os amigalhotes ; era lá a igreja, a quitanda, o circo de cavallinhos, a «gente».

Após a reclusão de uma semana no ermo da chacara, ir gosar um domingo na cidade, fincar os cotovellos nas janellas da titia e perder toda uma tarde bem comprida a vêr e commentar a rua com repenicadas «boas-tardes» aos conhecidos, a «reparar» no vestido das moças, a achar «impagavel» a barriga monstruosa do Canella, vendeiro da esquina, e outras innocentes maldades mais — eram um prazer de sapatear ; mas para a Maria José e a Das Dores sómente, que o terceiro, Antonico, depois que deitara calças compridas, só pensava em bilhares e «troça de rapazes».

Naquelle dia iam com licença de se reunirem ás Franças, pousando lá. Caminhavam silenciosos, signal evidente de desacordo, que grulhavam como pintasilgos quando ardiam na ancia de realizar um mesmo projectos. Cada um suspeitava no outro um objectivo que não o seu — qual não sabia, mas diferente e antagonico ; e isso era o diabo, pois que em birra nunca houve irmãos de forças tão iguaes. Nenhum cederia — e nestes casos o desfecho era todos se privarem da festa para não «dar o gosto» ao parceiro.

A verdade era esta : Maisé tramára no ultimo domingo uma ida á dançata semanal do Recreativo, Antonico uma noitada de cavallinhos e das Dores uma visita aos presepes ; e como cada qual contasse reduzir os outros á sua idéa, cuidadosamente a calaram durante a semana inteira. Mas estava imminente a lucta e cada cabecinha ia ruminando a melhor tactica para vencer.

Aquelle silencio em que se escondiam era a pedra onde afiavam as armas, razão por que vieram mudos até meio caminho. Ali a necessidade de uma explicação definitiva desatou a lingua ao mais impaciente dos tres.

Das Dores com habil manha, quebrou o gelo.

— Os presepes este anno dizem que estão lindos ! O da Nhaninha Calabró é todo de botões e conchas. O da Fidencia tem tres monjolos que não param.

Tonico, percebendo o truque, contraveio despótico.

— Isso é se fossemos aos presepes. Vamos mas é ao circo.

— Sem licença de mamãe, Tonico ? que é

isso ?... insinuou Maisé, entrincheirando-se para o embate.

Antonico bravateou.

— Qual mamãe ! quem manda aqui sou eu e como eu vou, vão vocês tambem.

— Vocês é sucia, que eu não vou.

— Nem eu, secundou Maisé.

— Veremos.

Calaram-se de novo. A questão clareara em parte. Só Maisé conservava occulta a sua ideia, fiada na victoria do *tercarius*. Uns minutos passados, das Dores atirou novo bóte.

— Escavallinho ! — disse, com um bico de despreso — uma coisa que ha sempre ; presepe, ao menos é uma só vez no anno.

— Mas é sempre a mesma bobagem, obtemperou Tonico, quem viu um, viu todos. Uma folharada de matto. Para ver matto não se precisa vir á cidade. Escavallinho sim, companhia boa ; só o homem que come fogo...

Das Dores casquinou uma risada de escarneo.

— Olha o bobo que acredita nessas coisas, tamanho moço ! Aquillo é fogo de mentira que até eu como !

Maisé veio em seu auxilio com argumentos novos.

— Escavallinho é divertimento de gentinha, negrada, moleques.

Tonico esbravejou que era mentira, que lá ia muita gente boa, a familia do Dr. Moura não perdia uma noite, e quanto ao homem que comia fogo, comia-o de verdade, ellas é que eram umas bobas.

Houve nova pausa. Avistavam já a torre da matriz. Mais cinco minutos e estariam em casa das Franças. Urgia, portanto, liquidar a divergência. Maisé julgou azado jogar a sua cartada.

— Pois ha um meio de se remediar tudo : em vez de ir a presepes ou ao circo, vamos ao baile do Recreativo.

Os outros perceberam-lhe incontinenti o manejo e Tonico rompeu.

— A lambeta quer ir sapecar com Zézé, não é? Uma óva !

E, categorico, escandindo as palavras :

— Eu vim pa-ra ir ao cir-co.

— E eu pa-ra ver prese-pes.

— E eu pa-ra o sa-ráu, Se vocês não querem ir ao sarau eu volto d'aqui.

Maisé parou firme e imperiosa. Pararam os tres. Entreolharam-se com olhos raivosos.

— Se não se resolvem a ir ao circo eu...

— Eu que ?

— Eu volto para casa.

— Pois tambem eu volto, porque não vim para molecagens.

— Você é uma serigaita.

— E você um ranhento que quer ser gente.

Embezerraram. Tonico na frente endireitou a largos passos para a chacara.

As irmãs seguiram-no. Preferiam privar-se da antegosada festa a ceder um palmo de terreno.

Porque ?

Ah ! o caso não era tão simples como parecia. Atraz de cada uma daquellas vontadesinhas irreductiveis se alapavam motivos muito serios. Um Lulú esperava Das Dores no presepe da Cala-

bró. Um Zézé combinara dançar cinco valsas com Maisé no Recreativo. E uma Chiquita mandára ao Tonico um bilhetinho dizendo que iam todos de sua casa ao «circulo de excavalinho» onde esperava encontrar-lo sob pena de «namorar outro porque é muinto dificel amar gente que abita lonje».

Eis porque, nesse dia as decepções attingiram ao numero de seis...

CABELLOS COMPRIDOS

— Coitada da Das Dores, tão boasinha...

Das Dores é isso, só isso — bôasinha. Não possue outra qualidade. E' feia, é desengraçada, é inelegante, é magerrima, não tem seios, nem cadeiras, nem nenhuma rotundidade posterior ; é pobre de dinheiro e de espirito ; e é filha daquelle Joaquim da Venda, ilhéo de burrice eburnea — quer dizer, dura como o marfim. Moça que não tem por onde se lhe pegue fica sendo bôasinha.

— Coitada da Das Dores, tão boasinha...

Só tem uma coisa a mais que as outras : cabello. A fita da sua trança toca-lhe a barra da saia. Em compensação, suas idéas medem-se por fracções de millimetro, tão curtinhas são. Cabellos compridos, idéas curtas, disse Schopenhauer...

A natureza poz-lhe na cabeça um tabloide homœopathico de intelligencia, um granulo de memoria, uma pitada de raciocinio, e plantou a cabelleira por cima.

Dentro, essa mesquinhez. Por fóra, ornou-lhe a aza do nariz com um grão de hervilha, que ella modestamente denomina verruga, arrebi-tou-lhe as ventas, rargou-lhe uma bocca de di-

mensões compromettedoras e deu-lhe uns pés... Nossa Senhora, que pés ! E outras taes pirraças lhe fez a madrasta que, ao vel-a, todos dizem commiserados :

— Coitada da Das Dores, tão bôasinha...

Das Dores só faz o que as outras fazem e porque as outras o fazem. Vae á igreja aos domingos, de livrinho na mão, ouve a missa, ouve a predica, réza. Nunca falhou um dia. Se lhe perguntarem o porque daquelles actos ella responderá muito admirada da pergunta :

— Mas se todas vão !...

O grande argumento de Das Dores é esse : as outras. Ouve o sermão do padre e chora nos lances tragicos, não porque comprehenda algo daquellea rhetorica, nem porque sinta vontade de chorar — mas porque as outras choram. Toma tudo quanto ouve ao pé da letra, incapaz que é de galgar do concreto figurado ao abstracto. Se ouve falar em «fazer pé d'alferes», fica-se a pensar em pés e mãos, de alferes e tenentes.

— Tão bôasinha, a Das Dores...

Uma vez foi ouvir a predica de um padre em missão pela zona, orador famoso pelas muitas almas que desatolara do chafurdeiro da perdição. Ouiu-lhe muita coisa que não entendeu, mas entendeu um pedacinho que terminava assim : «Meditae, meus irmãos, reflecti em cada uma das palavras das vossas orações quotidianas, pois do contrario não terão valor as vossas orações.»

Das Dores saiu da igreja impressionada com o estranho conselho e se foi á consulta da

tia Vicencia, velha sabidissima em mezinhas e theologias.

— Tia Vicencia «viu» o que o seu Conego disse ? Para pensar em cada palavra, senão a reza não vale ?

A tia mastigou um «pois é», que dava toda a razão ao padre.

— Que coisa, não ? — foi o commentario final de Das Dores, que não deixava de achar um tanto exquisita aquella idéa.

A' noite era costume seu rezar umas tantas orações preventivas dos mil males possiveis do dia seguinte.

Mas até alli rezára-as como um phonographo — psi, psi, psi, amen. Tinha que pensar nas palavras, agora... Diabo ! Havia de ficar engracada a reza !...

Cahiu a noite. Das Dores metteu-se na cama, cobriu a cabeça com o lençol e deu inicio á novidade. Abriu com o Padre Noso.

— «Padre nosso que estaes no céo»; padre, padre, os padres, padre Pereira, padre vigario... Padre Luiz... Coitado, já morreu, e que morte feia — estuporado... Padre... Que idéa do seu conejo mandar a gente pensar nas palavras ! Nem se pôde rezar direito...

— «...nosso» ; nosso é o que é da gente ; nossa casa ; nossa vida ; nosso pae... P'ra quem seria que foi o Noso Pae hontem ? Para a nhá Véva não é, que ella já melhorou. Seria para o major Lesbão ? Coitado ! Quem sabe se a estas horas já está no outro mundo ? Bom homem, aquelle... Tão caridoso... Oh ! diabo ! Não é

que me ia distrahindo ? «Nosso», «nosso»... Em certas palavras não se tem geito de pensar.

— «que estaes no céo»; estar no céo, que lindeza não será ! Os anjos voando, as estrellinhas, Nossa Senhora tão bonita com o Menino no braço, os santos passeando de lá para cá... O céo ; céo ; céo da bocca ; céo azul. Porque será que se diz céo da bocca ?

— «...santificado»; san-ti-fi-ca-do ; que é santo ; dia santificado ; dia santo...

— «...seja vosso nome»; nome, nome bonito... Nome feio... Qantos tapas levei na bocca por dizer nomes feios ! Quem me ensinava era aquela bruxa da Cesaria. Peste de negrinha ! Onde andará ella ? «Nome»; «Nome de gente»; «nome de cachorro». Gustavo, bonito nome. Está alli um que se quizesse... Mas nem me enxerga, o mausinho ; é só a Loló p'r'aqui, a Loló p'r'alli, aquella caraça de brôa. Gustavo é o nome de homem mais bonito para mim. De mulher é... Rosinha ? Não. Merencia ? Não... Home' a falar verdade, nenhum. Gustavo, Gustavinho... Ahn ! que sonno !

— «O pão nosso»; pão, pão, pão... Porque será que quando a gente repete muitas vezes uma palavra ella perde o geito e fica assim exquisita ? Pão, pão, pā-o... Por falar em pão, como anda minguando o pão do Zéca Padeiro ! E que pão ruim ! Tem gosto azedo... Pão sovado, pão de cará, pão de Petropolis...

— «...de cada dia»; dia ; dia ; marido da noite ; dia de sol ; dia de chuva ; dia das almas ; dia de annos ; dia bonito... E que dia bonito fez hontem ! Vae ver que domingo chove. E'

sempre assim. Havendo uma festinha chove mesmo. Amanhã, se fizer bom dia vou á casa da Ignez. Coitada da Ignez ! Acontece cada coisa nesta vida ...

— «...daé-nos hoje» ; hoje, hoje... Que é que eu fiz hoje ? Ahn ! Que somneira !

— «...e livre-nos, Senhor» ; senhor ; illustrissimo senhor Gustavo da Silva. Bonito nome ! Senhor amado ; Senhor morto ; senhor, se-nhor, nhor-se, nhor-sim...

— «...de todo o mal» ; mal ; mal... mal... al...

Os olhos de Das Dores fecharam-se. O corpo molleou e o seu sonno foi um só até ao romper do dia. Acordando, lembrou-se logo do caso da vespera. Sorriu. Achou que a idéa do Conego — um padre de tanta fama ! — não passava de uma grossa asneira. E pela primeira vez na vida, duvidou.

-- Ora, titia — foi dizer á tia Vicencia, — aquillo é asneira. Se a gente fôr pensar em cada palavra, não pôde rezar direito. O seu conejo que me perdôe, mas elle disse uma grande bobagem...

Não se sabe se a tia lhe deu razão ou não ; mas o facto é que Das Dores continuou a rezar pelo sistema antigo, mais rapido, mais correntio, e com certeza mais agradavel a Deus. Quem se sahiu mal do incidente foi o pobre do missionario. Cada vez que se referiam a elle perto de Das Dores ella floria a cara de uma risadinha ironica.

— Está ahi um que pôde estar dizendo as coisas, que eu...

E concluia a phrase com um inexprimivel muchôcho de pouco caso...

UM AVÔ

Tive um avô, não sei bem si o bis ou o tata, formidavelmente patusco. Tinha bastante ampla a bossa da originalidade e, talvez por isso, querendo enxertar novidades no velho tronco da Rotina, se viu em Portugal de galfarros ás costas como conspirador perigoso. Logrou, porém, deitar cinzas nos olhos de Pina Manique e fugir para o Brasil disfarçado numa sotaina de jesuita, com ares de frade ambicioso de conquistar a palma do martyrio em troca da vida corporea oferecida aos tacapaços do gentio. Cá chegado achou singularmente commodo o habito fradesco e entendeu de contraditar o velho adagio; ficou-se dentre delle, a dizer missinhas pela roça, a confessar e a baptisar, de tudo o que ia colhendo aureos patacões que encofrava num pé de meia. E viveria assim até á morte se um par d'olhos crioulos não o fizessem trocar a negrura do saioto pelo estridente escarlate de um surtum profano, que meio caminho fosse na conquista de olhos tão seductores. E casou com a dona delles, montou lojinha de reliquias, vendeu muito rosario, muito bentinho, muito crucifixo de latão e até — dizem — qual precursor do Thedimiro Raposo, alguns espinhos da corôa do Christo,

taboinhas aplainadas por S. José, e bicos de madeira divinisados pela divina boquinha do menino Jesus. Encheu dest'arte o pé de meia numero dois.

Não contente, atirou-se a commercio mais vasto, e tão bem se aviu nelle que enricou a ponto de dar dinheiro a premio. Vieram então calotes e inimizades. Ora, o avô não era homem de não tirar das experiencias pessoaes atiladissimas conclusões. Tirou-as, lá de si consigo. Foi quando lhe surgiu em casa um badameco a pedir d'emprestimo um cento de patacos. O velho sorriu-se por dentro, e muito amavel respondeu que sim, que pois não, que estava ás ordens do amiguinho (tinha o vezo de tratar de amiguinho a meio mundo) e que o amiguinho fosse garatujando a obrigação. O méco escreveu o «Devo que pagarei», longamente, com letra caprichada, em termos bem claros, incluindo os esclarecimentos que o astuto avô dictava, — «porque as boas contas fazem os bons amigos». Emquanto isto ia o velho empilhando, risonhamente, sobre a mesa de cabiuna, tirados dum amplo gavetão, a preciosa centena de pataca que saiam a ganhar a vida.

Arrumadas as pilhas e assignado o papel, pediu ao amiguinho que as recontasse.

— Oh major!

— Não, senhor, negocio é negocio, conte-as.

O freguez, insistido, recontou-as, emquanto o velho, de oculos erguidos para a testa, examinava com cuidado os dizeres obrigacionaes.

— Está certo? Muito que bem! Agora peço ao amiguinho que diga: o major é um ladrão!

O méco abriu a bocca.

— Vamos, diga ! insistiu o velho.

— Mas é um desproposito, major. Como posso eu ?...

— Diga, amiguinho, diga, se quer levar o dinheiro ; é condição...

O outro não teve remedio senão ceder, e, muito desconchavado,

— Já que o major exige — disse — vá lá : o major é um... é um...

— Vamos !

— ...ladrão.

— Não serve assim, não serve n'esse tom. Diga com raiva, gritando, com gestos de colera : o major é um ladrão !!

— Ora major, que exquisitice a sua...

— Não diz ? Então paciencia...

E armou gesto de reencafuar os patacos na gaveta.

Vexadissimo, o parceiro berrou afinal que o major era um ladrão.

— Perfeitamente bem ! disse o velho esfregando as mãos, perfeitíssimamente bem, eh ! eh ! Agora vae o amiguinho dizer : o major arranca a camisa do pobre ! Vamos ! vamos !

O postulante protestou, estorceu-se, que não, que isso era demais ; forçado, porém, fingiu colera e lá espirrou um desenxabidíssimo : o major tira a camisa do pobre !

O avô applaudiu de novo, que muito bem, que perfeitamente, e continuou no jogo, n'um crescendo, té o derradeiro insulto, grave sobre todos : o major é um mação, é um hereje ! As mãos do velhote esfregavam-se uma na outra revelando

a alegria intima do malvado, e sua bocca era um borbotar incessante de «muito-bens».

Nesse ponto fez uma pausa, severisou o semblante e, gravemente, disse :

— Se eu der emprestado o meu dinheiro ao amiguinho, o amiguinho, por occasião do vencimento, quando eu mandar cobral-o, irá dizer tudo isto ahi pelas esquinas, ou na botica, de modo que todo o mundo o ouça. Consequencia : eu fico sem o meu lindo cobre e o amiguinho transforma-se no meu maior inimigo. Pois se será assim, remedemos coisa tão feia : o amiguinho fica-se com a sua obrigação e eu com as minhas patacas.

E, dizendo-o, arrazou gostosamente para o gavetão entreaberto as pilhas sonantes da preciosa moeda.

— Assim continuaremos amigos como sempre e tudo será um mar de rosas, não acha ? Ora muito bem ! Mudando de assumpto... o amiguinho acha que o capitão-mór colhe este anno as seis mil arrobas ?

O RESTO DE ONÇA

— Leram o conto do Arthur Pecegueiro ?

— O immortal ?

— Sim.

— Perdemos alguma coisa ?

— Não perderam coisa nenhuma ; aquillo é maçador. Confesso que bocejei de preguiça aos primeiros periodos e, consoante um velho habito, passei-o á minha cozinheira, velha mulata sabidissima, parenta da cozinheira de Molière.

— Josepha, lê-me isto e bota opinião.

A excellente creatura lavou as munhecas, diminuiu o gaz do fogão, acavallou no nariz os oculos através de cujos vidros costuma coar-se lhe para o cerebro todo o rodapé dos jornaes, e empecegueirou-se durante meia hora. Ao cabo veiu ter commigo :

— Prompto, sinhozinho, está lido.

— E que tal ? Bom ?

Josepha tem um maravilhoso paladar quituteiro. Seus tútus com torresmo, o picadinho que ella faz, as muquecas !... São purissimas obras de arte capazes de re-matar de inveja ao proprio Vatel se elle acaso resuscitasse. Pois bem : o mesmo genio que a Zepha demonstra na confeição de uma obra prima culinaria, demonstra-o no

julgamento das coisas de literatura. Tem o faro que não falha do rato, o qual, entre cem queijos, róe sempre o melhor. Por essa razão, quando eu duvido de mim proprio, appello para o seu juizo instinctivo, e acato a sentença como emmagenta do cerebro da propria Minerva.

— Então, Zepha? — insisti.

Ella refranziu os labios num muxoxo.

— Não féde, nem cheira, disse, é virado de feijão velho mexido com farinha mal torrada. Falta sal, tem gordura demais — parece comida de professora da Escola Normal, concluiu num sorriso de «groggnard» da velha guarda ao lhe falarem de proesas de conscripto.

— Mas, Zepha, que diz o homem afinal de contas?

— Não diz nada, engrola, engrola, vae p'ra lá, vem p'ra cá, e a gente fica na mesma. E' dos taes perobinhas que outro dia meçê chamou... como é?.. pici... pici

— ...cologos, Psychologos. Os homens dos estados d'alma. Como elles tem uma alma possitiva, importada de França «ad usum» Binocolopolis, os estados por que passam taes almas, postos em letra de fôrma, são coisa pulha e maçadora até mais não poder. Penso como você, Josepha. Quero conto que conte coisas; contos de onde eu saia podendo contar a um amigo o que aconteceu, como o fulano morreu, se a menina casou, se o mau foi enforcado ou não. Contos, em summa, como os de Maupassant ou Kipling...

— Ou de seu Cornelio Pires...

— Perfeitamente, do Cornelio, do Arthur Azevedo, contos onde haja drama, comedia ou

pelo menos uma anecdotá original. Mas estas pretenciosas aguas panadas, este fantasiar por paginas a fio sem lance que arrepie o cabello ou repuxe musculos faciaes, esta gelatina insossa da Academia de Letras de Itaóca...

Josepha, quando lhe falam na Academia de Itaóca, regala-se, e toda se expande em risos. Ficou assim desde que leu a Condessa Felisberta e varias immortalices quejandas.

— Então, este seu Arthur tambem é immortal, dos que escrevem homem sem h?

— E', Zepha, é immortal vitalicio, com paciente e direito de podar os *h h* da lingua e comer os *s* da sciencia — e — o que é peior — com privilegio de maçar a humanidade com sorrencas pacovias que só não engolem criaturas sãs como tu, toda paladar e sinceridade. Ahi fóra a turba, em vendo emmanação de immortal, é como se chovessem perolas do céu — lambem beiços e unhas, esquecidas de que ha receitas para lá entrar além de que tambem se entra por baixo do panno».

* * *

E a conversa recahiu sobre contos. Disse um da roda :

— Contos andam ahi aos pontapés, a questão é saber apanhal-os. Não ha sujeito que não tenha na memoria uma duzia de arcabouços magnificos aos quaes, para virarem obra d'arte, só falta o vestuario da forma, bem cortado, bem cosido, com pronomes bem collocadinhos. Querem vocês a prova? Vou arrancar um ao primeiro conhecido que entrar.

E puzemo-nos de tocaia.

Não tardou muito surge o Cesar.

— Viva! Fazia-te ainda no sertão, homem!

— Pois estou cá. Cheguei hontem, refeito, oxygenado, reverdecido de alma e corpo. Que delicia é o sertão!

— Muita caçada?

— Dez queixadas, tres antas... E, por falar, já ouviram vocês historias do Resto de Onça?

— Resto de Onça?! exclamamos todos aparvalhados.

Cesar gosou o nosso espanto. Depois, narrou.

— Estavamos organisando uma batida ás antas. Quem dirigia a caçada era lá o meu capataz, Quim da Peroba, o mais terrivel caçador das redondezas. Quando é elle quem dirige o serviço a bicharia sofre destroço pela certa, tão habil é na escolha dos companheiros, dos cães e das disposições estrategicas.

— «Vae, dizia o Quim contando nos dedos, vae o Nico, vae o Peva, vae o Resto de Onça...»

— Resto de Onça? exclamei eu tão aparvalhado como vocês inda agora. — Que diabo de bicho é esse?

Quim sorriu e disse:

— «É um pedaço de homem; um homem a quem a onça comeu uma parte e que continua a viver com o resto do corpo. Pois assim mesmo inda é um cuéra que eu não troco por tres sujeitos inteiros da cidade. Meçê vae ver.

De facto, vi. Organisado tudo, na vespera da caçada, á tarde, o primeiro a apresentar-se foi o Resto de Onça.

— «Stardes».

Era um caboclo chupado, sem o braço direito, sem um olho, sem um pedaço de cara. Horrivel ! Uma bochecha fôra lanhada e despegára com parte dos labios e o olho, de modo que aquillo por alli era uma só e pavorosa cicatriz repuxada em varias direcções. Entreabriu a camisa: no peito, a mamma esquerda arrancada a unhaços, era outra horrivel cicatriz de arrepiar.

Pedi-lhe que me contasse a historia, e elle,

— «Não vê que — foi dizendo — lá na fazenda do coronel Eusebio, na beira do sertão, havia onça que era um castigo. Foi preciso bater nellas de cachorrada e chumbo um anno inteiro para livrar o gado. O coronel, tanto lidou que venceu. As malhadas não mortas á bala afundaram para longe. Mas ficou uma. Era uma bella onça pintada, matreira como cachorro do mato. Tinha manhas de negro fujão. Nem mundeu, nem cachorro mestre, nem o Leopoldino Onceiro, que é um cabra macho para desilludir uma bicha mesquinha, nunca puderam atinar com ella de geito a barrear a volta do apá com um lote de paula souza. Escapava sempre e de birra vinha pegar os porcos do chiqueiro,

Um dia — o coronel estava na mesa almoçando — rebentou um tumulto no chiqueirão de tráz da casa. Corremos todos: estava a onça ferrada na mais bonita porca da fazenda, já estirada no chão com um munhecaço. Corre que corre, grita, atira: — ella escapuliu. O coronel virou bicho e jurou que era a ultima vez.

— «Ella volta, disse eu, ella não «deseste»

da porca. O melhor é ficar um bom atirador de plantão dia e noite.

— «Pois fica você.

Fiquei na tocaia, escondido de geito que a onça não podia desconfiar.

Varei a noite de olho acceso: nada.

Rompeu a manhan: nada.

Eu disse commigo:

— «Agora dou um pulo lá dentro, bebo o café e volto.

Fuí, enguli um cafezinho com mistura, depressa, depressa, mas quando voltei... «quedelle» a porca? A onça me havia logrado!...

O coronel quando soube bufou como queixada no mundeu.

— «Quim, disse elle, vá juntar gente e cachorrada. Bote um exercito aqui p'ra domingo e vamos picar de bala esta malvada. Quero ver o couro della aqui no chão.

Eu sahi, corri a vizinhança e apalavrei para domingo tudo quanto era espingarda, foice e cachorro de cinco leguas de roda.

Chegado o dia, começou uma batida na ordem.

De repente, áu! áu! o meu Brinquinho — conheci a voz — acuou primeiro de todos. E logo a cachorrada inteira, uns cincuenta — au! au! au! — musica de arrepiar a gente. Ah, moço, que festa foi esse dia! A bicha de cada tapa moía um cão...

la parando na carreira, de tocaia atrás dos troncos e, mal o cachorro da frente a fronteava, «baf!» tripas de fóra! Um castigo!

Já levara um tiro, mas nem conta fez, e assim, fugindo, ia arrazando os onceiros.

Eu, na frente, corria secco por ganhar a glória da caçada, e por via disso me distanciei dos companheiros. De repente, sem ver nada, «paf!» um manotaço de unha na cara me pinchou de costas no chão, e um corpo cahiu sentado em cima de mim. Ah! mundo! Que luta aquella! Eu c' o braço só defendia a cara, que se a onça me abocca, era o fim, e como a espingarda me ficasse debaixo do corpo, minha porfia era passar a unha n' ella.

O que me salvou foi a coragem do Brinquinho. Como os caçadores e os outros cãesinda não tivessem chegado, só elle me ajudava, latindo com desespero, e ferrando o dente nos trazeiros da fera. Esta, a cada dentada voltava-se para estapear o cachorro, que fugia — que fugia para atacar de novo logo que a onça virava a cara para mim.

Tudo isto que eu levo agora um tempão contando passava n' um corisco de minuto. Lá em certo momento pude sacar a faca — faquinha atoa de matar porco. Saquei a faca e finquei no pescoço da bicha. Quem disse enterrar? Vergou, a porquêra, como se fosse de lata, sem calar nem a ponta! Vi-me perdido. «Ferra, Brinquinho!» A quella pessoa de quatro pés com uma coragem louca, zás, outra dentada. A onça me folgou, e eu vi romper do matto o primeiro caçador. Era justamente o meu sogro.

— «Atira, nho Vadô!

Que atirar nada! O raio do maleiteiro ficou

tão estuporado de me vêr na guela da onça que estarreceu no lugar.

— «Atira, nho Vadô !

Que nada!...

Nisto houve geito de eu desentalar a espingarda e entroxar o cano na guela do tigre. Estrondei o tiro: o bicho molleou de banda.

Eu estava em pedaços, mas não sentia dôr nenhuma.

Só me lembro que, ainda no chão, puxei a espingarda de dentro da onça, virei o cano para o lado do meu sogre e casquei nelle o segundo tiro, junto com um nome offensivo á defunta avó da minha mulher, coitada. De «reiva»! Depois veiu a dôr, e perdi os sentidos.

Resto de Onça tomou folego.

— «E fiquei assim. O braço direito sem carne, sem osso inteiro, foi preciso o medico cortar co'a serra; a cara e o peito foram sarando e fiquei assim, resto de onça, mas homem ainda para escorar o diabo !

* * *

— Então, que vos dizia eu? commentou, voltando-se para os companheiros, o que prometera extrahir um conto do primeiro conhecido á mão.

— Sim — retrucou um delles, ranzinza — mas não é bem um conto, é um caso, uma anecdota venatoria.

— Estás enganado, tem todas as qualidades de um conto e tem a principal: poder ser contado adiante de modo a interessar por um momento o auditorio.

Dê ao facto fôrma literaria, umas pitadas de descriptivo, pronomes p'r'alli, uns enfeites pimpões, e prompto, vira conto dos authenticos, dos que não séccam a paciencia da humanidade com a archi-maçadora psychologia do sr. Arthur Pecueiro.

PORQUE LOPES SE CASOU

— Pois, meu caro, dizia Lucas ao seu amigo Lopes, fiz essa asneira, casei-me.

— E és pae d'uma legião...

— Tenho doze filhos e já alguns ávos do decimo terceiro.

— E tudo quanto produz o teu trabalho some-se em bugigangas, leite e farinhas, cueiros, toucas, cavallinhos de pau...

— Um trabalho de negro captivo mal dá para mantel-os no pé de decencia que a minha posição requer. E' uma voragem a minha casa. Quando entro numa sapataria é para comprar doze, quatorze e breve quinze pares de sapatos. Das lojas nunca trouxe fazenda aos metros, é ás peças. De feijão gasto uma sacca por semana. Uma voragem!

E se visses que jararaca me sahiu minha mulher!... Uma fera, Lopes! Desses que lançam com o prato á cara do marido se este torce o nariz ao quitute. E feia, desleixada, lambona, cabellos despenteados, um fedelho aos berros no braço, as chinellas a arrastarem-se pela casa, *trec, trec...* Traz á cintura a penca de chaves e um rabo de tatú que até a mim inspira respeito. Dirige o movimento da casa a lambadas.

Grita sem parar, deblatera, diz nomes, arranca a orelha ás criadinhas. E' um despotismo de saias a serviço d'um estado de sitio que supri-miu o meu poder marital, o meu patrio poder, o meu poder animal de homem e me põe, na casa, humilde e caladinho, d'orelhas murchas co-mo um burro de carroça.

Felizmente o trabalho na repartição afasta-me da inferneira oito horas por dia. E' quando vivo. Mas quando o serviço termina e volto pa-ra a gehenna, ah! Lopes, nunca saberás com que angustia o faço... O lar! Falam poetas nas delicias do lar, no remanso do lar... A avaliar pelo meu, o lar é circulo que esqueceu ao Dan-te. Em caminho para o «remanso do lar» re-memoro tudo o que me espera. No topo da es-cada, de mãos á cintura, a minha tremenda me-tade em attitude de juiz em face do réu:

— Trouxe a pimenta? comprou o sabão? chamou o homem para concertar a torneira?

E se acaso me esquece alguma coisita lá desaba o temporal:

— E' isto, não presta para nada, não sei porque casou já que não serve nem para trazer da cidade um pão de sabão de cinza para a burra da mulher que fica em casa a se matar de trabalho, e tá, tá, tá. Não imaginas a mi-nha vida, Lopes...

Lopes, arrepiado ante as confidencias do a-migo, alvitrou uma solução desesperada.

— Em teu caso, Lucas, eu recorria aos meios extremos, ao divorcio, á bolinha...

— Caçôa, caçôa... Eu tambem caçoava.

— Mas, Lucas, estás a exagerar. Dou de

barato que seja assim. Mas ha compensações. Os filhos, por exemplo, as alegrias sãs da paternidade...

— Os filhos! Têm muita graça o primeiro, o segundo e ainda o terceiro. Depois, do quarto ao decimo segundo... que pestesinhos infernaes! Destroem tudo, põem a casa immunda, vivem num corropio de peraltagens capaz de endoidecer a um santo. Não sei se os filhos dos outros são assim, mas os meus batem todos os *records*. Ha um, o senhor Lulú, que prenuncia um novo Attila. Diverte-se quebrando, furando, judiando, escangalhando o que encontra. Hontem procurei um livro -- livro de contas, socega -- e fui encontral-o no quintal, dentro d'uma poça d'água, á guiza de barragem de dique.. Só em louça quebrada esse patife dá-me um rombo de quarenta mil réis por mez. E não é elle só. O Eduardinho tem a mania de encafuar os talheres que pilha nos buracos dos ratos, nas frestas do assoalho. Um outro especialisou-se em quebrar dentes aos garfos. Chegamos á perfeição de ter em casa apenas um com quatro dentes! Já as facas são um dentadura completa. Quem é o dentista? O Sr. Lulú. Apparece uma cadeira com tres pernas. Quem foi o carpinteiro? O Sr. Lulú.

A Ignezita tem a bóssa da costura. Está praticando no córte. Em pilhando a tesoura esconde-se num canto e vae picando o que encontra. Ha dias abriu um rombo no oleado da mesa, um oleado adquirido na vespera — e tão caro!...

O Leandro é o homem da balistica. Vive

com o papo da camisa cheio de pedregulhos e cacos de telha, «tentos»—diz elle—e brinca de partir as vidraças dos vizinhos. Tem, para mal meu, mão certa como o Guilherme Tell.

O Lucas, esse chora. Chora doze horas por dia, atôa, por brincadeira. E' o rei da manha, mas daquellas manhas interminaveis que deixam os nervos da gente em carne viva. O Bentinho, que é torto, o coitado, já fuma pontas de cigarro e collecciona nomes feios apanhados na rua. O mais velho foge de casa pela janella, e entra de madrugada. Anda-me sorumbatico, com umas espinhas suspeitas. O Juvenal...

— Pára um bocado, Lucas. Deixa-me tomar folego e fazer uma observaçao. Sendo assim como dizes, travessos, insubordinados, a culpa é só tua. E' que lhes não dás a devida disciplina, não os corriges, não lhes torces o pepino no tempo propicio, homem !

— Será, mas que queres ? Não posso, não tenho energia. Sou uma tapera, um homem arrazado que me fiz fatalista para ter uma philosophia que me dê paz á consciencia. Bem me accusa ella de inepcia e frouxidão extrema... A's vezes vem-me impetos de reagir, entrar em casa de guatambú em punho e ir deslombando ás cegas a escadinha inteira, coisa de começar no frangote das perebas e acabar nos seis gatos ladrões do Chiquinho, com escala pelos cães sarnentos do Manoel, pelos canarios azucrinantes do Julio e pelas bonecas de panno da Mariinha. Moel-os em massa, a granel, e vir entregar-me á policia, e pedir ao jury, de joelhos, trinta deliciosos annos de paz e silêncio no fundo duma

cellula. Mas fica em impetos: sou uma tapera arrazada incapaz dum movimento energico...

O pobre Lucas consultou o relogio e assustou-se.

— Tres horas! Minha cara metade deve estar furiosa. Adeus, Lopes, vou-me ao «repouso do lar», concluiu elle, despedindo-se, com riso amargo.

E foi-se o Lucas, apressadamente, cheio de pacotes pelos nós dos dedos, embrulhos nos bolsos e um queijo sobraçado. Lopes ficou no lugar, acompanhando-o, com olhos parados, a recordar. Veio-lhe á mente o Lucas de quinze annos a-traz. Era um rapagão viçoso, todo esperanças no futuro, e amigo de architectar castellos de Hespanha. Poetava. Amou meia duzia de meninas em duas centenas de sonetos parnasianos, e por fim elegeu diva á Nonoca Fagundes, uma loura translucida, magrinha, de falas mellifluas — um Botticelli temperado á moderna, dizia elle. Era bonitinha, dezesete annos, em pleno viço da belleza do diabo, um mimo de fragilidade, boasinha como não havia outra — boa, «boa constrictor...» Ingenua, amiga de reticencias graciosas, corava a todo instante. Dizia elle: moram em suas faces duas rosas Bella-Helena. Andar, saltitante, leve como de sylphide. Um verso delle razava :

*Das plumas tens no andar
a suave macieza...*

Lucas amou-a em regra e sonetou-a inteira, dos cabellos aos pés, parnasianamente, nephelitamente, com lyrismo de commover ás pedras.

Não a tratou pelo cubismo porque o cubo guindado a metro poetico inda não fôra inventado.

Sonhava-a ao seu lado, amiga peregrina d'alma e do coração, n'um arroubo perenne de felicidade celestial pela estrada da vida afóra...

Amou-a tres annos seguidos, com o dispêndio annual d'uma arroba de versos arrancados á carne viva da inspiração. Bateu-se a punhadas com varios rivaes. Rompeu com a familia que desapprovava o casorio. Cantou-lhe á janella, com muito choro de violão, todas as modinhas do tempo — «Quizera amar-te», «Accorda donzella» e outras adrede compostas para aquelle fim. Amou-a loucamente «como só se ama uma vez na vida». Foi desses que dizem em prosa, verso e cochicho: «ver-te e amar-te foi obra de um só momento». Intercallou num alexandrino o classico «anjo, mulher ou visão». Esgottou inteirinho o alforje romantico das imagens enluaradas; recorreu á botanica e assolou o reino vegetal á cata de flores comparativas. Não contente com isso inda deambulou pelos ceus e mergulhou nos mares, caçando imagens — que nada era bastante á immensidade d'aquelle formidavel amor.

Casou, por fim.

E estava reduzido áquillo, o Lucas!...

Em vista do que, Lopes, que estava noivo, e irresoluto se casaria ou não, tendo no activo já uma duzia de sonetos hendecassylabos, decidiu incontinenti... casou. Se tinha de acabar como o Lucas, levasse sobre elle, ao menos, a vantagem de menor copia de versos á futura cas-

cavel. Porque lhe pareceu que o maior sofrimento do Lucas havia de ser o remorso da enorme bagagem de versos ante-nupciaes.
E era.

O CASO DO TOMBO

Não é meu este caso, mas d'um tio, juiz em comarca beira mar. Homem sessentão, cheio de rabugens, pigarros e mais macacôas da velhice, nem por isso deixa de ser amigo da pulha, como diria mestre Machado. Gosta de contar pilherias e casos pandegos que descambam a meio em caretas rheumaticas muito de apiedar corações sobrinhos.

Os seus dominios juridicos são o reino da propria Pacatez. Os annos alli fluem para o Esquecimento no deslisar preguiçoso dos ribeirões espraiados, sem cascatas nem corredeiras encrespadoras do espelho das aguas — disturbio, facada ou escandalo passional.

O povo, escasso como pennas de frango impubere, vive de apanhar tainhas e ameijoas. Feito o que, come-as. Feito o que, digere-as. Em seguida, «da capo» ás tainhas. E assim, annos e annos a fio, até a derradeira conta do rosario da vida.

E' extrema a penuria de emoções. Vidas ha que ardem té o berro final sem o tremelique d'uma commoção forte. Só a Morte pinga, a espaços, no cofre vazio dos acontecimentos, o vin-tém azinavrado d'um velho mariscador morto de

pigarro senil ou o tostão d'uma pessoa grada, collector de rendas, fiscal, agente do correio. Em tempos deu «nota», um barão da Jimanta, ultimo varão conspicuo de que ficou memoria ali.

Fóra disso nada mais bole com a sensibilidade em perpetua coma do excellente povo — nem dramas de amor, nem rixas eleitoraes, nem coisa nenhuma destoante dos mandamentos do Pas-mado Viver.

A taramelagem das más linguas vê-se forçada, nos serões familiares, na venda do José Inchado (club da ralé), ou na Botica do Caçao de Ouro (aqui o escól), a esgaravatar as castanhas . chochas do assumpto sovado ou frívolo. Sempre conversinhas que não vão nem vêm.

A grande preocupação local é matar o tempo, que em vez de dinheiro é uma grande maçada. Matam-n' o os homens, pitando cigarrões de palha, e as mulheres, gestando a prole enfermiça. E, assim, os dias, os mezes, os annos escorregam para o Nirvana, feitos lesmas de Chronos, deixando nas memorias um rastilho dubio, breve extinto.

Nessa lagoa urbana rebentou um dia, com estardalhaço, a noticia duma sessão do Jury. Rejubilou-se o povo. Vinte annos havia que o realejo da justiça popular empoava n'um desvão do Forum, mudo á falta dum capadocio que lhe mettesse no bojo o nickel dum modesto ferimento leve. Fizera-o agora o Chico Bahiano, ave d'arribação despejada ali por um navio da Costeira. Que regalo! Ia o promotor cantar a aria tremenda da Accusação; o Zézéca Esteves, solicitador, recitaria a Douda de Albano disfarça-

da em Defesa. Sua Excellencia, o Meritissimo, faria de ponto e contra-regra. Delicias da vida!

Ao pé do fogo, em casebre humilde, o pae explicava ao filho :

— Aquillo é que é, Manequinho! Você vae ver uma estrumela de gosto, que até parece missa cantada de Taubaté. O juiz, feito um gavião pato, senta no meio da mesa, n'um estrado desse porte; á mão direita fica o doutor promotor; á esquerda o Chico Escrivão com uma maçaroca de papeis na frente. Em baixo, na sala, uma mesa comprida com os jurados em roda. E a coisa garra num falatorio té noite alta: o Chico lê que lê; o promotor fala e refala; o Zézéca rebate, e tal e tal. Uma lindeza!

No José Inchado :

— Lembra-se, compadre, daquelle jury, deve fazer vinte annos, que «absorveu» o Pedro Intanha? Eh, jury macota! O Dr. Gusmão veio de Pinda especialmente, e falou que nem um vigario. Era só: o nobre «orgo» do ministerio p'r'aqui, o «meriticio» doutor juiz p'r'alli. Sabia dizer as coisas, o ladrão! Tambem comeu milho grosso, p'ra mais de quinhentos, dizem. Mas valia. Isso lá valia!

Na Botica de Caçao de Ouro :

— Não, não, voce está enganado, não foi desse jeito, não! Ora, ora! Pois se eu até servi de testemunha!... Não teime, homem de Deus!... Sabe como foi? Eu lhe conto: o Pedro Intanha teve um bate-bocca com o major Vaz, perdeu a cabeça e lhe chamou «estupor», bem ali defronte da Nha Vica; e vae o major

e diz: «estupor é a avó». Foi então o Pedro, e...

Só não gostou da noticia o meu tio juiz. Maçada. Incommadar-se por causa d'um crimesinho que não valia a pena...

E tinha razão. O delicto do mulato não valia uma casca d'ostria.

Chico Bahiano costumava, todas as noites «soverter» um martelo da legitima no botequim do Bento Ventania. Ficava alegrete, chasqueador, mas não passava disso. Certa vez, porém, errou a dóse, e em vez do martelo costumeiro, chamou para o papo tres. O restilo era de primeira e lhe subiu logo ao caco. A principio Bahiano destabocou. Deu grandes punhadas no balcão, berrou que o Sul era uma jossa, que o Norte é que é, que bahiano é ali no duro, que quem fosse homem que pulasse para fóra, etc., etc. O botequim estava deserto, não havia quem lhe apanhasse a luva a não ser o Ventania; mas este accendeu o cigarro pachorrentamente, trançou as portas na cara do bebedo e foi dormir.

Chico Bahiano, na rua, continuou a desafiar o mundo — que rachava, partia caras, arrancava figados.

Infelizmente, tambem a rua estava deserta, e nem sequer a lua, a pino, lhe dava sombras com que esgrimesse.

Foi quando saltou do corredor da casa dos Mouras o *Joli*, cachorrinho de estimação da Sínharinha Moura, bicho de collo, metade pellado, metade pelludo, e deu de ladrar feito um bobo, em frente do insolito perturbador do silencio.

O bahiano sorriu-se. Tinha contendor, afinal.

— 'guenta lixo! — disse, e cambeteando descreveu umas letras de capoeiragem, cujo remate foi um valente ponta pé que projectou o tótó a cinco metros de distancia. *Joli* rompeu num ganir de cortar a alma, e o offensor, perdido o equilibrio, veio de lombo ao chão.

A Mourada despertou de sobresalto, e á porta surgiu o rotundo Maneco Moura, intendente da Camara, de camisola, carapuça de dormir e uma vela na mão. Estrouvinhado, o homem não enxergava nada desta vida a não ser o clarão da luz.

— Que é lá isso ahi? berrou para a rua.

— E' pimenta malagueta! roncou o mulato já a prumo; e emquanto o Moura, esfregando os olhos, perguntava a si proprio se não era aquillo pesadelo, o facinora desenha no ar um rabo d'arraia, do qual resulta desmoronar-se o vereador, fragorosamente, na calçada, esborrachando o nariz.

Era esse o facto sobre cuja talagarça ia a a Justiça bordar as scenas serio-comicas do *intermezzo* inglez que traduzimos em calão.

Fale o tio: foi uma sécca sem nome o tal jury. O promotor, sequioso por falar, com a eloquencia ingurgitada por vinte annos de chôco, atuchou no auditorio cinco horas massicas d'uma rhetorica do tempo da onça, que foram cinco horas de pigarros e caroços de encher balaios. Principiou historiando o direito criminal desde o Pithecanthropo Erecto, com estações em Lycурgo, Védas, Moysés e Zend-Avesta. Analysou todas as theorias philosophicas que vêm de Confucio a

Farias Brito ; anniquilou Lombroso e mais as «lerias» de Garofalo (que dizia Garofálo) ; provou que o livre arbitrio é a maior das verdades absolutas e os deterministas uns cavallos, inimigos da religião de nossos paes ; arrazou Comte, Spencer e Haeckel ; como os representantes do Anti-Christo na terra.

Contou depois a sua vida, a sua nobre ascendencia entroncada na alta prosapia d'uns Esteves do Rio Cávado, em Portugal, bem brazechados ; o heroismo de um tio morto na guerra do Paraguay e o não menos heroico ferimento d'um primo, hoje escripturario do Ministerio da Guerra, que teve offendida, por bayoneta, em Cerro-Corá, a «face lateral do lóbo da orelha sinistra.»

Provou, em seguida, a immaculabilidade da sua vida ; releu o cabeçalho da accusação feita no julgamento-Intanha ; citou periodos de Bossuet — a aguia de Meaux, de Ruy — a aguia de Haya, e de outras aves menores ; leu páginas de Balmes e Donoso Cortez sobre a resignação christã ; adduziu todos os argumentos do Doutor Subtil a respeito da Santissima Trindade ; e concluiu, finalmente, pedindo a condenação daquella fera humana que «cynica me olha como para um palacio» a galés perpetuas «por 30 annos», mais a multa da lei.

Aqui o tio parou acabrunhado. Correu a a mão livida pela testa suada. Negrejaram-se-lhe as olheiras. Depois, continuou :

— Sinto um cançao d'alma ao recordar esse dia... Como é fertil em recursos a imbecilidade humana ! Houve replica. Houve treplica.

O Zézeca bateu o promotor em asnice. Engalinharam-se, cada qual disputando, acirrados, o cinturão de ouro do Ornejo. Horror...

O borbotão de asneiras era uma caudal sem fim. O conselho já dava continuos signaes de cansaço. A tantas levantou-se um jurado e pediu permissão para ficar de cócoras no banco porque estava, «com perdão da palavra, com esandescencia». Veja voce !...

— Afinal...

— Afinal foram os jurados para a sala secreta. A noite já ia alta. Os candieiros de petróleo, com os vidros fumados, modoravam funereamente. O Forum, deserto de curiosos, estava quasi ás escuras. O destacamento policial (duas praças e o cabo) cabeceava, dormindo em pé. Tres horas haviam corrido de somnolenta expectação quando da sala secreta saem os jurados com o papelorio. Entregam-m' o. Corro os olhos, e esfrio. Tudo errado ! Era impossivel julgar com base na salada de batata e ovos que me fizeram elles dos quesitos. Era forçoso reenvial-os ao curral do conselho.

Expliquei-lhes novamente, com infinita paciencia, como deveriam proceder. Façam isto, assim, assado, entenderam ?

— Entendemos, sim, senhor, respondeu o presidente, mas por via das duvidas era bom que o seu doutor mandasse cá dentro o João Carapina, a nos ajudar.

Abri a minha maior bocca, e olhei assombrado para o escrivão: e esta, amigo Chico ?

O escrivão cochichou-me que era sempre assim. Em não sahindo sorteado o João Carapina

não havia meio de vir coisa decente da sala secreta. E citou varios antecedentes comprobatorios.

Não me contive — berrei, chamei-lhes azemolas, asnos de Minerva, onagros de Themis, e filos trancafiar de novo na saleta.

— Ou a coisa vem conforme o formulario, ou vocês, cambada, ficam ahi a vida inteira !

Decorreu mais outra hora, e nada. Nenhum outro ruido promissor na sala secreta. Perdi a esperança e acabei perdendo a paciencia. Chamei o official de justiça e disse-lhe : — Vá-me desentocar esse Carapina, e ponha-o cá debaixo da vara, dormindo ou accordado. Depressa !

O official muscou-se lepido, e meia hora depois voltava com o carpinteiro dos nós gordios, a bocejar, estremunhado, de chinellas e cobertor vermelho no pescoço.

— Senhor João, metta-se na sala secreta e amadrinhe-me esse lote de cavalgaduras. Com seiscentos milhões de réus, é preciso acabar com isto !

O carpinteiro foi introduzido na sala. Mas não demorou dois minutos — toc, toc, toc — bateu. O official de justiça abre. Surge-me o Carapina com cara idiota.

— Que ha ? perguntei-lhe, escamado.

O homem coçou o pescoço.

— O que ha, senhor doutor, é que não ha ninguem na sala: os jurados fugiram pela janela !...

— !!!

— E deixaram em cima da mesa este bilhettinho para Vossa Excellencia.

Li-o. «Sr. Doutor Juiz, nos desculpe, mas nós condenamos o bicho no gráo maximo.» Maximo foi palavra que decifrei pelo sentido: estava escripto «máquecimo».

Levantei-me, possesso.

— Está suspensa a sessão! Senhor commandante, recolha o réu á... Que é do réu?

Firmei a vista: não vi sombra de réu no banquinho. O commandante, que estava a dormir, despertou sobresaltado, esfregando o olho.

— Senhor commandante, que é do réo?

O cabo (coitado!) e as praças mal acordadas, deram busca em baixo da mesa, pelos cantos, no mictorio, em baixo das escarradeiras. Como nada encontrassem, perfilou-se o commandante e disse:

— Saberá Vossa Excellencia que o safado escafedeu...

O relogio da matriz badalava tres horas — tres horas da madrugada!... Era demais. Perdi a compostura e explodi:

— Sabem duma coisa? Vão todos a... e berrei a plenos pulmões o grande palavrão da lingua portugueza.

E fui dormir...

TRAGÉDIA DE SALÃO

Na sala reina o desconsolo. Imprime-se em todos os rostos uma angustia mortal. Entreolham-se com ar de supplica. Que houve? Morreu algum? Desabou a Lua? Nada. O que ha é que não ha assumpto. Todos os presentes já se acharram mais gordos ou mais magros, já se disseram que bem duros correm os tempos, já lamentaram a duração da guerra, já metteram as botas nos criados e agora, vasios, farejam de nariz para o ar um assumptosinho qualquer por mais futile que seja.

D. Clodoalda, uma quarentona com fios de barba ilhados numa verruga queixal, tenta erguer a pobre conversação cahida, mas só lhe acode uma *reprise* do assumpto sempiterno. Bemaventurada sejas tu, Gordura, pedra angular dos nossos cavacos de salão!

— Acho o doutor um pouquinho mais gordo do que da outra vez que cá esteve!...

O doutor, a quem tal achado despertará da contemplação da verruga, levanta os olhos para a interlocutora e, com ar de cocainisado, expectora um somnolento, risonho e comprobativo «han!»

D. Chiquinha, porém, toma as dores de sua magreza e contradiz, achando que «antes pelo

contrario» emmagrecera um tantinho com a estadia no Rio. As diversões...

O doutor, que diante de mulheres adoptava o figurino wertheriano, com toques jacinthinos, sorri com desprezo :

— O Rio ! pff !

Este pff ! de olympica superioridade apagou, como um assopro apaga um candieiro, a bella tentativa de D. Chiquinha que, desconsolada, se fechou em copas.

D. Clodoalda, como a mais velha e como dona da casa, atira-se afoita para a frente :

— Quem engordou devéras foi a Felicia, conhece, doutor, a prima do seu amigo Dantas ? Mas engordou «mesmo» ! Está uma bola. E sabe como ? Roça... Foi passar uns mezes á fazenda do tio e veio assim !...

Pausa. O doutor saca um cigarro e bate com elle a prumo na caixa de phosphoros.

— Já o marido, continua D. Clodoalda, veiu mais magro ; esteve uns dias de cama, com influenza, e emmagreceu bastante. E' sempre assim : quando um engorda, outro emmagrece.

Pausa. O doutor accende o cigarro.

Todas acompanham-lhe o manejo e seguem no ar as baforadas.

— E' verdade, confirmou elle num quasi gemido.

Nova pausa.

D. Clodoalda desiste de levar por diante a conversaçao e lança os olhos á tia Vestribunda até alli calada como pedindo reforço. A velhota chega até á janella e murmura :

— Que dia lindo faz hoje, hein doutor. ?

O doutor desperta e confirma :

— E' verdade, lindissimo.

— Diz bem, lindissimo ! ajuda a Chiquinha.

Ha muito tempo não temos um dia assim. O clima de S. Paulo é tão inconstante...

Pausa. Silencio mortal. Absoluta consternação. D. Vestribunda retoma um mote já glosado.

— O pobre do Pinheiro Machado ! Muito moço — sessenta annos. Não é idade para um homem morrer, não acha, doutor. ?

— Conforme. E' e não é.

As mulheres entreolham-se, achando exquisita a resposta ; não obstante proseguem. Diz D. Clo-doalda :

— Coitado, não, Chiquinha ?

D. Chiquinha suspira e philosopha :

— Não valemos nada neste mundo !

O doutor que não é pinheirista, abre-se :

— Ha mais tempo. Um bandido !

As mulheres entreolham-se e gelam-se.

Na rua um italiano apregôa batata assada ao forno.

D. Chiquinha ri-se e commenta :

— E' impagavel este homem !

O doutor, descrente da vida, da politica, do cigarro que fuma e do futuro da patria -- descrê tambem da Mulher. Saca do bolso um revolver e dispara cinco tiros nos miolos. E morre com extrema uncção...

“GENS ENNUYEUX”

— Queres ir? disse-me o Lino espichando ante meus olhos um convite. Li: *A Sociedade Minervina, ahn, ahn... convida, ahn... a conferencia versará sobre a Historia da Terra.*

— E' ; a these é catita ; vaes tu?

— Está-me appetecendo conhecel-os, aos nossos sabios...

— Sabios, rosnei, *gens ennuyeux...*

— Nem sempre, contraveiu o Lino. O assunto é magnifico, e, depois, que diabo, uma penitenciasinha de vez em quando... por amor á sciencia...

— Pois vamos, resolvi com intrepidez.

— A's oito, rua tal.

— Lá estarei, adeus.

• • • • • • • • • • • • • • • • • • •
Ao assomarmos á porta já as cadeiras do grande salão estavam uniformemente pintalgadas d'austeras sobrecasacas scientificas, encimadas por carecas luzidias em cujo espelho punha gangrenas de luz (perdão, Appollo !) a luz violacea do arco voltaico.

Entramos com religiosa compostura, pisando com passos humilimos o assoalho augusto do Pагode da Sciencia.

Vi no rosto do meu amigo uma leve expressão de terror sagrado. Os quichúas quando davam de chofre com o Eldorado haviam de ficar assim. O rapaz commovia-se devéras, e foi balbuciante que cochichou :

— Sabios, hein?

Sentamo-nos devagarinho e puzemo-nos a olhar. Novas sobrecasacas chegavam, aos magotes de tres e quatro, compenetradas e pensabundas. Eram mais sabios. Havia-os de variegado estylo. O estylo-fiambre : gente vermelha com o sangue á flor da pelle em permanente congestão. O typo-mellado : genero de importação norte-americana ou allemã. O estylo-ball : queijos de Palmyra com o vermelho substituido por um pallor livo de geléia, e enfeitados duma escassez circular de cabellugens ralas. O estylo-chlorose : rapazelhos de peito cavo e barba a espontar ingenuamente, macilentes de tez, olhos de bezerro desynterico em cujas meninas — meninas dos olhos — pareciam brincar hypothenusas e binomios de Newton.

A' nossa dextra, suava uma rubra apoplexia allemã, enchouriçada em sobrecasaca de debrum, contemporanea do iguanodonte, cujas costuras cediam á pressão das enxundias comprimidas ; a sua mão gordita, recoberta de doirada séara de pelinhos, alisava a grenha côr de fogo como quem alisa um gato amigo.

Mais adiante amplo burguez, barbaçudo, verrugoso e bexiguento, fungava a suar. A' sua frente, sorrindo com bondade em meio dum grupinho amigo, uma especie de mulher de sexo neutro, acondicionada em alpaca, sem um atavio, e cujos cabellos grisalhantes alizavam-se em risrido peri-

cote sob a copa acartolada d'um chapeu masculino. Discutia Cuvier.

— E' a doutora X... sussurrou-me o Lino
— uma sabia sapientissima!...

Logo adiante, perto della, um occultista de nomeada; mais além, um pomologo; em seguida, um philologo, uma parteira, um charlata, um lente de geometria, um physio-psychopathologista.

Nós, miserandos intrusos, vexados da nossa ignorancia a dois, commentavamos baixinho, com respeitosa deferencia, as effigies hirsutas daquelles paredros que davam *tu* á Minerva. Lino não falava: ciciava tatibilitate. Aquella face da sociedade era-nos de todo ignorada. Tudo alli cheirava a novidade. O proprio ar nada tinha do ar *commum* das ruas: pairava nelle um perfumezenho subtil a raizes cubicas.

A' frente do salão havia uma comprida mesa em cujo centro o presidente da Sociedade — um rolete d'homem côr de salame — cofiava os bigodinhos ruivos, bamboleando no ar uns pés que não alcançavam o chão.

Ladeavam-n'o dois bonitos secretarios remexendo actas. Sobre a mesa, enfileirada, uma récua de bichos prehistoricos em miniatura, stegosauros, plesiosauros, iguanodontes, e um mamutesinho a escancarar a guela vermelha n'um urro mudo.

— *Dlin, dlin, dlin!*... Está aberta a sessão, rosnou o presidencial salame. O secretario mascou a acta — tá, tá, tá,...

— Tem a palavra o conferencista.

Corre pela sala um bisbilho de curiosidade. Galga a tribuna o homem. Rolicô e pipote,

tem a calva resplendente, traz casaca, oculos e convicção. Prepara uns papeis, tósse.

Novo *psst* deslisa pela sala. Cae nella o silencio curioso da expectativa...

-- Minhas senhoras e meus senhores ! Me parece que a outro e não a mim, que sou o mais modesto membro da Sociedade...

Estava encetada a conferencia.

Entreolhamo-nos ao *me*, com piscadelas gramaticaes e entregamos nossos quatro ouvidos ás palavras do Sabio. O orador, após o exordio da praxe, veste o escaphandro da observação, apoia-se no páu ferrado da critica, encavalga na penca os nasoculos da analyse e, sem tir-te, cae de mergulho no fundo sombrio das idades. Vae aos periodos *eos* examinar *gneiss* e *micaschistos* ; mostra exemplares ao auditorio e descreve-os com minucia.

Narra como vieram os primeiros vegetaes — samambaiussús enormes e mollengos — e como á sombra delles, e nos mares, foram surgindo bichinhos tontos, sem experienzia da vida, admiradissimos de verem casa tão grande posta a seres tão pequenos. Fala com a segurança de um feto arborescente, testemunha ocular daquillo, transfeito em sabio moderno. Diz e rediz. Vae e volta — porque o *gneiss* p'ra aqui, porque o *gneiss* p'ra lá, porque o *gneiss*, o *gneiss*, *gneiss*...

Depois agarra os *trilobitas*, as *amonitas*, e móe, remóe, tremóe, pulverisa os pobres bichinhos, digressiona, gesticula, súa : o *trilobita*, o *amonita*... porque o *trilobita*... não obstante o *amonita*... bita... nita... e nita e bita e pá, pá, pá, borbota sciencia pura, hispida, hirsuta, inexoravel,

num fluxo que berrava por tampões de perchlo-reto de ferro.

O tempo corre e da torneira aberta deflue caudaloso o jorro hermaphrodita do palavreado greco ou latino. O espelho da sua careca tremeluz de inspiração. O seu dedo pontifical colleia no espaço riscos explicatorios. E a lympha científica a jorrar, a jorrar... durante quinze, trinta minutos, uma hora, hora e meia...

O esguelado urro do mamutesinho já não é mais um urro, é um bocejo formidoloso. E não o unico. Pela sala innumeros se escancaram, incoerciveis. Algumas sobrecasacas cochilam. A doutora reprime numa careta um bocejo traiçoeiro ; o burguez das verrugas resfolga com maior estrerito e mais bagas de suor na testa.

E na tribuna a sciencia a correr, a correr... E a coisada fossil a desfilar inexgottavel n'uma sarabanda sem fim : — porque o *gneiss*, o *micaschisto*... não obstante o *bita*, o *nita*... os conglomerados da Westphalia, as superposições devonianas, a sedimentação evolutiva, tará-tátá, tá, tá.

Nesse ponto da escorrência penetrou na sala um delicioso casal, pisando de leve os passinhos de lá preventivos dos *pssts*. Elle, alto e elegante ; ella, mimosa e feminina, tom exotico de *bibelot* caro. Sentam-se. Elle abre os ouvidos. Ella espevita o *lorgnon* e corre os olhos vivos de malicia e ironia pela assembléa inteira ; pousa-os depois na figura salpiconesca do orador. Lino os segue.

— Vê que graciosos ! diz furando-me as costellas a cotovelladas — repara na ironia d'aquelles diamantes negros. Pousaram na caréca do

homem... alisam-na com bonhomia malandra... agora descem, examinam o nariz... riem-se, os marotos — é da verruga talvez... tentam arrancal-a... irritam-se... fogem da penca... examinam agora o feitio da sobrecasaca. Bom, deixaram em paz o homem... passeiam pela sala... dão com o chapéu da doutora... olha como se riem perdidamente, os moleques!...

Em quanto os olhos do meu amigo estudavam os maliciosos olhos da graciosa creatura, os meus barafustavam-se guela a dentro do mamute que o dedo do sabio apontava naquelle momento em quanto a bocca dizia :

— ...e appareceu então um animal de pellos duros e pretos, de prezas recurvadas, cujo foi encontrado na emboccadura do lena e se chamou mamute...

Mas o Lino me arrancou de golpe ás guelas do monstro e ao cassange do sabio.

— Larga o patão. Vê como ella boceja engracado !

De facto, a boquinha petulante da moça escondia no leque um bocejo saciado, saciado e contagioso, porque o sociologo escancarou tambem o seu, o pomologo lá no fundo abriu mais um, e o allemão da nossa direita reprimiu outro que promettia levar as lampas ao do mamute.

— Dez horas já ! espantou-se o meu amigo consultando o relogio — ha esperanças de fim, Helio ?

— Qual ! gemi — ainda estamos em pleno megatherio.

— E é comprido o megatherio ?

— Enorme ! E tem uma parentela... Só de-

pois de descriptos os glyptodontes, os megaceros, os rhinoceros, as hyenas é que ha esperanças de entrarmos em terras do nosso avô pithecanthropo. Coragem, homem fraco !

Dez e meia, e o corrimento paleontologico defluia copioso sem symptomas de exhaustão. Systemas sobre systemas amontoavam-se, induções sobre induções, hypotheses sobre hypotheses — num mascar monotono de realejo electrico. Nossas nadegas a arder protestavam. Bocejos insolentes amiudavam exigencias : queriam sahir já e já, queriam passagem franca, boccas bem escancaradas — e nós luctavamos por conter-lhes a mácriação.

E o chafariz scientifico a despejar...

— Ha esperanças, reanimei o Lino, estamos no homem.

— Bemdito sejas, ó rei da creaçao !

Era verdade ; o sabio penetrára no homem, afinal. Mais cincuenta minutos de sécca e pingava o ponto, convidando a assistencia a examinar de perto os fosseis amontoados sobre a mesa.

Estrepitaram palmas, e após um *uff!* de resurreição, encheu a sala o sussurro do «á vontade», das cadeiras recuadas, do frufrutar surdo dos capotes enfiados, dos espreguiçamentos risonhos.

— Que gostosura, um fim de sécca !

A assistencia afflue em magotes para junto da mesa afim de examinar os bichos. Fomos na onda. Todos commentavam, queriam pegar, apalpar os fosseis, cheiral-os, proval-os.

O sociologo, com um estegosauro seguro pelo cangote, explicava ao pomologo «de como pela

restauração de Cuvier se tinha ali um elo da vasta cadeia da evolução que Darwin descobriu».

Ao centro da mesa o conferencista desfazia-se em amabilidades de caixeiro, fragmentando a sua sciencia e distribuindo-a em pilulas.

— Olhe, doutor, dizia ao philologo, a *baculite* em transição de que falei.

E para outro sujeito :

— Já viu, doutor, o magnífico exemplar de *hippurite* que nos veio de Berlim ?

Nisto ouvi ao meu lado um resfolego adiçoso; voltei-me: era o burguez das verrugas, com a toucinhosa consorte pelo braço a examinar uma lasca de pedra azulega que de mão em mão viera ter ás suas.

O bicharoco olhava para o pedra como quem olha para um talisman. Não resisti e atirei-lhe a esmo :

— E' o *gneiss*.

O burguez encarou-me com o respeito devido a quem sabe e, virando-se para a mulher, disse gravemente :

— Este é o *gneiss*, Maricota.

D. Maricota tomou-o nos dedos, examinou-o sob todas as faces, e em seguida passou-o a uma amiga gaguejando de geologica emoção :

O *gneiss*, Nhanhã !...

Na rua esfumada pela garôa, um friosinho de tiritar. De golas erguidas, estugamos o passo, enquanto nossos labios extrahiam a moralidade da festa : Sciencia e Arte nasceram para viver

juntas, porque Arte é harmonia e Sciencia é verdade.

Quando se divorciam, a verdade fica des-harmonica e a harmonia falsa. Este senhor sabio, se trouxesse pela mão direita a Sciencia e pela esquerda a Arte, para fundil-as no momento de falar, que coisa esplendida não faria ! Trouxe uma só e por isso maçou-nos, empanturrou-nos a alma de coisas duras, indigeriveis, de mistura a dez mil pronomes fóra dos mancaes. Além disso...

Foi-nos impossivel proseguir na philosophia. Um carro passava, estalando fragorosamente as pedras da rua. Dentro vinha um casal.

— Ella !

— A Verdade e a Harmonia...

A nossa bocca emmudeceu, porque a imaginação, tomando as redeas nos dentes, levava-nos de galopada no encalço da dama dos olhos negros...

O FIGADO INDISCRETO

Que ha um Deus para o namoro e outro para os bebados está provado — *a contrario sensu*. Sem elles, como explicar tanto passo falso, sem tombo, tanto tombo, sem nariz partido, tanta beijoca lambiscada e mêsio sem maiores consequencias fóra uns sobresaltos desagradaveis, quando passos intempestivos põem fim a duos de sofá em sala momentaneamente deserta ?

Acontece, todavia, que esses deuses, ao geito de Homero, tambem cochilam : e lá parte o borrhacho o nariz de encontro ao lampião, ou a futura sogra lá pilha Romeu e Julieta em flagrante contacto de epidermes, petrificando-os com o classico : «Oh ! que pouca vergonha !».

Outras vezes acontece decahirem da graça divina os protegidos.

Foi o que sucedeu a Ignacio, o calouro, Por via disso perdeu elle de casar com a Sínharinha Lemos, bôa menina, a quem cincuenta contos de dôte tornavam optima.

Ignacio era o rei dos acanhadões. Pelas coisas minimas avermelhava, sahia fóra de si e permanecia largo tempo idiotisado.

O progresso do seu namoro veiu, como é natural, menos por obra sua que da menina, e

da familia de ambos, concertadas tacitamente em conspirar contra o celibato do futuro bacharel. Uma das traças conspirativas foi o convite que elle recebeu para jantar nos Lemos em certo dia de anniversario familiar commemorado a perú.

Ignacio barbeou-se, laçou a mais formosa gravata, floriu de orchideas a botoeira, friccionou os cabellos com loção de violeta e lá foi, de roupa nova, lindo como se sahira da fôrma áquell' hora. Levou comsigo, entretanto, para mal seu, o acanhamento. E disso proveiu a catastrophe...

Havia mais moças na sala, fóra a eleita, e caras estranhas, vagamente suas conhecidas, que o olhavam com a benevola curiosidade merecida por um possivel futuro parente.

Ignacio, de natural mal firme nas estribeiras, sentiu-se já de começo um tanto desmontado com o papel de galan á força que lhe attribuiam. Uma das moças, creaturinha requintada de malicia, muito «sahida» e «semostradeira», interpellou-o sobre coisas do coração, idéas relativas ao casamento e tambem sobre a «noivinha», tudo com meias palavras intencionaes, sublinhadas de piscadellas para a direita e para a esquerda.

Ignacio avermelhou, tartamudeando palavras desconchavadas, enquanto o diabrete da menina maliciosamente insistia :

— Quando os doces, seu Ignacio ?

Respostas mascadas, gaguejadas, ineptas, foram o que sahiu de dentro do moço, incapaz de réplicas geitosas sempre que ouvia risos femininos em redor de si. Salvou-o, porém, a ida para a mesa.

Lá, enquanto enguliam a sopa, teve tempo de voltar a si e arrefecer as orelhas. Mas não demorou muito no equilíbrio. O pobre rapaz, por dá cá aquella palha, mudava-se de si para fóra, soffrendo todos os horrores consequentes. A culpada aqui foi a dona da casa. Serviu-lhe D. Luiza um bife de figado, sem consulta prévia. Exquisitice dos Lemos: comiam-se figados naquelle casa até nos dias mais solemnes. Exquisitice do Ignacio: nascera com a estranha idiosyncrasia de não poder siquer ouvir falar em figado. Seu estomago, seu esophago e talvez seu proprio figado tinham pela viscera biliar uma figadal aversão. E não insistisse Ignacio em contrarial-os: amotinavam-se, repellindo indecorosamente o pedaço ingerido.

Nesse dia, mal o serviu D. Luiza, Ignacio avermelhou de novo e novamente saiu fóra de si. Viu-se só, desamparado e inerme ante um problema de inadiável solução. Sentiu lá dentro o motim das visceras, o estomago encrespado de cólera a exigir com imperio respeito ás suas antipathias. Parlamentou com o orgão digestivo, mostrou-lhe que máu momento era aquelle para uma guerra intestina. Tentou acalmal-o a góles de clarete, jurando-lhe eterna abstenção para o futuro. Pobre Ignacio! A porejar suor gelado na aza do nariz, chamou a postos o heroísmo, evocou todos os martyrios soffridos pelos christãos na era romana e os padecidos na era christan pelos hereticos, contou um, dois, tres e *glug!* engoliu meio figado sem mastigar. Um góle precipitado de vinho rebateu o empache. E Ignacio, de olhos arregalados, immovel, esperou a revolução intestina.

Em redor, a alegria reinava. Riam-se, palestravam ruidosamente, longe todos de suspeitar o suppicio daquelle martyr posto a tormentos de uma nova especie.

— Você já reparou, Milóca, na «ganja» da Sinhárinha? disse uma sirigaita de «belleza» na testa — está como quem viu o passarinho verde... E olhou de soslaio para Ignacio.

O calouro, entretanto, não deu fé da tagarelice; surdo ás vozes do mundo, todo se concentrava na auscultação das vozes visceraes. Além disso, a tortura não estava concluida: tinha ainda deante de si a segunda parte do figado engulhento. Era mister atacal-o e concluir de vez a ingestão penosa. Ignacio engatilhou-se de novo e — um, dois, tres: *glug!* — lá rodou esophago abaixo o resto da miseravel glandula. Maravilha! O estomago, por inexplicavel milagre de polidez, não reagiu. Estava salvo Ignacio. E como estava salvo voltou lentamente a si, muito pallido, com o ar lorpa dos resuscitados. Chegou a rir-se. Riu-se alvarmente, de gozo, como riria Hercules apôs o mais duro dos seus trabalhos. Seus ouvidos ouviam de novo os rumores do mundo, seu cerebro entrava a funcionar normalmente e seus olhos volveram outra vez ás visões habituaes. Estava nessa beatitude, quando:

— Não sabia que o senhor gostava tanto de figado, disse D. Luiza, vendo-lhe o prato vasio. Repita a dóse!

O instincto de conservacão em Ignacio pulou em guarda. E, fóra de si outra vez, elle exclamou, tomado de panico:

— Não! Não! Muito obrigado!...

— Ora deixe-se de luxos ! Tamanho homem com ceremonias em casa de amigos ?! Coma, coma, que não é vergonha gostar de figado. Ahi está o Lemos, que se péla por uma isca.

— Iscas são commigo, confirmou o velho. Lá isso não nego, Com ellas ou sem ellas, nunca as enjeitei. Tens bom gosto, rapaz. Serve-lhe, serve-lhe mais, Luiza.

E não houve salvação ! Veiu para o prato de Ignacio um novo naco, e este formidavel, dóse dupla.

Não se descreve o drama creado no seu organismo. Nem Shakespeare, nem Maeterlink — ninguem dirá nunca os lances tragicos da estomacal tragedia sem palavras. Nem eu, portanto. Direi somente que á memoria de Ignacio acudiu o caso da Nora de Ibsen e elle aguardou disfarçadamente o milagre.

E o milagre veiu desta vez. Um creado estouvadão tropeçou no tapete soltando o perú no collo de uma dama. Gritos, reboliço, tumulto. Ignacio, n'um lampejo de genio, agarra o figado e mette-o no bolso.

Salvo ! Nem D. Luiza, nem os visinhos perceberam o truque — e o jantar chegou á goiabada sem maior incidente.

* * *

Antes da dançata lembrou alguem recitativos e a espevitadissima Milóca veiu ter com Ignacio.

— A festa é sua, dr. Ignacio. Nós queremos ouvil-o. Dizem que o dr. recita admiravelmente ! Vamos, um sonetinho de Bilac. Não

sabe? Olha o luxinho! Vamos, vamos! Repare quem está no piano: é *ella* quem o vae acompanhar... Nem assim? Máusinho! Quer de certo que a Sinhárinha inste?... Ora, até que emfim! A «Douda de Albano»? Conheço sim, é linda, embora um pouco fóra da moda. Toque a Dalila, Sinhárinha, bem *piano*, assim...

Ignacio, vexadissimo, vermelhissimo, já em suores, foi para pé do piano onde a futura preludiava a Dalila em surdina. E declamou a «Douda de Albano.»

Pelo meio dessa tragedia em verso, ahi pela quarta ou quinta desgraça, uma baga de suor escorrida da testa parou-l'e na sobrancelha, comichando como importuna mosca. Ignacio lembra-se do lenço e sacca-o fóra. Mas com o lenço vem o figado, que faz *plaff* no chão. Uma tossida forte e um pé plantado sobre a infame viscera, manobras do insticto, salvam a situação.

Mas desde esse momento a sala começou a observar um extraordinario phenomeno. Ignacio, que tanto se fizera rogar, não queria agora deixar o piano. E mal terminava um recitativo, logo iniciava outro, sem que ninguem lh'o pedisse. E' que o acorrentava áquelle posto, novo Prometheu, o implacavel figado...

Ignacio recitava. Recitou o «Navio negreiro», «As duas ilhas», «Vozes da Africa», «O Tejo era sereno».

Sinhárinha, desconfiada, abandonou o piano. Ignacio, firme. Recitava sempre. Recitou o «Corvo» de Edgard Poe, traduzido pelo sr. João Kopke; recitou o «Quizera amar-te», o «Acorda donzella»: borbotou poematos, modinhas e quadras.

Sinhárinha, num canto da sala, estava chórão chórão. Todos se entreolhavam aparvalhados : teria enlouquecido o moço ?

Ignacio, firme. Completamente fóra de si (era a quarta vez que isso lhe acontecia naquella festa) e falto já de recitativos de salão, recorreu aos Luziadas. Declamou «As armas e os barões», «Estavas, linda Ignez», «Do reino a redea leve», o «Adamastor» — tudo !...

E, esgottado Camões, ia-lhe sahindo um «ponto» de *Philosophia do Direito* — «A escola de Bentham» — a coisa ultima que lhe restava de cór na memoria, quando perdeu o equilibrio, escorregou e cahiu de costas, patenteando aos olhos arregalados da sala a infamissima viscera de má morte.

O hesto não vale a pena contar. Basta que saibam que o amor da Sinhárinha morreu nesse dia ; que a conspiração matrimonial falhou, e que Ignacio mudou de terra. E sabem porque Ignacio mudou de terra ? Aquelle major Lemos ! Pois o desalmado não deu de espalhar pela cidade inteira que Ignacio era, sem duvida, um bom rapaz, mas que tinha um grave defeito : quando gostava de um prato, não se contentava em comer delle e repetir—ainda levava escondido no bolso o que podia ?

O IMPOSTO UNICO

(CONTO DO NATAL)

PROLOGO

No principio era o pantano, com vallas d'agrião e rãs coaxantes. Hoje é o parque do Anhangabahú, relvado, com ruas de asphalto, pérgola grata a namoriscos nocturnos, a estatua dum adolescente nú que corre — e mais coisas. Autos voam pela avenida central, e cruzam-se pedestres em todas as direcções.

Naquelle dia vi formar-se por alli um bolo de gente, rumo ao qual caminhava um policia apressado. — Phagocitose, pensei. A rua é a arteria, os passantes o sangue. O desordeiro, o bebado, o gatuno são os microbios nocivos perturbaadores do rythmo circulatorio. O soldado de policia é o globulo branco — o phagocito de Metchenikoff. Está, de ordinario, parado no seu posto, circumvagando olhares attentos. Mal se congestiona o trafego, pela accão anti-social do desordeiro, move-se, caminha, corre, cae a fundo sobre o máu elemento e arrasta-o d'alli para o xadrez.

Foi assim naquelle dia.

Dia sujo, azedo.

Ceu dubio, de decalcomania pelo avesso.
Ar arrepiado.

Alguem perturbára a paz do jardim, e em redor desse discolo se juntára logo um grupo de globulos vermelhos, especie *curiosa*. E lá vinha o phagocito restabelecer a harmonia universal.

O caso gyrava em torno d'uma creança maltrapilha que tinha a tiracolo uma caixa tosca de engraxate, visivelmente feita por suas proprias mãos.

Muito sarapantado, com lagrimas a brilhar nos olhos cheios de pavor, o pequeno murmurava coisas de ninguem attendidas. Sustinha-o pela golla um fiscal da camara.

— Então, seu cachorrinho, sem licença, hein?
— exclamava entre colerico e victorioso o mastim municipal, focinho muito nosso conhecido. E' um que não é um, mas legião, e sabe ser tigre ou cordeiro conforme o naipe do contraventor. Arreganha como buldogue ; mas se lhe sacodem osso, recolhe os colmilhos e vira cordeiro. Naquelle dia, presentindo ausencia de osso, permanecia fera de começo a fim. Haviaiam de ver ! Sacudiu de novo o menino, repetindo :

— Então, cachorrinho, que é da licença ?

A miseravel creança evidentemente não entendia, não sabia que coisa era aquella de licença, tão importante, reclamada assim a empuxões brutaes. Foi quando entrou em scena o policia.

Este globulo branco era preto. Tinha beiço de sobejar e nariz invasor de meia cara, aberto em duas ventas accesas, relembrativas das ca-

vernas de Trophonius. Approximou-se. Rompeu o magote humano com um napoleónico — «Espalha!»

Humildes alas se abriram áquelle magico sezamo, e a Autoridade, avançando, interpellou o Fisco :

— Que encrenca é esta, chefe?

— Pois este cachorrinho não é que está exercendo illegalmente a profissão! Encontrei-o banzando por aqui, com estes troços, a fisgar com os olhos os pés da gente e a dizer — «engraxa freguez!» Eu vi a coisa de longe, vim pé ante pé, disfarçando e de repente, *Nhoc!* «Mostre a licença», eu disse. «Que licença?», fez elle, com arzinho de innocent. «Ah! você diz que licença, cachorro? Está me debochando, ladrão! Espera que te ensino o que é licença, trapo!» E agarrei-o. Não quer pagar a multa. Vou leval-o ao deposito, autoar a infracção para proceder como de direito, concluiu com soberbo entono o cariado canino da Maxilla Fiscal.

O solemne Mata-Piolho da Manopla Policial concordou :

— E' isso mesmo. Casca-lhes!

E, chiando por entre dentes uma cusparada de esguicho, deu sua sacudidela supplementar no menino. Depois voltou-se para os basbaques e ordenou com imperio de soba no kraal :

— Circula, paisanada! E' «purivido» ajuntamentos de mais de um.

Os globulos vermelhos dispersaram-se em silencio. O buldogue lá seguiu com o pequeno nas unhas. E Páu de Fumo, em attitude de Bonaparte em face das Pyramides, ficou, de dedo

no nariz e bocca entreaberta, a gozar a prom-ptidão com que, n'um apice, sua energia resol-vera o tumor maligno formado na arteria de sua jurisdição.

O BRAZ

Tambem lá, no principio, era o charco — terra negra, fôfa, turfa tressuante, sem vegetaçao outra além dessas plantinhas miseraveis que su-gam o lodo como minhocas.

Aquem da Varzea, na terra firme e alta, S. Paulo crescia. Erguiam-se casas nos cabeços, e esgueiravam-se ladeiras encostas abaixo, em to-das as direcções: a Boa Morte, o Carmo, o Pi-ques; e ruas: a do Imperador, Direita, S. Bento.

Poetas cantavam-lhe as graças nascentes:

O' Liberdade, ó Ponte-Grande, ó Glória !

Deram-lhe um dia o viaducto, esse arrojo!... Os paulistanos pagavam, gozosos, tres cobres para se embebedarem, atravessando-o, da ver-tigem do abysmo. E em casa, cheios d'orgulho, narravam a aventura ás esposas e mães pallidas de espanto. Que arrojo d'homem, esse Jules Martin que ideára aquillo !

Emquanto São Paulo crescia o Braz coaxava. Enluravam-se no brejal negro legiões de sa-pos e râs. A' noite, do escuro da terra um choral subia, de coaxos, *pan-pans* de ferreiros, latidos de mimbuias, *glu-glus* de untanhas; e por cima, no escuro do ar, vagalumes ziguezaguean-tes riscavam fosforos ás tontas.

E assim foi até o dia da avalanche italiana.

Quando, lá no Oeste, a terra roxa se revelou mina de ouro das que pagam duzentos por um, a Italia vazou para cá a espuma da sua transbordante taça de vida. E São Paulo, não bastando ao abrigo da nova gente, assistiu, attonito, ao surto do Braz.

Drenos sangraram em todos os rumos o atoleiro; a agua escorreu; os sapos, espavoridos, sumiram-se aos pulos para as baixadas do Tietê; rã comestivel não ficou uma para memoria da raça; e, breve, em substituição aos guembês, resurtiu a cogumelagem de centenas de casas tipicas -- porta, duas janellas e platibanda.

Numerosas ruas, alinhadas na terra côn de ardósia, que já o sol resequira e donde o vento erguia nuvens de pó negro, margearam-se com rapidez febril desses prediosinhos terreos, iguaes uns aos outros, como sahidos do mesmo molde -- pifios, mas unicos possiveis então. Casotas provisorias, desbravadoras da lama e vencedoras do pó de sapato á força de preço modico.

E o Braz cresceu, espraiou-se de todos os lados, comeu todo o barro pixuna da Moóca, bateu estacas no marco da Meia Legua, lançou-se rumo á Penha, pôz de pé igrejas, macadamisou ruas, inçou-se de fabricas, viu surgirem avenidas, e vida propria, e cinemas, e o Colombo, e o namoro, e corso pelo Carnaval. E lá está hoje, enorme, feito a cidade do Braz, separado de S. Paulo pelo faixão vermelho da Varzea aterrada — a Pesth desta Buda a beira do Tamanduatehy plantada.

São duas cidades vizinhas, distintas de cos-

tumes, de almas já bem diversificadas. Hoje, ir ao Braz, é uma viagem. O Braz não é alli, como o Ipiranga; é lá, do outro lado, embora mais perto que o Ipiranga. Diz-se — vou ao Braz — como quem diz — vou á Italia. Uma Italia aggregada como um bocio recente e autonomo a uma *urbs* antiga, filha do paiz; uma Italia função da terra negra, italiana por sete decimos e *algo nueva* pelos tres restantes.

* * *

O Braz trabalha de dia e, á noite dorme. Aos domingos fandanga ao som do bandolim. Nos dias de festa nacional (destes tem predilecção pelo 21 de Abril: vagamente o Braz desconfia que o barbeiro da Inconfidencia, porque barbeiro, havia de ser um patrício) vem a S. Paulo. Entope os bonds no travessio da Varzea e, cá, ensardinha-se nos autos: o pae, a mãe, a sogra, o genro e a filha casada no banco de traz; o tio, a cunhada, o sobrinho e o Pepino, voluntario, no da frente; filhos miudos por entremeio; filhos mais taludos ao lado do *chauffeur*; filhos engatinhantes debaixo dos bancos, filhos em estado fetal no ventre bojudo das matronas. O carro, vergado de molas, geme sob a carga e arrasta-se a meia velocidade ruas acima, exhibindo a Paulicéa aos olhos arregalados daquelle exhuberante cacho humano.

Finda a corrida, o auto debulha-se do enxame no triangulo, e o bando toma d'assalto as confeitarias para um regabofe de *spumones*, sis, croquetes. E tão a serio toma a tarefa que,

alli pelas 9 horas, não resta mais vestigio de empada nos armarios thermicos, nem de sorvete no fundo das geladeiras. O Braz devóra tudo, ruidosa, alegremente e sae impando bem a-venturança estomacial, com massagens ageitadoras do abdomen. Caroços d'azeitonas, palitos dos camarões, guardanapos de papel, pratos de papelão seguem com elle, nas munhecas da peti-zada, como lembrança da festa e consolo ao bersalhersinho que lá ficou de castigo, em casa, berrando com goéla de Caruso.

Em seguida, tóca para o cinema! Abarrota os de sessão corrida. O Braz chora nos lances lacrimogeneos da Bertini e ri nas comedias a gaz hilariante da L-Ko mais do que autorisam os mil e cem da entrada. E repete a sessão, piscando o olho: é o geito de dobrar a festa em extensão, e obtel-a a meio preço, 550 réis — um negocião !

* * *

As mulheres do Braz, ricas d'ovario, são vigorosissimas de utero. Desovam filho e meio por anno, sem interrupção, até que se acabe a corda ou rebente alguma peça essencial da gestatoria.

E' de vel-as na rua. Bojudas de seis mezes, trazem um Pepino de anno e meio á mão e um chorincas á mama. A' tarde, o Braz inteiro chia de criançalha, chutando bolas de pano, jogando o pinhão, ou a piorra, ou o tento de telha, ou o tabefe, com palavriados mixtos de portuguez e dialectos d'Italia. Mulheres escarran-

chadas ás portas, com as mãos ocupadas em manobras de agulha de osso, espigaitam para os maridos os successos do dia, que elles ouvem filosoficamente, cachimbando em silencio ou co-fiando a bigodeira á Humberto.

De manhã, madrugadinha, esfervilha o Braz de gente estremunhada a caminho das fabricas.

A tarde, refluem em magotes — homens e mulheres, de cesta no braço ou garrafas de café, vazias, penduradas do dedo; meninas, rapazes, raparigotas de pouco seio, simples no vestir, galantes, tagarelas, com o namoro rente.

Desce a noite, e nos desvãos de rua, nos bêcos, nas sombras — o amor lateja. Ciciam vozes cautelosas das janellas para os passeios; pares, em conversa disfarçada, nos portões, emmudecem se passa alguem ou tosse lá dentro o pae.

Nos cinemas, durante o escuro das fitas, ha contactos longos, febricitantes; e, quando rompe a luz dos intervallos, não sabem os namorados o que se passou no quadro — mas estão de olhos langues, em quebreira de amor. E' o latejar da messe futura. No anno seguinte todo aquele erectismo por musica, com cicios de pensamentos de cartão postal, estará morto — legalisado pela igreja e pelo juiz, transfeita a sua poesia em choro de criança ou trabalheiras sem fim da casa humilde.

Tal menina rosada, leve de andar, toda requebros e dengues, que passa na rua vestida com graça e attrahe sobre si os olhares gulosos dos homens, não a reconhecereis, dois annos depois, na lambona filhenta que deblatera com o

verdureiro a respeito do mólho de cenouras onde ha uma menor que as outras...

Filho da lama negra o Braz é, como ella, um sedimento de alluvião humana. E' S. Paulo mas não é a Paulicéa. Ligada a esta pela expansão urbana, separa-os uma barreira — a eterna barreira que separa o velho fidalgo do peão enriquecido...

PEDRINHO, SEM SER CONSULTADO, NASCE.

Viram-se, elle e ella. Namoraram-se. Casaram. Casados, proliferaram.

Eram dois. Ajoujou-os Eros. Viveram juntos, uns mezes, os tres. Eros é andejo. Abandonou logo a casa. Mas veiu o primeiro filho e continuaram tres. Depois, quatro, e cinco, e seis...

Chamava-se Pedrinho, o mais velho.

A VIDA

A mãe, de pé na porta, espera o filho que foi á padaria. Entra o pequeno, vazio de mãos.

— Diz que subiu ; custa agora oitocentos.

A mulher, com uma criança ao peito, franze a testa com desespero.

— Meu Deus ! Onde iremos parar ! Hontem, a lenha ; hoje, o pão... Roupa, pela hora da morte. José, ganhando sempre a mesma cousa... Que será de nós, Deus do céu !

Depois, voltando-se ao filho,

— Vae a outra padaria, disse, quem sabe se lá... Se fôr a mesma cousa, traga só um pedaço.

Pedrinho sahiu. Nove annos. Franzino, dentio, sempre mal alimentado, e vestido com os trapos descorados das roupas velhas do pae.

Este trabalhava num moinho de trigo, ganhando jornal insufficiente para a manutenção da familia. Se não fôra a bravura da mulher, que lavava para fóra, não se sabe como poderiam subsistir.

Para augmento de renda lembrou-se ella, uma vez, de cultivar hortaliças n'um terreno baldio, annexo á casa. Alugou-o ao capitalista proprietario e iniciaram, ella e os filhos, a plantação. Ia em meio a horta, com grande gaudio de todos, esperançosos em tirar da terra - mae a fartura, quando um bello dia o fisco lhes pára á porta, espia as couves e arreganha a dentuça: ou pagavam a licença ou destruiam os canteiros incontinente.

Foram forçados a destruir porque o imposto de licença subia muito acima das suas posses.

Esses homens gordos, encartolados, bem comidos, bem bebidos, bem fumados, que correm pelas ruas dentro de autos luxuosos e, porque o cambalacho politico os fez ministros, se julgam estadistas, deviam descer dos tamancos e virem cá embaixo contemplar scenas destas: mae e filhos esfaimados a arrancarem, com lagrimas nos olhos as plantinhas que cresciam tão bem... Porque lá um bello dia o povo, desesperado, fál-os-á abrir os olhos, á força de guilhotina ou dynamite...

Todas as mais tentativas feitas no intento de melhorarem a vida com industrias caseiras, esbar-

raram no obice tremendo do fisco. A féra condenava-os á fome. Paciencia.

Escravizados assim José perdeu, aos poucos, a coragem, o gosto de viver, a alegria. Vegetava aparvalhado, recorrendo ao alcool, para alivio da situação. Bemdito sejas, amavel veneno, refugio derradeiro do miseravel, gole inebriante de morte que fazes esquecer a vida e lhe abrelias o curso ! Bemdito, porque embruteces, e arrancas do homem o nervo doloroso da consciencia !...

Mariana, apezar de moça, 27 annos apenaç, apparentava o dobro. A labuta permanente, os partos successivos, a chiadeira da filharada, a canceira sem fim, o serviço emendado com o serviço, sem folga outra além da que o somno fórça, fizeram da bonita moça que foi a escanzelada besta de carga que era.

Seus dez annos de casada ! ... Que eternidade de canceiras !...

Rumor á porta. Entrava o marido. A mulher, ninando a pequena de peito, recebeu-o com a má nova.

— O pão subiu, sabe ?

O homem, sem murmurar palavra, sentou-se á mesa, apoiando nas mãos a cabeça. Cançado. A mulher proseguiu :

— Está a oitocentos o kilo. Hontem foi a lenha... E lá ? Sempre augmentam o jornal ?

O marido esboçou um gesto de infinito desalento, e permaneceu mudo, com o olhar vago. A vida era um jogo de engrenagens de aço en-

tre cujos dentes elle se sentia esmagado. Inutil, resistir... Destino...

Na cama, á noite, confabularam. A mesma conversa de sempre. Elle acabava grunhindo rugidos surdos de revolta.

Falava em revolução, saque. Ella consolava-o, de esperança posta nos filhos.

— Pedrinho tem nove annos. Logo estará em ponto de nos ajudar. Um pouco mais de paciencia, e a vida melhora.

Aconteceu que nessa noite Pedrinho ouviu a conversa e a referencia á sua futura acção. Entrou a sonhar.

Que fariam delle? Na fabrica, com o pae? Se lhe dessem a escolher iria a engraxador. Tinha um tio no officio, e em casa delle era menor a miseria. Pingavam nickeis!

Sonho vae, sonho vem, brota na cabeça do menino uma idéa. Idéa que cresceu, tomou vulto extraordinario e fel-o perder o sonno. Começar já, amanhã! Porque não? Faria elle mesmo a caixa; escovas e graxa com o tio arranjaria. Tudo ás occultas, para surpreza dos paes!... Iria postar-se numa praça onde passasse muita gente. Diria como os outros: «engraxa, freguez!» e nickeis sobre nickeis haviam de juntar-se nos seus bolsos... Voltaria para casa recheiado, bem tarde, com ar de quem as fez... E mal a mãe, anciosa, começasse a ralhar, elle, glorioso, lhe taparia a bocca, despejando na mesa o monte de dinheiro... O espanto della, a cara admirada do pae, o regalo da criançada com a perspectiva de ração em dobro!... É a mãe a apontal-o aos vizinhos: «Vêm que coisa?

Ganhou, só hontem, primeiro dia, dois mil réis !» E a noticia a correr... E murmúrios na rua quando o vissem passar : «E' este !...»

Pedrinho não dormiu, febril. Madrugou. E passou o dia a dispor as taboas dum caixote velho, na factura duma caixa de engraxate pelo molde classico. Lá a fez. Os pregos bateu com o salto duma velha botina. As taboas serrou pacientemente com um facão dentado. Sahiu coisa tosca e mal ajambrada, de fazer rir a qualquer carapina, e pequena demais — só caberia sobre ella um pésinho de creança igual ao seu. Mas Pedrinho não notou nada disso, e nunca trabalho de carpintaria lhe pareceu mais perfeito.

Conclusa, pôl-a a tiracolo e esgueirou-se para a rua, ás escondidas. Foi á casa do tio e lá obteve duas velhas escovas, fóra d'uso, já sem pêlos, mas que á sua exaltada imaginação asfiguraram-se optimas. Graxa conseguiu alguma raspando o fundo de quantas latas vazias encontrou no quintal.

Prompto ! Estava armado cavalleiro. Ia penetrar na arena, vencer.

Aquelle momento marcou em sua vida um apogeu de felicidade victoriosa. Era como num sonho — e sonhando saiu para a rua. Em caminho viu o dinheiro crescer aos montes nas suas mãos. Dava á familia parte; o resto encafava. Quando enchesse o canto da arca onde guardava suas roupas, montaria um «corredor», pondo a jornal outros collegas. Augmentavam as rendas ! Enriqueceria ! Compraria bicycleta, automovel, doces todas as tardes na confeitoria,

livros de figura, uma casa, um palacio, outro palacio para os paes... Depois...

Chegou ao parque. Tão bonito aquillo — a relva tão verde, tosadinha... Havia de ser bom o ponto. Parou perto dum banco de pedra e, sempre sonhando as futuras grandezas, pôz-se a murmurar para cada passante, fiscando-lhe os pés: «Engraxa freguez!»

Os freguezes passavam sem lhe dar atenção. «E' assim mesmo, reflectia, no começo custa. Depois, afreguezam.»

Subito, viu um homem de boné caminhando para o seu lado. Correu-lhe os olhos nos sapatos. Sujos. Viria engraxar, com certeza. E o coração bateu-lhe apressado, no tumulto delicioso da estreia. Ergueu-os de novo para o homem, já a cinco passos, e sorriu, com infinita ternura nos olhos, num antecipado agradecimento onde havia thesouros de gratidão.

— Então, cachorrinho, que é da licença ?

EPILOGO ? NÃO ! PRIMEIRO ACTO

Horas depois o fiscal apresentava-se em casa de Pedrinho, com o pequeno pelo braço. Bateu. O pae estava, mas quem abriu foi a mãe. O homem, nesses momentos, não apparecia—para evitár explosões. Ficou a ouvir do quarto o bate-bocca.

O fiscal exigia pagamento da multa. A mulher debateu-se, arrepelou-se. Por fim, rompeu em choro.

— Não venha com lamurias, rosou Buldogue, conheço o truque desse aguinha dos olhos.

Não me embaça, não. Ou bate aqui os vinte ou penhóro esta cacaria. Exercer illegalmente a profissão ! Ora dá-se ! E olhe cá, minha mada-ma, dê-se por feliz de ser só vinte. Eu é de dó de vocês, uns miseraveis ; senão applicava o maximo. Mas se resiste, dóbro a dóse !

A mulher limpou as lagrimas. Seus olhos endureceram. Uma chispa má de odio represado faiscou nelles. O fisco, percebendo-o motejou :

— Isso. E' assim que as quero — têsinhas ! ah ! ah ! ah !

Mariana não respondeu. Foi á arca, reuniu o dinheiro que havia — dezoito mil réis — rati-nhados, havia mezes, aos vintens, para o caso d'alguma doença. E entregou-os ao Fisco.

— E' o que ha, murmurou, com tremura na voz.

O homem contou o dinheiro, metteu-o gos-tosamente no bolso e disse :

— Sou generoso, perdôo o resto. Adeusi-nho, amor !

E foi á venda proxima beber dezoito mil reis de cerveja.

Emquanto isso, no fundo do quintal, o pae batia furiosamente no filho...

O PLAGIO

- Você sae, Nenesto, com um tempo destes ?
- Não ha outro.
- Dia de S. Bartholomeu, inda mais ?...
- Importa-me lá o santo !
- Está bem. Depois não se arrependa.

Isto dizia D. Eucharis a seu marido Ernesto d'Olivaes ao vel-o tomar o chapeu do cabide. Ernesto sahiu.

Fóra, remoinhava o vento, annunciando tempestade imminente.

Por castigo, nem bem caminhára o teimoso duzentos passos, desaba repentino aguaceiro. Tão repentina que mal lhe deu tempo de barafustar por um «sebo» a dentro no instante preciso em que o belchior cerrava a ultima folha de porta. Mesmo assim resfriou-se e foi com tres espirros que retribuiu á saudação do homem.

- Atchim !...
- Viva !
- Atchim !...
- Viva !
- Atchim... Brrr ! P'ra burro ! Espirro p'ra burro ! *C'est le diable,*
(Seculo trinta ! Se por acaso um exemplar

desta historia chegar ao conhecimento dos teus fariscadores de antigualhas, não se assombre elle com a expressão curralina do meu Ernesto. Nem quebre a cabeça a interpretal-a com ajuda da philologia comparada, da veterinaria e mais sciencias connexas.

Deixa-se cá a chave do enigma: semelhante expressão viveu correntia, pelas immediações da Grande Guerra, com significado de abundante, excessivo ou estupendo. Nascida n'alguma cocheira, alargou-se ás ruas, e passou destas aos salões. Penetrou até na rhetorica amorosa. Romeus houve que, pintando a formosura das respectivas Julietas, substituiam o archaico — lindo como os amores — por este soberbo jacto de impressionismo cavallar: E' linda p'ra burro!

Não obstante, as Julietas casavam com os masmarros, — e eram felizes. Lá se entendiam...)

O belchior era francez, e Ernesto taramelava na lingua adoptiva do sr. Jacques d'Avray o necessário para embrulhar lingua com um belchior francez. Sabia differençar *femme sage* de *sage femme*, distinguia *chair* de *viande*, e alambicava a primor os *uu* gaulezes. Além disso tinha sciencia de varios idiotismos, usando amiude o *qu'est-ce que c'est que ça*; sabia de cór a historia do *Didon dit-on* além dum a duzia de prosopopéas d'alto calibre forrageadas nos «Miseráveis» — o que já é bagagem glossica de peso para um carrapato orçamentario com seis annos de sunção.

Taes conhecimentos, mensalmente postos em jogo, bastavam para espezinhar a paciencia do livreiro a quem Ernesto, em todo dois de cada

mez, alugava um bacamarte de Escrich matador das horas vazias da repartição.

Naquella tarde, porém, Ernesto não queria livros e sim um tecto, razão por que falhou o sempiterno ritual do encetamento da sécca. (Esse ritual começava assim : *Qu'est-ce que vous avez de nouveau, monsieur ?*)

Fóra, o vento pulverisava a chuva, em regougos sibilantes.

Tinha de esperar.

Esperou, remexendo estantes, folheando revistas, lendo a meia voz os títulos dourados. De longe em longe tomava um volume e perguntava ao francez acurvado na escripturação de um livro de capa preta :

— *Combien, monsieur ?*

E, á resposta do homem, repicava invariavelmente :

— *C'est très salé, c'est très salé, c'est très salé* — estribilho trauteado em surdina até que novo livro lhe empolgasse a attenção.

Empolgou-lh'a uma brochura esborcinada: *A Maravilha*, de Ernesto Souza.

— Olé ! um xará ! *Combien, monsieur ?*

O livreiro, sem maior attenção, rosnou qualquer cousa enquanto Ernesto, absorto no museio do livro, ia murmurando machinalmente o *très salé*.

Leu-lhe o periodo inicial e o final, vezo antigo, adquirido no collegio, onde collecionava num caderno a primeira e a ultima phrase de quanto livro lhe transitava pela carteira.

«A Maravilha» era um desses romances esquecidos que trazem o nome do autor á frente

d'uma comitiva de identificações á laia de passaporte á posteridade, muito em moda no tempo da onça.

Alfredo Maria Jacuacanga

(natural do Recife)

3.º annoista da Escola de Medicina da Bahia

ou :

Doutor Cornelino Rodrigues Fontoura

Ex-lente disto, ex-director daquillo, ex-membro do Pedagogium, ex-deputado provincial, ex-cavalleiro da Cruz Preta, etc., etc., etc.

Romances descabellados onde ha lagrimas como punhos, e punhaes vingativos, e virtudes premiadissimas de par com vicios archi-castigados pela intervenção final e apotheotica do Dedo de Deus — livros que a traça leu e rendilhou nos poucos exemplares escapos á função sobre todas bemdita de capear bombas de foguetes.

O periodo final rezava assim: «E um rubro fio de sangue brotou do niveo seio da donzella apunhalada, como uma vibora de coral num marmore pagão».

Ernesto, né de Oliveira, mas d'Olivaes por contingencias estheticas, enrubesceu de appollineo prazer. E assoou-se, prova muito sua de entusiasmo chegado a ponto de arrepio.

— Sim, senhor ! Estava ali uma phrase soberba ! «Como vibora de coral...» Magnifico ! E este «marmore pagão» ?

Foi ter com o *Monsieur* e leu-lh'a «com alma»; mas o typo, absorvido numa addição, miou o *oui, oui*, sem erguer sequer a cabeça.

Ernesto não comprou o livro (não era dois do mez) mas o escondeu num desvão para que

ninguem lhe puzesse a vista em cima até o dia acquisitivo.

Em quanto isso, a chuva amainára.

Ernesto entreabriu a porta, espiou a rua murmurante nas sargetas e resolveu abalar.

— *Monsieur, au revoir.*

— *Oui, oui*, miou pela ultima vez o bruto.

Na rua endireitou para casa ruminando que, sim senhor ! era ter fogo sagrado ! uma phrase daquellas fazia um nome; o xará tinha talento, e bem dizia Victor Hugo nos «Miseraveis» que o genio..., é o genio !

Por todo o caminho foi redizendo-a em mente, com caricosa uncção, remirando-a por todos os lados, sob todas as luzes. Degustou-a como um sybarita : pelo som, repetindo-a em surdina vinte vezes, pela fórmula, revendo o geito com que a fixaram no papel os caracteres typographicos, pelas correlações associadas, evocando vagos hellenismos classicos que o padre mestre Jordão lhe embutira no cerebro a palmatoadas — Phrynéa, o cão de Alcebiades, as Thermopylas, o tonel de Diogenes e outros.

Por fim, á ncitc, já a celebre phrase se lhe encrustára nos miolos no logar onde costumam habitar as ideias fixas.

Chegou a repetil-a a D. Eucharis. Mas D. Eucharis, uma creatura sovada, toda virtudes conjugaes e preoccupações caseiras, interrompeu-o prosaicamente:

— E você trouxe, Nenesto, o pavio de lampião que te encommendei ?

Ernesto d'Olivaes arrepanhou a cara num assomo de dó ante a chinfrinice mental da com-

panheira. Dó, despeito e meia colera, cousa rara em sua alma de amanuense, gommosa e mansa.

— Que pavio ? Que me importa o pavio ? Quem fala aqui de pavio ? Ora não me aborreça com historias de pavio !

E voltando-se para o canto (que a scena se passava na cama) embezerrou.

O sonno dessa noite não foi bom conseilheiro. Ernesto no dia seguinte andou pela repartição mais meditativo que de costume, com os olhos parados — olhos de cabra morta que olham sem ver.

E' que uma idéa...

Não era bem uma idéa, mas cellulas vagas, destroços longamente vogantes de idéas mortas, lampejos de idéas futuras, coisas tão affins que ao cabo de tres dias se fundiam numa idéamãe de imperiosa vitalidade.

— Escrever um conto, uma simples «variedade», em linguagem bem caprichada, com floreados bem bonitos, arabescos de estylo...

Duas ou tres personagens. Não gostava de muita gente. Um conde, uma condessa pallida, a cidade de Tres Estrellinhas, o anno de 18... Como enredo, uma paixão violenta da condessa pelo pintor Gontran. Gostava muito desse nome. A scena, já se sabe, passava-se em França, que nunca achára geito em personagens nacionaes, vivendo em nosso meio, ao nosso lado. Perdiam o encanto. A narrativa vinha num crescendo até engastar n'aquelle final... Oh ! sim !... aquelle final, porque, em summa, o conto viveria para justificar a exhibição daquella joia de «cellineo lavor».

E logo abaixo o seu nome por extenso: Ernesto da Cunha Olivaes.

Esse remate furtado ao xará da «Maravilha» se foi insinuando aos poucos na consciencia de Ernesto como coisa muito sua, propriedade artistica indiscutivel.

«A Maravilha», ora! Um miseravel caco de livro de que ninguem conhecia a existencia...

Plagio? Como plagio?! E' tão commum duas criaturas terem a mesma idéa... Coincidencia, simplesmente. E além disso, quem daria pela coisa?

Ernesto era literato.

Quem não é literato em nossa terra?

«Fazer literatura» é a forma natural da calçaria indigena.

Em outros paizes o desoccupado ou pesca, ou caça, ou joga o murro. Aqui belletrea. Rima sonetos, escorcha contos ou tece desses artiguetes inda não classificados nos manuaes da literatura onde se adjectiva sonoramente uma ideiasita de meia tigela, sempre feminina, sem pé e raramente com cabeça, que goza a propriedade, aliás preciosa, de deixar o leitor na mesma. A grammatica soffre umas poucas marradas, os typographos ganham a sua vida, as beldades se saboream na adjectivança mellosa e o sujeito autor lucra duas coisas: mata o tempo, que entre nós em vez de dinheiro é uma simples maçada, e faz jús a qualquer academia de letras existente ou por existir, de Sapopemba a Icó.

Ernesto não fugira á regra. Em moço, enquanto vivia ás sopas do pae á espera de que lhe cahisse do céu um amanuensado, fundára a «Violeta», orgam literario e recreativo, com cha-

radas, sonetos, variedades e mais mimos de Apollo e Minerva. Redigiu depois uma folha «critica, scientifica e litteraria» com dois tt, «O Combate», que morreu de 6 mezes, combatendo a syntaxe até ao derradeiro transe. Compoz nesse intervallo e publicou um livro de sonetos cuja impressão deu com o pae na miseria...

Incomprehendido pelo publico que não percebia o advento dum novo genio, Ernesto amargou como peroba miuda, deixou crescer grenha e barba, esgrouviou-se e disse cobras cascaveis do paiz, do publico, da critica, do José Verissimo e da cambada da Academia de Letras. Citava amiude Schopenhauer e Hartmann, mostrando tendencias para saltar dum pessimismo inoffensivo ao nihilismo russo. Foi quando o pae, farto das attitudes theatraes do filho, meteu-o numa roda de guatambú e pôl-o fóra de casa : — «Vá ganhar a vida, seu anarchista de bôrra !»

Ernesto, jurúrú, achegou-se a um tio, influente na politica, e cavou afinal o empreguinho. No empreguinho amou, casou e tomou a seu cargo a secção «Conselhos Uteis», do «Batalhador». Estava nisso quando ventou, choveu, abrigou-se no sebo, pilhou a «Maravilha», patinhou como Hamleto num pégo de indecisões, até que...

Ernesto, em tiras de papel do governo, lançou em bello cursivo um começo bem arredondado : «Era por uma dessas noites de abril, em que o céu recamado de estrellas lembra um manto negro com mil buraquinhos...»

* * *

Na rodinha de orçamentivorus que domin-gueiramente beberricavam o chá com torradas de D. Eucharis — todos afinados pela cravelha de Ernesto, victimas imbelles da incomprehensão — o conto estampado no «Lyrio» causou agradavel surpreza. O João Damasceno foi o primeiro a lhe dar um abraço, num vae-e-vem de café, na rua Quinze.

— Olha, li o teu «Never more», no «Lyrio». Esplendido! O final, então, divino! Tens miolo, meu caro! Pagas o chopp?

Nesse dia Ernesto contou á esposa toda a vida do João terminando scismativo: é um caracter, Eucharis, um nobilissimo caracter!...

O Capitão Prelidiano, chefe da sua secção, foi commedido como o convinha á eminencia do seu tamanco: Li o seu trabalho, senhor Ernesto e gostei; termina com brilhantismo; continúe, continúe.

E o Claro Vieira? Fôra brutal, esse.

— Que optimo fecho arranjaste para o teu conto! O resto está pulha, mas o final é *un morceau de roi!*

O que nessa noite D. Eucharis ouviu relativo ao caracter baixo, infame e vil do Claro!...

Ernesto entrou-se de receios. Pareceu-lhe que o Claro estava no segredo do «encontro de idéas». Como medida de precauão deu busca aos sebos em cata de quanto exemplar da «Maravilha» empoava por lá. Encontrou meia duzia, adquiriu-os e queimou-os com grande assombro de D. Eucharis que duvidou da integridade dos miolos

maritaes ao vel-o transfeito em Torquemada de innocentes brochuras carunchosas.

Mas nem assim socegou.

— Quem me assegura não existirem outras, espalhadas ahi pelas bibliotecas publicas ? Se ao menos eu houvesse variado a fórmula, conservando embora a idéa...

Fôra audacioso, fôra, não havia duvida. Fôra tolo, pois não.

— Sou uma besta, bem m'o dizia o pae...

Ernesto arrependeu-se do plagiato — sim porque afinal de contas, vamos e venhamos, era um plagio aquillo!

A consciencia proclamava-o, reagindo contra as chicanas peitadas em provar o contrario.

E arrependia-se sobretudo por causa do «Dizem...» do «Chromo». Constava ser o Claro o enredeiro daquellas maldades e o Claro na mofina era quatro de páus. Sabia revestir as palavras de um jossá urente de ortiga.

Fizera mal, porque afinal de contas um plagi... é sempre um plagi.

Quando no domingo seguinte recebeu o «Chromo», tremeu ao correr os olhos pelo «Dizem...» Mas não vinha nada e respirou.

No «Recebemos e agradecemos» havia uma referencia ao conto, muito elogiosa para o remate.

Tambem a «Dahlia» desse dia trouxe algo : «O conto do sr. F. é um desses etc. etc. O final é uma dessas phrases que chispam belleza hellenica etc.»

— O final sempre o final ! Estão todos apos-

tados em me fazer perder a paciencia. Ora pistolas !

Deblaterou contra os jornalistas, contra os amigos, contra os dez exemplares do «Lyrio» em seu poder — dez arautos do seu crime. E queimou-os.

Na repartição, a um novo elogio do Damasceno, Ernesto rompeu, desabridamente.

— Ora, não me seja besta !

Demasceno abriu a bocca.

O pobre autor via nas palavras mais inocentes allusões ironicas, directas, claras, brutaes. Num simples «bom dia» enxergava risinhos de mófa. O proprio Capitão Prelidiano, cavalgadura honestissima, incapaz duma ironia, afigurava-se-lhe o chefe da malta.

Conspiravam contra elle, não havia duvida.

Pôz-se em guarda. Fugiu dos amigos. Deu cabo do matte domingueiro. Não podia siquer ouvir falar em literatura, o assumpto dilecto de tantos annos.

D. Eucharis, pensabunda, matutava :

— Serão lombrigas ?

E deu-lhe chenopodio, ás occultas.

— Afinal ...

— Afinal ? E' o diabo ser a vida tão pouco romantica como é ! Os casos mais interessantes descambam a meio para o mais reles prosaismo. Este do Ernesto d'Olivaes, por exemplo. Merecia um fim tragico, duello ou quebramento de cara. Quando nada, uma remoçãosinha a pedido.

Mas seria mentir. Nem toda a gente encontra como elle um remate de estrondo á mão.

E' o caso deste caso.

Ernesto adoeceu, mas sarou. O chenopodio revelou-se um porrete para o seu mal. (Como D. Eucharis conhecia a vida e o marido!) Depois, com o decorrer do tempo, esqueceu o plágio. Os amigos esqueceram o «Never more». O «Lyrio» morreu como morrem «Lyrios», «Dahlias» e «Chromos»: calote na typographia. Ernesto engordou. Já é major. Tem seis filhos.

Continua a «fazer literatura» — mas clandestinamente. E se encontrar a talho um novo final como aquelle, plagiará de novo.

Moralidade ha nas fabulas. Na vida, muito pouca, ou nenhuma.

E é pena...

DUAS DANÇARINAS

FELYNE VERBIST

A orchestra preludia a *Morte do Cysne* de S. Saëns. Felyne entra. E' um cysne á tona d'um lago. A formosa cabeça erecta sublinha a attitude senhoril da ave symbolica do orgulho e da alvura; o formoso corpo, esguio e esvasado como amphora, da criatura em cujo berço as fadas boas se debruçaram para sorrir, levita-se do solo, neutralisa n'um milagre de leveza a força da gravidade. Um ponto o liga á terra: a ponta do pé. E' um pairar, quasi, de sylpho.

Seus braços ondulam... E esses braços que ondulam dizem a agua arrepiada aos beijos da aragem. Dizem a palpitação da ave de Bruges em silencioso flanar sobre o espelho liquido do canal adormecido — tela onde as velhas casas da cidade morta estampam sombras mortas. Todo o seu corpo estúa em rythmos calmos descriptivos da impassibilidade appollinea da ave de Léda.

Na orchestra exsolvem-se os violinos em sons harpejados pelo genio subtil de S. Saëns. E os sons se casam aos gestos da dançarina. E os gestos, enleados na teia impalpavel dos sons, com-

poem uma harmonia nova na qual o sonho de Pygmalião se realisa.

Aquelles gestos, aquelle ondular de braços, aquelle meneio eurythmico de mãos, a expressão do rosto, o poema dos olhos, a vibração estuante de todo o corpo — thezouro de attitudes que, todas, Rodin copiaria, como Praxiteles as copiava ás irmãs hellenas de Felyne para esculpir em marmore uma theoria de bacchantes — succedem-se encadeados n'uma transição symphonica que é musica transfeita em escultura, porque é todo o museu dos marmores hellenicos ondeando em vida ao *Parla!* dum Miguel Angelo da Sheherazade.

Felyne estylisa o boiar do cysne na agua mansa com os requintes d'uma arte florejada ao calor de dezenove seculos de civilização e que se quintessencia com granulos de sciencia oriunda na observação pessoal minuciosa, á moda de Henri Fabre.

E' ave e é mulher. E' a ave de Léda e é Felyne Verbist — floração wallonica vergoneteada d'enxerto em galho flamengo.

A Belgica tem a alma perturbadora das amalgamas. Fundem-se nella Germania e Gallia. As duas rivaes, ora esvaídas em sangue e cégas de odio, não percebem já realisada na terra de Alberto, por arte do amor, a solução ethnica do antagonismo absurdo.

Felyne Verbist exemplifica as sobrexcellências da solução.

Um a um os seus gestos, revivendo na choreographia a alma senhoril do cysne, denunciam o que ha de Grecia nas duas rivaes em duello.

Seus braços ondulam... Subito, golpe traiçoeiro fere a ave gentil. O corpo lhe estremece. Quebra-se o rythmo harmonioso da vida. Offega-lhe o peito. A dôr transparece, cruel, na mimica do rosto. Pinta-se-lhe a agonia nos olhos.

Felyne recórda a patria na cruz e exteriorisa em angustia escultural a agonia immensa. O aflare do seio decresce. O sangue soluça exhausto nas veias. O esmorecimento da morte desbóta as côres da vida. E, como um lyrio de haste quebrada, pende a cabeça, evanesce, tomba e morre. Na orchestra os violinos tambem evanescem e morrem...

• • • • • • • • • • • • •

No *Papillon* de Grieg Felyne é a borboleta amarella dos caminhos palpitando azas de jalde á beira das pôças d'agua.

A nervosía do *papillus* — flôr de ipê a que Ariel soprou vida — suas loucuras, a ebriedade travessa dos estalidantes revolteios d'amor, a leveza de pluma da gemma viva — tudo a dançarina gentil estilysa com o espontaneo elance de quem não imita porque é, de si, trefega borboleta humana — mulher que é, e moça, e formosa...

• • • • • • • • • • • • •

Na dança da Salomé, transfigura-se.

Não mais cysne hieratico nem borboleta irrequieta. Mas mulher da Asia. E' a hystería, a perversidade feminina em transe de amor e odio. Todo o quadro da horrida scena bíblica ilumina-o, desenha-o ella completo. A nossa imaginação vê o Tetrarcha, vê Herodias, vê a ca-

beça sangrenta de João. Salomé é syria e das syrias conta Michelet a que exaspéros sadicos as leva o amor. Sua dança, entre lubrica e macabra, é pabulo ao erotismo de Herodes e rythmo triumphal á vingança de Herodias. João, o profeta hirsuto do deserto, recusou-lhe, á mãe, o silencio de sua bocca vociferante, desprezou-lhe o beijo de fogo, negou-se-lhe ao espasmo acre. A filha commemora a corrupção materna colleando curvas de uma sabia aphrodisia. Herodes, latejante, sorri. A cabeça de João? Só? Ah! Daria elle a cabeça do imperio para se gozar da filha da vingativa.

Esse drama de São João só um moderno bem o comprehendeu e reconstituiu, Wilde, o genial pervertido em cujo seio, quem sabe? pela metempsychose, se não avatarisava a alma de Salomé...

E se Wilde o reviveu com as tintas eston-teantes da sua palheta cruel, Felyne o evocou ao rythmo da musica de Joyce, com movimentos de um tigre femea em convulsões de amor — amor de tigre...

Que riquiza de expressão mimica no volteio em que estende os braços e simula tomar do chão a cabeça do profeta ! Os olhos dilatam-se-lhe como injectados de belladona, numa instantanea anesthesia de pavor. Tremuras de remorsos arrepiam-lhe os musculos... Mas logo ri, ri o riso da volupia, da crueldade, e arrojando para longe a cabeça de João ondeia e revôa arabescando o ar de gestos phantasticos.

Felyne sabe encarnar todas as almas. Mal arranca do imo a alma asiatica de Salomé, substitue-a pela traíçoeira alma de Dalila.

Aqui a musica de Saint Saëns é fortemente nimbada de tons africanos. Relembra as angulosidades hieraticas do Egypto. A cadencia é barbara. O rythmo intercadente, feito de linhas rectas, de resaltos, de choques e arestas vivas. Denuncia uma tentativa hispida de civilização suffocada pela linha curva do grece-romano. Entretanto...

Que? Diz-se lá com palavras o que só vive — e só vive instantes fugidos de vida — pela musica — ondulação do som, e pelo gesto — ondulação da attitude? Diz-se lá com palavras de chumbo o que é fugace por essencia e subtil como cambiantes e leve como plumas vitalisadas? E diz-se, é lá possivel, a graça natural, expontanea, não aprendida em conservatorios, de uma Felyne, flor moça de carne, requinte supremo da civilização que prende a alma latina á germanica e, debruçada sobre os seculos, dá as mãos e cochicha com a terra de Pericles? a terra banhada de um sol sem manchas em que Terpsycho, descida do Olympo, vinha ás margens do Illyssus ensinar á juventude a arte do movimento harmonico, ponto de fusão de dois rythmos — musica e escultura?

CARMEN LYDIA

Quando uma creatura dança aos nossos olhos lucila a imagem da Grecia -- esse momento ap-

pollino da Vida Humana, clarão que até hoje nos redoira com os raios duma luz exticta.

E lembra-nos o verso de Junqueiro :

Porque ai! a mocidade é como a flor do lotus que em cem annos floresce apenas uma vez.

A Humanidade é tambem assim — planta que só florece uma vez e que, ai de nós! já viu passar esse instante de mysteriosa eclosão.

A flor de lotus, unica em millenios de vida, eis a Grecia...

Que petalas entreabriu! Phrynéa, Aspasia... Que pureza de linhas! Phidias, Ictino... Que harmonia! A columna dorica, o culto de Aphrodite, a amabilidade dos deuses e dos homens, o rythmo em tudo...

Hoje, o que ha de bello neste hysterismo cheirando a gazolina chamado civilizaçao — avaria de máo caracter, suja da poeira negra do asphalto, com uma gamma completa de Quasimodos em permanente crocitar sobre todos os poleiros — vem de lá. São reflexos mortiços do astro hellenico.

Raios loucos, remanescentes atavicos da luz morta.

Os creadores da belleza — artistas, poetas, dançarinas : criaturas do atavismo, gregos posthumos, nascidos fóra do seu tempo — cochilos sublimes da Natureza. Assim nasce, de raro em raro, n'um rebanho de ovelhas negras, uma, tresmalhada, branca de paina.

Carmen Lydia é um caso desses. Creança de Athenas, por estranha aberração desabrocha no *Pateo dos Milagres* deste povo feio e mazorro.

Ella dança como lá se dançava — por injunção d'uma *vis insita*.

Seus gestos, sua vidinha de 13 annos, suas idéas, seus caprichos de menina, seu andar, sua esthesia inconsciente em via de crystallisação, tudo nella se côa atravez do instincto helleno da belleza.

A eurythmia — a perfeição do equilibrio — é seu modo normal de ser. Ouvil-a, vel-a, é ter a sensação de que se nos defronta não uma creatura singular, porem uma época. E que época! A Grecia de Pericles...

Carmen não dança unicamente no theatro, nas horas de espectaculo ou nos momentos de estudo. Dança permanentemente. Seu modo de ser é dançar.

Nos actos mais familiares da vida não tem um gesto, uma attitude, um movimento que se não revele como belleza em acção. Belleza dynamica — esta expressão barbara nos acode se, ao recordar a vivacidade da sua figurinha, vem de par com ella a imagem duma impassivel estatua de marmore — belleza estatica.

Barbaros que somos! Metter a pedanteria da mechanica como tinta expressiva duma sensação fugaz!... E' a rata do moderno, é a tárta do decadente a entremostrar suas falhas.

Fiquemos aqui antes que venha á balha a chimica, a biologia e mais horrores da época. Não ha mais simplicidade, essa outra florescencia da Grecia, e sem simplicidade d'alma não ha dizer de nenhuma manifestação de Belleza. E Carmen Lydia é uma esplendida manifestação de belleza — porque é a propria Eurythmia feita menina e moça. Detem-te, pois, ó penna contaminada!

EM CASA DE PHIDIAS

— Por Aphrodite ! Ahi está uma façanha tão difícil como um trabalho de Hercules por mãos de um Thersito. Duvído que o consigas.

Isto dizia Phidias escolhendo um cinzel d'entre os cinzeis que em caixa d'ebano um ephebo lhe apresentava, e o dizia á mulher mais bella da época, á jonia formosissima que naquelle momento pousava para a figura de Némesis, no baixo relevo de Helena e Léda.

No grande relogio de sol a sombra do indicador marcára já o meio daquelle dia de esplendores, todo azul e faiscações luminosas sobre a candida florescencia do myrtal copioso que aureolava de verde a branca vivenda do esculptor, perfumando-a suavemente. Da alpendrada ampla, rodeada de columnatas corinthias, onde Phidias trabalhava nos dias em que Aspasia era o modelo, a vista alcançava uma paisagem serena, de horizontes calmos ao fundo e um derramado bando de villasinhos alvas que desciam, crescendo, pelos declives da Acropole, até se fundirem nas magnificas vivendas de marmore circumjacentes ao A'gora. E á esquerda do Jupiter Olympico, quebrando a monochromia cegante, como um papagaio em meio

dum bando de fuinhas brancas, avultava a mancha verde-escura do placido retiro onde Tolmida se acolheu após o insucesso do seu amor perante o coração de Aspasia. (Este ambicionado coração era já todo de Pericles, se bem que inda ás occultas, na penumbra de timidez que envolve um amor nascente).

Uma porta aberta junto á alpendrada deixava entrever a grande officina — um chaos de alvuras immortaes, alvuras de genio áquell' hora obrumbradas pela meia-sombra do aposento; e alli fóra, bem batida de luz, tambem se via uma, repousando n'um sóculo empoado de esquirolas: pedra magnifica, tirada das carreiras do Pentelico, sem um veio a lhe macular a nivea candidez e na qual um escopro firme já esboçára a attitude de tres figuras que o tempo immortalisaria. Ao lado desse bloco, sentada n'uma especie de grabato, a grega famosa inclinava o corpo em languida postura, a cabeça apoiada no fuste da columnna, e os olhos de deusa pousados na figura do artista, que sorria, prestes a reencetar o cinzelamento do rosto da Némesis. O peplum nitente cahia em pregas molles, escondendo a meio o seu corpo tão bello que por elle se modelavam as estatuas de Aphrodite, e tão famoso que de Mileto a Eleusis não havia labio helleno que, ao evocal-o, se não crispasse na ancia de um beijo.

— Vae agora a minha Aphrodite, disse Phidias, pensar um pensamento amavel, para me reter nos labios um ar leve de felicidade calma. Assim!

Aspasia evocára, talvez, a figura do homem

amado, porque o artista a viu cerrar lentamente as palpebras enquanto lhe descia a pousar nos labios uma como luminosa borboleta de graça — o rictus subtil das calmas felicidades.

Phidias embebeu nella um olhar demorado e quente, menos de artista, talvez, que de amante. Depois, sacudindo a cabeça poderosa, como a espantar a mosca de um pensamento triste, suspirou, e volvendo á pedra, mordeu-a com o cinzel.

Esquiolas gizaram de branco o ar socegado, e o rythmo do macete se fez ouvir, cadenciado e firme. Cahiu na alpendrada um silencio de sombra adormecida. Fóra, o mormaço parado, com andorinhas riscando curvas no azul, punha irisações na aresta das cousas.

A vida ambiente concentrárá-se toda no ofego leve do seio de Aspasia e no fulgor vivissimo dos olhos de Phidias. Tudo mais, parado e morno. Era o momento do *fiat* — instante supremo em que uma aura de vida transfiltra-se á pedra e vem construir uma alma debaixo de sua fria mudez. Cada golpe embute-lhe um atomo de vida. Phidias creava. Emulo de Jove, era, naquelle momento, deus.

A face da Némesis ia surgindo da pedra bruta em relevo claro, e da ponta do cinzel, que sobre ella dançava um minueto, um fio de vitalisão defluia, ageitando-se n'uma expressão magnifica de graça. Na commissura dos labios o cinzel mordeu o marmore com vivacidade nervosa e parou. Estava quebrado o encanto. Phidias volvia a ser homem. Riu-se.

Após um momento de extase no qual amo-

rosamente contemplou sua obra, atirou com o cinzel para a caixa e retomou o assumpto do dia.

Falavam de Socrates, que concebera violenta paixão pelo formoso pupillo de Pericles, Alcebiades, do qual Aspasia promettera ao filosofo vencer a desdenhosa insensibilidade.

— No intimo eu os aborreço a todos, a essas feias machinas de argumentar. Repelle-os o meu temperamento. Quero a Fórmia, a Eurythmia, a Serenidade da Belleza pura e na Sophistica só vejo maranhas e dissonancias. Detesto a Socrates.

Aspasia, sem descerrar os olhos, sophismou:

— A belleza moral não é tambem uma fórmia da Harmonia? Só o concreto é passivel de rythmo?

— Bravos! exclamou Phidias, zombeteiramente. Quando a nova Thargelia nos abre um curso de filosofia?

Aspasia descerrou os olhos e riu-se, crystallinamente, enquanto Phidias proseguia, volvendo ao assumpto:

— Alcebiades, um Appollo adolescente, poderá amar a um satyro como o tal innovador? Tem harmonias reconditas, dizes, mas que importa se não as traduz instantaneamente n'um soberbo equilibrio de plastica? Não, Aspasia; apezar de conhecer a força da felonía feminina duvido que consigas vencer a repugnancia d'essa esplendida creaça.

— Verás. Juro-te por Aphrodite que o pupillo de Pericles cahirá nos braços do meu filosofo! affirmou com ar felino a pagã maravilhosa.

Houve um silencio. Phidias retomou o cinzel e voltou á pedra. Seus olhos iam do marmore á carne e da carne ao marmore, roubando

as formas de Aspasia para fixal-as no calcareo. A grega semicerrou de novo os olhos ; parecia dormir, sempre com a mesma expressão de amor e vaidade saciada a desabrochar nos labios em rictus subtil.

Nesse momento ergueu-se da praça um rumor de passos. Aspasia, desperta, volveu para baixo um olhar de presentimento. Um grupo de archontes seguia em direcção ao A'gora. Passavam lentamente. Subito, o rosto de Aspasia fulgurou, e de sua bocca escapou um nome pronunciado com tal doçura que foi para Phidias uma ducha de gelo : — Pericles !...

— Pericles ! murmurou tambem entre dentes, com voz rancorosa o artista, atirando para o grupo um olhar de vencido.

Pericles passava, no meio dos archontes, esplendidamente bello na sua clamyde alva, cahida em pregas perfeitas de correcção e elegancia.

Passava e, ao defrontar a vivenda do escultor, ergueu os olhos. Aspasia mandou-lhes ao encontro os seus... Trocaram, n'um relampago, poemas de amor.

E seguiu. A pagã irradiava. Saltou do grabato e espreguiçou-se felinamente, risonha, a rever pelo corpo inteiro uma alleluia d'alma. Phidias deixou cahir o cinzel e correu a mão pela testa. Viu-a ageitar o cabello ; viu-a concertar o peplum. E viu-a partir com a alma cheia do outro deixando após si um vazio immenso...

Lançou um derradeiro olhar á Némesis e sumiu-se pela officina a dentro, de cabeça baixa, sombrio e torvo.

Porque tambem a amava...

O LUZEIRO AGRICOLA

I

Sizenando Capistrano é inspector agricola do centesimo districto. Incumbe-lhe estudar, guiar, fomentar a lavoura, amamentar a pecuaria, elaborar relatorios, ensinar o uso de machinas agricolas, preconisar a polycultura, combater a rotina e, ao fim de cada mez, perceber na collectoria a realidade de 700 mil reis.

Antes de inspector Capistrano foi poeta. Cultivou as musas (não a *musa* bananeira, mas a grega *Polymnia*); não sabia que cousa era um pé de café, mas entendia de pés metricos, pés quebradas, e fazia pés d'alferes a todas as divas do Parnaso. Tal cultura, entretanto, emmagrecia-o. A sua producção de hendecassylabos, alexandrinos, quadras, odes, sonetos, poemas, vilantes, eglogas, satyras, anagrammas, logographos, charadas electricas e enigmas pittorescos, comquanto copiosissima, não lhe dava pão para a bocca nem cigarro para o vicio. A pallidez de Capistrano, sua cabelleira á Alcides Maia, sua magreza á Fagundes Varella, sua *spleen* á Lord Byrone, suas attitudes fataes, ao envez de lhe aureolarem a face de um nimbo de poesia, commiseravam o burguez que ao vel-o deslizar como alma penada

pelas ruas, horas mortas, de mãos no bolso e olho nostalгicamente ferrado na lua, dizia condоido :

— Não é poesia, coitado, é fome...

Os editores artilhavam a cara de carrancas más quando Capistrano lhes surgia escriptorio a dentro, sopesando a arroba de versos primorosos candidatos á edição.

— São versos puros, senhor, versos sentidos, cheios d'alma. Virão enriquecer o patrimonio lyrico da humanidade.

E arruinar o meu patrimonio economico — retorquia a féra. De lyrismo bastam-me aquellas prateleiras que editei no tempo em que era tolo e que se não vende nem a peso.

O' vil metal! murmurava o poeta franzindo os labios num repuxo de supremo enojo. O' mundo vil! O' torpe humanidade! Em que te distingues, Homem, rei grotesco da creaçao, do suino toucinhento que espapaça nos lameiros? Manes de Juvenal! Eummenides! Musas da Colera! Inspirae-me versos de fogo onde apúe té os penetraes da alma este verme orgulhoso e mesquinho! Baudelaire! dae-me os teus venenos. !...

— Rapazes, berrava o livreiro á caxeirada, ponham-me este vate no olho da rua!

O poeta, ante o *manu-militari* irretorquivel, tomando a papelada lyrica muscava-se para a zona neutra da calçada onde, readquirida a nobre altivez, objurgava para dentro da loja hostil :

— A Posteridade me vingará, javardos!

E sacudia á porta o pó das sandalias, que no caso eram surradas e já risonhas botinas de bezerro.

Em seguida, remessando para traz a cabelleira, num repellão, ia fincar-se sinistramente á esquina proxima, em torva attitude, á espera dum conhecido esfaqueavel a quem extorquisse um nickel com gestos soberbos á Cyrano de Bergerac.

Cançado, porém, de ouvir estrellas em jejum, de amar a lua no ceu sem possuir um queijo na terra, acatou a voz sensata do estomago e quebrou a lyra — para viver.

Metteu a tesoura nas melenas, deu tal qual brilho aos sapatos com esfregações de cascas de banana, desfatalisou o semblante, substituiu o ar absorto e vago do aédo pelo ar avaccalhado do pretendente e á força de cartas commendaticas guindou-se ás cumeadas do Morro da Graça. Todo o mundo o recommendou ao Gaúcho Omnipotente porque todo o mundo andava farto daquella permanente fome lyrica a deambular pelas ruas, caçando rimas e filando cigarros. Que fosse acarapatar-se ao Estado. O Estado é um boi gordo, semelhante áquella estatua equestre de Hindenburg, feita de madeira, onde os allemães pregavam pregos de ouro. A diferença está em que, no Estado, em vez de tachas de ouro, pregam-se Capistranos vivos.

Foi apresentado ao Pinheirão.

— Então, menino, que quer?

— Um empreguinho qualquer que Vossa Omnipotencia haja por bem conceder-me.

— E para que presta você, menino?

— Eu? Eu... fui poeta. Cantei o Amor, a Mulher, a Belleza, as manhãs côr de rosa, as auroras boreaes, a Natureza enfim. Romantico, embriaguei-me na Taverna de Hugo. Classico,

bebi mel do Hymeto pela taça de Anacreonte. Evoluindo para o parnasianismo, burilei marmores de Paros com os cinzeis de Heredia. Quando quebrei a lyra, ascendia ao cubismo transcendental.

Sim, general, sou um genio incomprehendido, novo Ahasverus a percorrer todas as regiões do Ideal em busca da Fórmula Perfeita. Qual Prometheu, vivi atado ao potro da *Inania Verba*, onde me roeu o Abutre da Perfeição Suprema. Fui um Torturado da Fórmula...

O general, que era amigo das bellas imagens, illuminou o rosto de um sorriso promissor.

— Poeta, disse, eu tambem sou poeta. Rimo homens. Componho poemas heróe-comicos. Conheces a Hermeida? E' obra minha. Amo as bellas imagens. Tenho lançado algumas immortaes. A mulher de Cesar! Os levitas do Alcorão! Hein? Tu me cahiste em graça. Acolho-te sob o meu pallio. Que queres ser?

— Inspector.

— ...de quarteirão?

— Isso não.

— Agricola?

— Ou avicola...

— De que região?

— Não faço questão.

— Sel-o-ás do centesimo districto; conheces as culturas ruraes?

— Já cultivei batatas grammaticaes.

— E de pecuaria entendes? Distingues um zebu' d'um gallo Brahma? um matungo d'um murzello?

— Já cavalguei Pégaso em pêlo!

— Conheces a suinocultura? Sabes como se cria o canastrão?

— Sei trincal-o com tutu' de feijão.

— E's um genio, não ha que ver. Talvez faça de ti, um dia, presidente da Republica. Teu nome?

— Sizenando; Capistrano é sobrenome.

— Cá me fica. Vae, que estás ahi estás fomentando a agricultura como inspector do centesimo destricto, com 700 bagos por mez. Os poetas dão optimos inspectores agricolas e tu tens dedo para a coisa. Vae, levita do Ideal!...

* * *

Eis como Sizenando se achou um dia transfeito em luzeiro agricola, a illuminar, qual possante holophote, uma grande zona do paiz.

II

Sizenando Capistrano, mal se pilhou transformado de famelico ouvidor-mór de estrellas em peça mestra do Ministerio da Agricultura... casou, laudemelou tres mezes e, ao cabo, compareceu perante o ministro, para saber em que rumos nortear sua actividade.

O ministro refranziu a testa: é tão difícil arranjar occupação para os phosphoros ministeriaes... Pensou um bocado, e:

— Escreva relatorios, desembuchou.

— Sobre que, Excia.?

— Sobre qualquer coisa. Reláte, vá relatando. A funcçao capital do nosso ministerio é pro-

duzir relatorios de arromba, sobre o que ha e o que não ha. Reláte.

— Mas Excia., eu desejava ao menos uma suggestão emanada do alto criterio de V. Excia. sobre o thema do relatorio que a bem da lavoura V. Excia. com tanto tino me incumbe de escrever...

— Já lhe disse: sobre qualquer cousa que lhe dê na veneta. Reláte, vá relatando e depois me appareça.

Sizenando sahiu encantado com os processos expeditos do Dr. Grifado, com assento na pasta, e passou tres mezes de papo ao ar, procurando uma these conveniente.

Como por essa época a lua de mel lhe entrasse em plena mingoante houve certo dia rusga brava ao jantar, e a consorte, mulherinha de verruga no nariz, pespegou-lhe pela cara com um prato de salada de beldroega.

Tal o celebre estalo que abriu a intelligen-
cia do Padre Antonio Vieira em menino, aquelle obuz culinario teve a estranha acção de illumi-
nar os refolhos cerebraes do inspector.

— Eureka! berrou radiante, e com um grande riso de gozo na cara emplastada d'herva e unto ergueu-se da mesa ás pressas, rumo do escriptorio. A mulherinha, entre colerica e pasma-
da, perguntava de si para si :

— Estará louco ?

Sizenando deitou mãos á tarefa, e levou a cabo um estudo botanico-industrial de hervinha com afan tal que, transcorridos dez mezes, dava a prélo o «Relatorio sobre o *Papalvum brasiliensis*, vulgo Beldroega, e sua applicação na culinaria». O anno seguinte gastou-o em revêr as

provas do calhamaço, a modo de escoimal-o dos minimos vicios de linguagem. O antigo torturado da Fórmula resurtia alli... Sahiu o relatorio obra papafina, optimo papel e muitas gravuras illuciativas. Entre estas, em bello destaque, os retratos do Ministro, do Director da Agricultura, do Marechal Hermes, então no apogêu, do tenente Pulcherio, do Frontin, do Pinheiro e mais protuberantes paredros do momento. Prompta a edição, embarraçou-se Sizenando quanto ao destino a lhe dar.

Que fazer de tanta beldroega?

Foi ao ministro.

— Excellencia! De acordo com as sabias ordens de V. Excia., venho comunicar a V. Excia. que se acha prompta a edição do Relatorio sobre o *Papalvum*.

— Que papalvo? Que relatorio? inquiriu o ministro deslembrado.

— O que V. Excia. incumbiu-me de escrever.

— Quando?

— Haverá dois annos.

— Não me recordo disso, mas é o mesmo. Mande a papelada para o forno de incineração da Casa da Moeda.

Sizenando abriu a maior bocca deste mundo. O ministro comprehendeu aquella estuporação e sorriu.

— Então? Que queria V. que eu fizesse de 5.000 exemplares de um relatorio sobre a Beldroega? Que o puzesse á venda? Ninguem o compraria. Que o distribuisse gratis? Ninguem o aceitaria. Se é assim, se sempre foi assim, se

sempre será assim com todas as publicações deste ministerio, o mais pratico é passar a edição directamente da typographia ao forno. Isso evita a maçada de preoccuparmo-nos com ella e tel-a por ahi a atravancar os archivos. Não acha V. que é o mais razoavel? Retire os que quizer e forno com o resto.

— E depois, que devo fazer? indagou Sizenando, inda tonto do expeditismo ministerial.

— Escreva outro relatorio, respondeu sem vacilar o ministro.

— Para ser queimado novamente? atreveu-se a murmurar o poeta-inspector.

— Está claro, homem! Para que diabo dispendeu o governo tanto dinheiro na montagem do forno? Está claro que para incinerar as notas velhas e os relatorios novos. Deste modo se conservam em actividade perpetua o pessoal da Imprensa, o do Forno e o dos Ministerios. Veja V. como é sabia a nossa organisação administrativa! A creaçao do forno foi a melhor idéia do governo passado. Antes delle a Imprensa Nacional vivia entulhada de impressos; a producção de relatorios, função capital deste Ministerio, periclitava; e era tudo uma desordem, um desequilibrio capaz de induzir o governo á suppressão da Imprensa e do meu Ministerio. O Forno sanou a situação. O *fervet opus* é magnifico e a espada de Damocles está arredada de sobre nossas cabeças. Hein? Vá, escreva outro relatorio, sobre... sobre... o carúru, por exemplo.

Sizenando deixou o gabinete meditativo. S. Excia. derrancára-o!

Viu com dôr d'alma as chamas no Forno

lêrem aquelle relatorio tão bem acabadinho, tão de encher o olho... E sacou 6 mezes de licença, com vencimentos, para descansar.

Esgotada a licença ia Sizenando começar a pensar em se preparar para escolher o papel e a tinta com que relatasse o carúru, quando o Dr. Grifado apeou da administrança. Sizenando deixou que transcorressem mais 6 mezes, ao termo dos quaes se apresentou ao novo titular para lhe sondar a orientação. O novo ministro era um bacharel em sciencias juridicas e sociaes, ex-chefe de policia e tão entendido em agricultura como em archeologia inca. Mas lêra uns numeros das «Chacaras e Quintaes» e abeberára-se ali de umas tantas noções vagas sobre avicultura, polycultura, apicultura, criação de canarios, etc. Fez dessas *uras* o seu programma. No discurso de apresentação, ao empossar-se no cargo, emitiu os seguintes conceitos, louvadissimos pelos circumstantes, empregados no Ministerio quasi todos e verdadeiras hortaliças em materia agricola.

— A monocultura, senhores, é o grande mal; a polycultura é o grande bem; no dia em que produzirmos cebola, alho, batata, repolho, coentro, alpiste, alfafa, cerefolio, grão de bico, tremoço, quiabo, espargo, espinafre, alcachôfra...

(Um arrepio de entusiasmo percorreu a espinha dos assistentes, que se entreolharam gozosos como quem diz: temos homem pela prôa !)

— ...cebolinho, couve-flor, sorgho, soja amarella, centeio, aveia, figos da Thracia, uvas de Corintho, violetas de Parma...

— Bravissimo !

— ...violetas de Parma... violetas de Par-

ma... violetas (caroço) e outro cereaes europeus (vermelhidão no rosto), a prosperidade nacional assentará num soclo granitico do qual não a arrancarão as mais ríjas rajadas dos vendavaes economicos. Conduzir a patria a essa Chanaan da polycultura: eis a mira permanente dos meus esforços, eis o meu programma, eis o fim supremo collimado pela minha actividade. Espero, pois, que, etc., etc.

Palmas, bravos, guinchos, silvos, e outros sons denunciadores de entusiasmo alçado a gráo de ebuição, estrugiram pela sala. O ministro foi abraçado e beijado — nas mãos.

Aquelle salvava a patria, não havia a menor duvida !

III

O novo ministro da Agricultura era positivamente uma aguia — igual ás anteriores. A Praia Vermelha nunca foi poleiro, mas alcandora, sobretudo na opinião dos jornaes independentes — que lhe publicavam os editaes.

Tinha programma. Visava confundir a rotina monocultora com demonstrações praticas das magnificencias da polycultura mechanica.

Sizenando recebeu ordem de ir desempégar a centesima região do atascal da rotina. Aquela gente ainda vivia em pleno periodo da pedra lascada do café, e era mistér tangel-a á estação aurea da polycultura, da avicultura, da sericulatura, da criação de canarios hamburguezes, etc., preluzida no discurso do ministro.

Chegando á séde do districto, com sequito numeroso e abundante farragem mechanica, Size-

nando distribuiu convites para a inauguração dum curso pratico. Escolheu para campo de demonstração um «rapador» a um kilometro da cidade, e lá, no dia emprazado, se reuniram os convivas. Veiu o prefeito municipal, o porteiro da Camara, o collector federal, o promotor publico, tres jornalistas, quatro professores, o director do grupo escolar com a meninada, o vigario da parochia, o fiscal da illuminação publica, o zelador do cemiterio, o carcereiro, um guarda-chave da Central, cinco inspectores de quarteirão, o delegado, o cabo do destacamento, e *um* fazendeiro recem despojado da sua propriedade por dívidas.

A turma docente e os bois do arado formavam um grupo á parte.

Sizenando trepou a um cupim e pronunciou breve allocução sobre a personalidade sobreexcelente do ministro e sobre o papel dos novos methodos racionaes na agricultura moderna.

— O novo metodo é baseado na sciencia pura. Vem dos laboratorios, de braços dados á chimica. Começarei pela exposição do arado ou charrúa, a pedra angular de todo o progresso agricola. Senhor primeiro arador, arado para a frente !

Despegou-se da turma um capataz que empurrou para perto do cupim tribunício um bello arado de discos.

Rodearam-n'o os circumstantes como a um animal raro.

— Eis, meus senhores, um arado de disco. Esta parte se chama cabo ; esta é a roda, serve para rodar ; estas rodelas são os discos, servem para sulcar a terra ; este ferrinho é a ma-

nivela graduadora; este páusinho é o balancim. Aqui se atrelam os bois e cá toma assento o conductor.

Explicou depois o seu funcionamento.

— Vejamol-o agora em acção. Senhor primeiro conductor de primeira classe, atrelar!

Adiantou-se da turma um carreiro e tangeu os bois para a machina, jungindo-os á canga.

Os assistentes riram-se. Acharam graça no Thomé Pichorra, que nunca fôra senão o Thomé Pichorra, carreiro, transformado em primeiro conductor de primeira classe!

Era de primeirissima!

— Senhor primeiro arador, arar!

O primeiro arador saltou á boléa e empunhou as manivelas. O primeiro conductor aguilhoo a junta de bois.

— 'amo, Bordado! Puxa, Malhado!

Os dois caracús moveram-se pesadamente.

A terra sulcada pelo ferro abriu-se em leivas. Sizenando exultou.

— Vejam, senhores, que maravilha! Faz o trabalho de vinte homens além de que deixa a terra desatada, com grande receptividade para a meteorização atmospherica — o que equivale a uma adubação copiosa.

Este pedacinho encantou sobremodo ao zelador do cemiterio, que não conteve um sincero *muito bem!*

Sizenando agradeceu com um gesto de cabeça. O arado deu umas tantas voltas e emperrou. A banda de musica, para disfarçar a entaladela, requebra o *Vem cá, mulata*. E assim termina a primeira parte da demonstração.

A segunda consistiu no destorroamento e no gradeamento da terra, feitos com o mesmo luxuoso apparato.

Havia primeiro e segundo destorroador, primeiro e segundo gradeador. Um mimo de hierarchia !

Ao terminar o serviço a banda zabumbou um tanguinho.

A terceira parte foi absorvida pelo plantio de cebolas, batatas, alho, alfafa e mais salvações nacionaes.

— Os senhores verão, concluiu Sizenando, que maravilhosa mésse vae brotar, farta, deste torrão safaro e ingrato, só porque applicamos, summariamente, os processos modernos da cultura racional, os quaes centuplicam a produçāo diminuindo o trabalho. A machina agricola é a verdadeira alavanca do progresso !

— Protesto ! A alavanca do progresso sempre foi a imprensa, contraveiu um jornalista cioso da velha prerrogativa.

— Será, retrucou Sizenando, mas se uma, a imprensa, alçaprema o progresso moral, a outra, a machina agricola, alçaprema o progresso material !

— Bravissimo, rugiu o zelador do cemiterio, inimigo pessoal do Zé Tesoura, isso é que é !

— Sim senhor, muito bem ! grunhiram outros.

Capistrano, rubro de gozo pelo feliz successo da tirada, espichou o dedo para a philarmonica pedindo o hymno.

A banda escorchou a velha patriotada de Francisco Manuel. Desbarretaram-se todos. Capistrano, erecto sobre o pedestal de cupim, im-

mobilisou-se em attitude de religiosa uncção, d'olhos postos no futuro da patria.

À derradeira nota pôz fim á festa com um escarlate viva á Republica — com tres *rr* pelo menos.

Acompanharam-n' o, como um echo, o collector, o zelador, o agente do correio e mais funczionarios federaes demissiveis, além dos bois, que mugiram.

* * *

Mezes mais tarde procedeu-se á colheita. As cebolas haviam apodrecido na terra, devido ás chuvas; os alhos vieram sem dentes, devido ao sol; as batatas não foram por diante, devido ás vaquinhas; as outras «polyculturas» negaram fogo devido ás saúvas, á quem- quem, á geada, a isto e a mais aquillo.

Não obstante, seguiu para o Rio um soproso relatorio de 300 paginas onde Capistrano entre outras maravilhas dizia: «Os resultados praticos do nosso methodo demonstrativo *in locu* têm sido verdadeiramente assombrosos! Os lavradores acodem em massa ás licções, applaudem-n' as com delirio e, de volta ás suas terras, lançam-se com furor á cultura poly, em tão boa hora lembrada pelo claro espirito de V. Excia. O sr. ministro pôde felicitar-se de ter aberto de par em par as portas da idade de ouro da agricultura nacional.»

Os jornaes transcreveram com gabos estes e outros pedacinhos de ouro. E muita gente gente se encheu de mais um bocado de ufania por este nosso maravilhoso paiz...

A "CRUZ DE OURO,"

— Entre, quem é.

— O «Feroz» não está solto?

— E' você, compadre? Suba!

Um barbaças de oculos e chale enrolado no pescoço ringiu o portão de ferro e com passos tropegos galgou a escadinha que levava ao alpendre de ipoméas. Lá o aguardava, de cara amavel, um segundo barbaças, o coronel Liberato, vestido d'uma farda consentanea á sua bellicosidade: chambre de palha de seda, chinelas, e gôrro de velludo negro com cercadura de ponto russo.

O que subia tambem era coronel.

Coronel Antonio Leão Carneiro Lobo de Souza Guerra, ou simplesmente Nho Gué. Chegaram ambos áquelle alto posto militar pela razão estrategica de colherem para mais de dez mil arrobas de café. Si em vez de dez colhessem cinco mil seriam maiores ou apenas capitães. Este intelligentissimo criterio economico do nosso militarismo é uma garantia de paz muito mais segura do que a Liga das Nações.

— Viva! Que milagre foi esse? disse o de cima abrançando o velho amigo.

— Quem é vivo sempre apparece, respondeu

o outro, e eu ainda não morri apezar desta sufocação que me escangalha o peito.

— Você é o peito, eu é a enxaqueca. Não valemos mais nada, compadre ... Mas como lá vão todos? a comadre?

— Bôa, todos bons, isto é, a Chiquinha... Uí!

— A cotucada?

— Não, este ventinho encanado...

— Pois vamos entrar.

E os dois urumbevas penetraram na sala de fóra. A sala de fóra do Coronel Liberato merece um relatorio para que se deleite a posteridade em conhecer como era uma sala de visitas de coronel brasileiro no seculo XX. Cadeiras austriacas, sofá e cadeiras de balanço, tudo enfeitado com os crochésinhos das filhas. Mesinha central de cipó, com embrechados, obra de um «curioso» do lugar. Duas almofadas no sofá, uma tendo um gato estufado, de lã, com olhos de vidro; outra, um papagaio de missanga verde — maravilhas devidas a uma afilhada prendadíssima. Dois aparadores, com vazos para flores, figurinhas de louça — «bíbelótes» como lá dizia o dono, e varias curiosidades naturaes — caramujos, conchas, um ninho de João-de-barro, um mico sécco e uma familia de iças vestidos. Nas paredes um espelho oval, dois retratos grandes a carvão, e photographias em porta-cartões de talagarça, bordados pelas meninas. Piano de armario. Tapete com uma grande onça. Que mais? Iam-me esquecendo as duas escarradeiras... Viva o naturalismo!

Entrados que foram os coroneis, refestelaram-se nas cadeiras de balanço; o do «ui!» com

cautelas, gemidos e caretas ao dobrar as juntas. Liberato puxou o cigarro de palha e, enquanto afrouxava o fumo na palma, reatou a conversa.

— Ahn ! com que então a Dona Chiquinha...

— Compadre, entre nós não ha segredos ; a doença della são amores. Quer casar, ora ahi tem !

— Não vejo mal nisso. Está na idade.

Só si...

— Mas adivinhe lá com quem a tolinha embirrinchou de casar ? Com o José de Paula !

— O filho da Nha Vé ?

— Esse mesmo. Um tranca, sem vintem de seu, gente do Chicão de Paula... Que cabeça ! Sair do nicho de filha unica, onde vive como uma Nossa Senhorinha, para ligar-se a um lorpa de marido, ser criada, escrava delle ! Se pudessemos nós que temos experienzia da vida abrir os olhos a essas mariposinhas tontas... Mas é inutil. Encasquéta-se-lhes na cabeça que o amôr, o amôôr !, o amôôôr !! é tudo na vida, e adeus. O que nos vale é que o rapaz é pobre mas direitinho, quanto ao moral.

Liberato interveiu.

— Homem, não sei. Não é por falar, mas não me cheira bem aquelle sujeitinho. Tu o achas moralisado. Será. Mas a familia delle é dróga e a prudencia manda attender não só ás qualidades do galho como tambem ás da arvore. Olhe o que succedeu outro dia com o Chiquinho...

— Não soube de nada, compadre, que foi ?

— Você anda no mundo da lua, homem !

Refiro-me ao escandalo da Recreativa.

A' palavra escandalo Liberato esqueceu o rheumatismo e arrastou a cadeira para mais perto do amigo.

— Escandalo? Esmiuce-me lá isso.

O coronel Gué, gozoso por contar uma novidade não sabida, limpou o pigarro da garganta e disse:

— Foi no ultimo domingo, na festa annual da Recreativa. Discursos, recitativos, e uma peça, aquella indromina de sempre. A sociedade mandou convite para toda a gente, os jornaes, os gremios e d'entre estes para a «Camelia Branca» da qual é secretario o Chiquinho de Paula, primo lá do teu. Por signal que para a «Camelia» foi um camarote, o 7, justamente aquelle donde assistimos ao «Poder do Ouro», lembra-se você?

— Se me lembro! Pois uma representação d'aquella é de esquecer? Montepin! e inda mais pelo Furtado! Noitão! Hoje é que não ha mais disso. São umas comediasinhas indecentes, e cí-
nemas, e drogas.

— A Lucinda, hein? mulherão!

Este «mulherão» foi dicto com um arrega-
lar d'olho onde toda a velha concuspicencia re-
trospectiva espojava-se arreitada.

— Nem fale! disse o outro num tom de sau-
dade inexpressivel.

— Pois muito bem: — o theatro encheu-se. Estava lá o coronel Totó Fernandes com a familia; a familia do Dr. Izidorinho; o major Gonçalves com a mulher — e por falar, como está acabada a D. Eliza?!

— E' verdade! Quem a viu e quem a vê!
A Elizinha do Rincão com lhe chamavamos, me-

nina sapéca, da pá virada, sem o tradeira até alli... Os annos, compadre, os annos... e suspirou.

— Só não vi lá a gente da oposiçao. Isso, nenhum, nem o Zé Penétra, aquele caradura.

Riram ambos gostosamente á lembrança da ausencia dos adversarios. (Esqueceu-nos dizer que estes coroneis faziam parte do directorio situacionista, columnas fortissimas que eram da força governamental no districto).

— Era alli entre nove e dez quando, de repente, adivinhe, compadre, quem surge pelo 7 a dentro?

Liberato aparvalhou a cara com o ar de quem não adivinha.

— A «Cruz de Ouro»! concluiu o outro, de pé, chupando uma, duas, tres baforadas do cigarro apagado, n'um triumpho.

Liberato pasmou.

— Não me diga!

— Pois é o que lhe digo: a «Cruz de Ouro»!

— Ora vejam só!...

O coronel Gué riscou um phosphoro e prosseguiu.

— Foi um rebolço. Toda a gente se pôz a murmurar, olhando uns para os outros. A familia do Tótó quiz retirar-se. A mulher do Gonçalves virou bicha, abanava-se com frenesi, indignada da pouca vergonha. O Dr. Izidoro, presidente da Recreativa, e que, no palco, já se preparava para deitar o verbo, espia pelo buraco do panno, percebe o negocio e fica possesso. Berrava lá dentro que da platéa se ouvia: que processava, que partia a cara: — um

fim do mundo ! Houve conferencias de um camarote com outro, e destes com os bastidores. Houve pedidos de informação á bilheteria. Era preciso desaggravar a moralidade publica offendida com a execravel presença da «coisa atôa» em festa puramente familiar. Afinal, a policia interveiu. O delegado foi ter com a descarada e com muito bons modos pôl-a fóra. Só então, onze horas, começou o espectaculo. No primeiro intervallo, porém, soube-se tudo : o Chiquinho de Paula, secretario da «Camelia», recebera o convite para a festa, mas em vez de organizar uma commissão que dignamente representasse o gremio, péga do camarote e o dá á geréba de quem é...

Aqui o coronel, para remate da phrase, fez uma cara de supremo enojo :

— ... o queridinho !

Voltou em seguida á cara anterior e disse grave e pundonorosamente, bamboleando a cabeça :

— Veja você que refinadissimo tranca !

E concluiu com desalentada severidade :

— E' é com o primo dum semelhante crapula que a D. Chiquinha quer casar-se !...

Na noite desse dia, altas horas, Liberato deixou a enxaqueca em casa e foi sorrateiramente bater á porta da «Cruz de Ouro». Appareceu a criada. Confabularam em voz baixa.

— Não pôde ser, disse a Liberia, está cá o «seu» coronel Nho Gué.

Liberato fez uma careta.

E amanhã ? perguntou.

— Amanhã é a vez do Dr. Izidorinho.

— E depois d'amanhã ?

— Quarta-feira ? Deixe ver — fez calculos nos dedos e disse : quarta-feira é o dia do «seu» Gonçalves.

— E quinta ?

— Pois as quintas não sabe que são do «seu» Tótó ?

Liberato não desanimou.

— E domingo ?

A criada despejou uma gargalhada sonorosa :

— Os «home» ! Pois então sinhásinha não ha de ter um descansinho na «somaná» ?

E fechou-lhe a porta na cara.

DE COMO QUEBREI A CABEÇA Á MULHER DO MELLO

- Olha, esperam-te hoje em casa, para jantar.
- Impossivel. Não janto fóra.
- Abre uma excepção e vae.
- Impossivel, já disse. Não insistas.
- Põe de lado a exquisitice e vae.
- Não é exquisitice, meu caro, é sybaritismo e prudencia. Tenho para mim que comer é uma das boas coisas da vida. Mas comer o que se quer, como se quer, quando se quer. Gósto, por exemplo, de lombo de porco, mas a meu modo, assado cá d'um geito que sei. Si o cômo fóra de casa nunca o tenho ao sabor do meu paladar.

Gósto ainda de comer quando tenho fome. Detesto o horario forçado, almoço ás onze, jantar ás seis, haja ou não appetite. Ora, a não ser em minha casa, onde não tenho horario, raramente o appetite coincidirá com o momento do brodio. Essa circumstancia alliada ao facto de ser forçado a comer o que está na mesa e não o que péde a veneta do meu paladar, le-

va-me a recusar systematicamente convites para jantar.

— Mas, homem de Deus, para tudo ha remedio. Farás tu mesmo o cardapio, darás as receitas e só se porá a mesa á voz do teu appetite.

— Não. Em tua casa são todos de tal modo amaveis que receio, jantando lá, não chegar á sobremesa sem commeter um homicidio.

— !!!

— Nunca te contei o meu rompimento com a familia do Mello? Eramos amicissimos de longos annos, e sel-o-iamos até hoje se não fôra a minha imprudencia acceitando um convite para lá jantar, em dia de annos da Dona Vidóca. Mas commetti-a, e fui. Havia á mesa umas dez pessoas, todas intimas, e as filhas, os genros — um poveréu. D. Vidóca é uma creatura excessivamente amavel e nesse dia excedeuse. Serviu-me sôpa, ella propria, mas carregando a mão como se eu fôra um frade bôrra. Arrepiou-me aquelle pantagruelismo brutal mas calei a exasperação, e ingeri com paciencia aquella maranha de fios amarellos boiantes num caldo unctuoso. Mal absorvera a ultima colherada a bôa senhora, sem consulta previa, atucha feijão num prato e passa-m' o.

— Não, minha senhora, muito obrigado!

— Ora, coma ! Deixe-se de historias. Coma feijão que isto dá sustancia.

Não houve escapatoria, tive que acceitar o truculento prato de caroços pretos, coisa que detesto. Olhei para aquella rodelha escura, côr de chocolate, que se esparramava pelo prato inteiro sem deixar

transparecer uma nesga sequer da louça branca, enchi-me de resignação e emprehendi o trabalho de Hercules que era trasladar aquillo para o estomago. Mas o meu sangue começou a esquentar e o nó das coleras surdas subiu-me á garganta. Estava em meio da empreitada quando vi a excellente senhora dirigir para o meu prato um enorme naco de carne fisigado no garfo.

— Doutor, um *pedacinho* de carne assada?

Gaguejei, mal firme nas estribeiras:

— Mas, minha senhora, eu...

— Sempre com ceremonias! Olhe que aqui não se usa disso! Coma lá!

E soltou-me no prato o boi... Senti bagas de suor frio borbulharem-me da testa. O nó da garganta engrossou. Baixei a cabeça resignado e encetei silenciosamente a mastigação, matutando sobre o modo de dar cabo d'aquillo. Comer tudo era impossivel; deixar no prato, impossivel...

— Agora um pouco de arroz!

Lancei um olhar facinoroso á santa criatura, que o interpretou erroneamente como de assentimento.

— Eu bem vi que estava querendo arroz.

— Impossivel, D. Vidoca! Peço-lhe perdão, mas estou satisfeito. Cómo pouco e o que tenho no prato janta-me por tres dias.

— Luxento! Côma lá!...

E zás, uma, duas, tres colheradas duma vez! Escureceu-me a vista uma onda de sangue. Ti-ve impetos de saltar pela janella. Contive-me, porém, e com a resignação d'um verdadeiro martyr recomecei a mastigar.

— Um pastelinho, agora?

Era demais! A virtuosa criatura abusava da situação. Recusei-lh' o desabridamente, aspero.

— Já sei porque não quer... é que foram feitos por mim... Mas deixe estar...

— Dona Vidoca! Pelo amor de Deus! - gaguejei.

— Umzinho só! Para me dar opinião sobre o tempero da massa, sim? Apare lá este-sinho, tostadinho.

Conheces o meu genio, sabes com que facilidade saio fóra de mim e commetto as maiores loucuras. Esse estado de superexcitação nervosa preludiá por um tremor na voz e um calor excessivo nas faces. Naquelle momento, sentindo os prodromos da erupção, entreguei-me a esforços sobrehumanos para conter a fera que móra em mim, e contive-a. Curvei de novo a cabeça e levei á bocca mais umas garfadas.

Aqui o Mello principia a trinchar um leitão.

Reflecti: se m'o offerecem, estouro.

E fiquei de sobreaviso, engatilhado para a revide.

Não tardou muito que Dona Vidoca espetasse no garfo uma alentada costella e fizesse pontaria para o meu lado.

Perdi a cabeça.

Agarrei n'uma garrafa a abri a cabeça da santa criatura com uma mócada horrivel!

Nada mais me lembra. Ouvi um berro, um clamor. Senti o panico em redor de mi e corri para a rua como um ebrio. Foi quando...

Não concluiu o caso. O amigo abalára...

A POESIA E O POETA

(RICARDO GONÇALVES)

Na lama da estrada, ao pé da porteira, uma
orla de pétalas côr de ouro — flores de ipê? —
enginaldam as pôcinhas d'agua côr de telha.

Mas ao chape-chape do cavallo que se approxima, ó linda revoada de borboletas amarellas
dentro de cujo arabescar eu passo !

Tontinhas!..

Como me vêem afastar socegam, e uma a
uma pousam de novo, azas a prumo, immoveis,
como flores de ipê dispostas em grinalda.

A saudade commenta dentro em mim :

— Um soneto do Ricardo...

* * *

De bruços no remanso de um pôço á sombra de ingazeiros, em cuja rama se estorcem as baínhas em ferradura — peludos escrinios duma polpa que furtou á neve a côr e ao velludo o macio — contemplo um grupo de guarús espiando resabiados uma «vaquinha» de elytrós verde gaio, que cahiu na agua e bóia pernejando.

Um João-bôbo espia-me de perto, inclinando a cabecita.

Rumoreja longe o rio, na corredeira.

Bisbilhos, cicios, tentativas de som grypham o silencio sombrio da grota.

E a saudade «pensa» dentro em mim :

— Versos do Ricardo...

* * *

Bordejando a ilha das Palmas deslisa a canôa no berylo líquido da costeira.

Manuel rema á popa, Juvenal á prôa.

Como é loquaz o Manuel !

Não tem fim a historia da tintureira que embicheirou um dia lá pelas alturas da Moéla.

Afla o mar como um seio de menina agitado dos primeiros sustos de amor.

Está calmo, está macio.

Sopram brisas de sudoeste.

Duas gaivotas, immoveis na lage do Major, longe, descansam juntinhas, como pombas...

Só uma nuvem no céu... e a diluir-se... estirada em frouxel de paina...

— As taínhas !

Vólto o rosto.

A boreste, linguas de prata, ás dezenas, emergem do líquido, scintillam instantaneas á luz do sol, num salto, e caem de chapa na agua azul.

— Que lindo !

Não tarda muito, rebóla um bôto na esteira do peixe.

E outro bôto.

E outro !

Somem-se as taínhas.

Somem-se os bôtos.

O mar fecha aos nossos olhos a chacina sangrenta que lhe vae no bojo.

Fementido !

Todo plagios do céu por fóra, todo dramas de carnagem por dentro...

— Manuel, Manuel, diz a minha saudade,
está faltando aqui um companheiro, o Ricardo...

— O Ricardo Pequeno, da praia do Góes ?
— Não, o outro, o grande — o Ricardito...

* * *

*A casa onde móra aquella
Menina côn de açucena
E' uma casa pequena
Casa de porta e janella.*

Ricardo mede versos na mesinha em desordem.

As janellas enquadraram a paineira florescida do Minarete.

A espaços uma flôr se destaca e cae, girante. Godofredo Rangel, ás voltas com a machina de café, resmunga contra o Antonio Nogueira. Não é que o patife passára a noite a lêr um Zola á luz azul da chamma do alcool, depois de consumido o ultimo côto de vela ?

A-ca-son-de-mó-ra-qué...

— Não ha combustivel, senhor poeta.

— Accende estes «Dez Contos».

— Pegarão fogo ?

— Experimenta. *A-ca-son-de-mó...*

E as flores, uma a uma, cahiam girantes...

E as rimas, uma a uma, ageitavam-se no verso... E os contos, um a um, ardiam sob a cafeteira...

Passos na escada. Um grito :

— Ricardo ! Rangel !

— Vé Bompard ! respondem de cima.

Era o Candido que chegava, e o Raul, e o Arthur. A cainçalha integrava-se e a uma voz estrugia, num desafio á Pascacia, o hymno de guerra :

*Du bren, du bran
Cabüssaran...*

Mal agonisavam as ultimas notas do «hymno do Minarete», da mesinha em desordem evolava-se um novo :

A-ca-son-mó-ra-qué...

Porque nunca mais deixaram de se associar em meu espirito, e em minha saudade, a Poesia e o Poeta, tal como os conheci um dia, no Minarete — elle medindo versos na mesinha em desordem, ella a revelar-se nas flôres côr de rosa que aos beijos da brisa cahiam, girantes, da nossa grande paineira florescida...

O ESPIÃO ALLEMÃO

Abre a historia. Escuta. Só ouvirás rumores de guerra. Aquelle tropel desapoderado? E' a avalanche tartara. Tamerlão, o tigre coxo, derrama sobre a Persia legiões de feras — e a chacina attinge proporções inauditas. Seu capricho exige, em Ispahan, setenta mil cabeças humanas. Cada secção do exercito lhe ha de fornecer uma quota. Fartos, cançados de cortal-as, os soldados entram a adquiril-as. Pagam a moeda de ouro cada uma. Era bom o negocio: a oferta cresceu e o preço baixou para meia moeda. Reunidas as setenta mil, Timur construiu torres de craneos em redor da cidade...

Ruge a sangueira além. E' em Dehli. Timur, tigre precavido, antes de bater-se com Mahomet IV deliberava alliviar o exercito de cem mil prisioneiros embarracantes. Solução magistral: degola-os...

A vaga prosegue, chega a Ancyra, esmaga Bajazeto, o grande sultão, e passa...

E acolá? Assyria. De Ninive, antro de leões famintos, descem para a carniçaria os reis flexeiros. Assurnizirhupal canta os proprios feitos em inscripções chegadas até nós: «Construí um muro diante das portas da cidade e forrei-o com a

pelle dos chefes. A outros emparelei vivos, a outros empalei ao longo das muralhas. Fiz arrancar o couro, em minha presença, a inúmeros e revesti paredes com esse couro semi-vivo. Reuni cabeças em forma de corôas e os corpos entrelacei como guirlandas.»

A vida da Assyria é inteira essa primorosa carnificina. Tuklatabazar, Assurbanipal, Nabuco, Sargão—todos os magarefes reaes viram a sua pericia em arrancar o couro a criaturas vivas cantada pelos poetas, commemorada pela architec-tura, admirada pelos posteros.

Timur passou. Passou a Assyria. Tudo passa mas a guerra fica. E' a guerra uma permanente. O homem tem a vocação do morticinio. A arte apotheósa a carniça. Os poetas só ascendem ao epico se o bafio do sangue lhes fumega a inspiração. A belleza suprema é Achilles fendendo craneos, do frontal á nuca. A historia da humanidade é um sistema potamographic de enxurros vermelhos, musicado pelos gemidos de dôr dos vencidos. A guerra sempre. Só guerras. A guerra dos Sete Chefes, a guerra de Troia, as guerras punicas, as guerras de Roma — escravos, Numancia, mercenarios, Jugurtha, Mithridates, civil... Depois, as guerras da invasão. As cruzadas, depois. E as guerras de religião. E as guerras dynasticas. A dos Cem Annos, a dos Trinta Annos, a guerra das Duas Rosas, a da successão da Hespanha. A guerra americana de Sessecção. As napoleonicas, a russo-turca, a hispano-americana, a sino-japoneza, a franco-prussiana, a anglo-boer... Depois, depois a Guerra Geral, a guerra do mundo con-

tra a Allemania. O rosario pára aqui. Mas como não pára o Odio, e como a estupidez humana é irreducevel, o futuro verá tantas guerras quantas viu o passado. Os grandes conductores de povos, Bismarck, Tisza, Clémenceau, Lloyd George: simples vontades de aço despidas de intelligencia, incapazes d'outra philosophia que não a das maxillas da hyena. Porque elles perpetúam a guerra, a humanidade os erige em semi-deuses. E com elles poetas, pensadores, generaes, a industria, o commercio, a imprensa, a humanidade inteira — fóra as mães — zelam, como vestaes, para que se não extinga o fogo sagrado do Odio. Já para os deuses, de Jupiter a Jeovah, era a vingança o prazer supremo. Se sabe ella assim a paladares divinos, que admira saber tanto a paladares humanos, tão proximos ainda da pithecanthropia erecta donde sahiu o macaco glabro que se classificou a si proprio *homo sapiens*, ignorando como o classificarão os cavallos?

* * *

Tambem nós por aqui temos tido nossas guerras. A grande, do Paraguay, onde fizemos pretos d'Angola chacinar os selvagens do Chaco e as pequenas, internas. Temos a Guerra dos Mascates, onde torceu o pé um reinol e, consta, arranhou-se um nativo. Temos a do Alecrim e da Mangerona, que não arranhou ninguem. Mas a guerra grande, a guerra guerra, a guerra de encher olho a Marte e berrar por poetas que a botem em Illiadas parnasianas com o retrato de Bellona no frontespicio, ah! temos a

nossa guerra contra a Allemanha. Essa nação formidavel, Assyria encouraçada de aço, machine monstruosa que apavorou o mundo, Golias de tremenda catadura temperado nas forjas de Krupp, viu saltar-lhe á frente David de iverapema em punho. E o caso foi que mais uma vez venceu David ao gigante. Quem duvidar do milagre leia o «Lyrio» de Itaóca, semanario «literario, recreativo e commercial», numero extra, de oito paginas, commemorativo da assignatura do armisticio.

«*Vencemos!* O gigante jaz por terra, exanguem. A esquadra dispersa, os exercitos rotos, a arrogancia abatida — a invencivel Allemanha dobra os joelhos e entrega-nos a espada sangrenta! Honra aos gloriosos estadistas que nos impulsaram á lucta! Honra ao Exmo. Sr. Dr. W. B. Pereira Gomes, dignissimo presidente da republica, e honra, sobretudo, ao inclito coronel José Pedro Teixeira Marcondes, honradissimo presidente do directorio politico de Itaóca e chefe honorario da heroica linha de tiro «Frei Gaspar da Madre de Deus!» Ave! Ave! Evohé!»

* * *

E' força que os novellistas fixem estes aspectos heroicos do paiz já que descuram delles Pombos e Capistranos sisudos.

A acção de Itaóca durante a guerra foi de véras notavel; mas como Itaóca não passa de humilde lugarejo perdido no espinhaço da serra, sem bons correspondentes junto aos jornaes do Rio, toda a sua agitação mavortica permanecerá sem noticia se lhe não acode chronista fiel.

Itaóca, tem, oficialmente, cinco mil habitantes — estatística feita a olho. O chefe da terra mandou carregar vinte por cento de «crescima» sobre o calculo do vigario, em virtude da velha rivalidade com Itapúca, cidade vizinha onde o olhometro municipal accusára quatro mil e quinhentas almas, afóra as penadas. Itaóca não se abaixa! Já sua philarmonica era a melhor, o journal tinha mais estylo e o mercado mais verdura. Ficou mais populosa, tambem, depois do patriotico rescenceamento.

Itaóca é regida, politicamente, pelo coronel José Pedro, e intellectualmente pelo vigario, monsenhor Acacio da Silva, um homem que sabe tudo, desde latim até astronomia. Alem deste luzeiro, ha outras possantes candieas em Itaóca: o juiz, velho bacharel pelo Pedro II, o Leão Lobo, mulatinho disfarçado, emerito em versos, charadas, enigmas e logographos. Ha ainda o Pimenta, secretario da Camara, o major Ventania, veterano de Itararé, e outros, que leram o Rocabole a fio e assignam as folhas governistas.

Quando rebentou a guerra foi grande a emoção de Itaóca. Sensação de estupor. Mas o Coronel, expedito que era, sem vacillar um minuto convocou o directorio. Reunidos que foram os seus oito membros, o presidente expôz com palavras solemnissimas a gravidade do momento, e pediu alvitres. Pimenta tomou a palavra e propôz ficar o directorio em sessão permanente até o fim da guerra. Leão Lobo aventou a idéa d'un comité de Salvação Publica bem como a de um vereador sem pasta. Outros alvitres de primeiríssima foram lembrados, mas só logrou appro-

vação a idéa sensata do presidente: não fizerem coisa nenhuma antes das outras municipalidades se manifestarem. Aguardariam os acontecimentos de olho ferrado nos jornaes e no patriótico presidente da Republica, a quem officiariam em termos do mais elevantado estylo. Quanto á sessão permanente, achava isso uma grande mançada.

Assim se fez e Itaóca, não podendo revelar genio creador, comportou-se durante a guerra como a mais direitinha das Maria-vae-com-as-outras.

A primeira resultante da guerra foi o incremento das linhas de tiro. Itaóca não ficou atrás, deitou, tambem, o seu tirosinho. Que revolução não foi elle! Veiu instructor de fóra, e a coisa se fez por musica, com duzentos homens de efectivo—no papel. Effectivos, na realidade, eram apenas vinte. Os mais, homens de 80 kilos, negociantes, fazendeiros, «gente grada», constituiam o «enchimento». Cooperavam com dinheiro e boa vontade, mas isso de exercicio, e gymnastica, e tiro ao alvo: — «coisa de meninada». Apezar de apenas vinte, os rapagotes de perneira e chapéu á americana transformaram Itaóca em praça de guerra e varreram do coração das meninas todos os rivaes civis. Era de vel-os passar, garbosos, em marcha cadenciada, sob o corisco dos olhares languidos das Sinhásinhas e Mariquitas janelleiras... Da pobre ralé de paletó sacco e palheta salvou-se um ou outro, de rubi no dedo. Venus sempre foi doidinha por Marte...

O armamento requesitado ao Ministerio da Guerra para o «Frei Gaspar», apezar de pro-

mettido, nunca chegou a Itaóca. Não obstante, exercitavam-se os voluntarios com uma Flaubert passarinheira do Pimenta. Aos sabbados, na séde da linha, compareciam os vinte heroicos atiradores e cada um dava seu tirosinho na lata de marmelada posta como alvo a vinte passos de distancia. A munição, porém, encareceu. As balas chegaram ao preço absurdo de cem réis por cabeça. Era um desperdicio gastar vinte cada semana, para transformar lata velha em crivo. D'ahi veiu a grande idéa do major Ventania, commandante superior do «Frei Gaspar». Ponderou elle: alvo por alvo, tanto é alvo uma lata como um passarinho; ora, mirando passarinhos, o atirador exercita-se da mesma maneira e sempre apanha um ou outro, com proveito duplo — do treino e do jantar. Sendo assim, não era mais logico aproveitarem-se as vinte balas semanaes no pomar, em caçada ás rolinhas, sabiás e sanhaços? Sensata que era a idéa foi logo posta em practica, e o exercicio de tiro ficou reorganizado assim: cada domingo a Flaubert e vinte balas eram entregues a dois voluntarios para caçarem onde lhes aprouvesse, sob a condição de repartirem a caça abatida com Ventania, pae da idéa mãe e muito guloso de arroz com passarinho. O major deu-lhes ainda um conselho de alta estrategia culinaria:

— Deem preferencia as rolinhas: são mais carnudas que os sanhaços. Quanto aos sabiás, não me parece patriotico atirar nos rouxinóes de Gonçalves Dias — além de que a carne não vale nada.

Este mirifico systema deu resultado triplice:

desbaste nas laranjas e passarinhos pomareiros, muita precisão nos tiros dos rapazes e engorda do major. Dois não caberão, mas tres proveitos cabem n'um sacco—pelo menos em Itaóca. O major Ventania que o diga.

Apurado o seu apparelho de defeza, Itaóca dormiu socegada, á espera do inimigo. Viessem os barbaros germanicos e cairiam ceifados como rolinhas! Não foram tolos. Não vieram. Não veiu um uhlano sequer. Mas que a Alemanha pôz o seu olho de aguia em Itaóca, isso não resta a menor duvida. Aqui muito á puridade o confessamos hoje: andaram espiões por lá!

— ?

— Sim, espiões, e dos peiores. Andaram rondando a cidade, tomado plantas, tirando desenhos... Agora que se acabou a guerra, é permitido confessar o facto. Antes, não; por isso foi o segredo guardado religiosamente pelas autoridades locaes, pelo Leão Lobo e até pelas mulheres, tão palreiras. Nobilissimo povo de Itaóca! Quantos males não poupou ao paiz a tua sevéra discreção!...

Foi assim o caso. Leão Lobo saía da chimbica do costume em casa do Pimenta, ás onze da noite, quando, no largo da matriz, cruzou com um vulto desconhecido, ruivo de cabellos, maltrapilho, ar suspeitissimo e trouxa mais suspeita ainda sobraçada. Um prophetic relâmpago lucilou-lhe no cerebro: espião! Sobreesteve o coração aos pinotes, meditou tres segundos e, como uma flexa, voou á casa do coronel José Pedro, já na paz dos lençóes áquell' hora. Leão Lobo bateu na vidraça freneticamente, tres, qua-

tro, cinco vezes. O coronel apareceu de chambre, gorro de lã e vela na mão — assustadíssimo :

— Que é lá ?

— Coronel, espiões na terra !

O pobre homem, mal acordado, estremeceu da base ao apice, n'um dos maiores abalos da sua vida. Engasgou. Tartamudeou. E ao termo de dois minutos de tonteira poude apenas murmurar em voz débil : entre ! A porta abriu-se e Leão Lobo entrou.

— Com que então, espiões ? — disse o coronel de olho arregalado.

— E dos peiores, confirmou Leão Lobo, d'*aquellos*, coronel !

A entonação do «d'aquellos» foi tão impressionadora que José Pedro encostou-se á parede para conservar o aprumo coronelico. A situação era de todo imprevista e o chefe não sabia como agir. Salvou-o Leão Lobo, affeito a lidar com problemas charadisticos e logographicos dos mais crespos.

— Coragem, coronel ! O momento não é para vacilações. Proponho que se desperte Ventina, que se mobilise o «Frei Gaspar», mais a policia, e que se monte guarda rigorosa ás sahidas da cidade durante o resto da noite. Amanhã engaióla-se o melro !

— Bem ponderado ! — exclamou o chefe já mais seguro de si. Vá você mesmo avisar os homens enquanto eu...

Leão Lobo sem esperar o fim saiu aos pinotes enquanto o coronel... enquanto o coronel voltava para a cama bastante apprehensivo.

— A gente tão «socegado» aqui e aquele raio da Allemanha...

— Que foi? — indagou a mulher.

— Espiões na terra, Candoca! Raios de espiões!

D. Candoca era um poço de bom senso. Disse apenas:

— O que me admira é vocês andarem pela cabeça daquelle bódinho — e virando-se para o canto adormeceu.

Leão Lobo acordou Ventania e o delegado. Horas depois o destacamento policial, um cabo e duas praças, mais o tiro inteiro estavam em pé de guerra, com grande pavor de varias mulheres despenteadas que, á janella, em camisa, punham as mãos invocando as varias Nossas Senhoras adequadas ao lance — que aquillo era por certo o fim do mundo.

Não havia lua e como os lampiões não se accendessem havia mezes por precaução contra os zeppelins mortiferos, a escuridão era de breu. Mesmo assim, ás apalpadelas, as forças mobiliadas agiram com tal estrategia que, tres horas após o rebate, todas as sahidas de Itaóca estavam hermeticamente sentineladas. Numa dellas ficou metade do «Frei Gaspar» com a Flaubert á frente. A outra metade conseguiu munir-se de uma velha garrucha de dois canos, carregada de chumbo Paula Souza. A senha era impiedosa: não deixar passar viv'alma... loira ou ruiva; em caso de resistencia, fogo de barragem!

Não passou ninguem, afóra o Vinagre, ca-

chorro veadeiro do Pimenta, o qual, como o seu dono, tinha habitos nocturnos.

Amanheceu enfim. Quando o astro rei, desdobrando as gazes da aurora, espargiu sobre o orbe os seus primeiros raios — como esplendidamente disse mais tarde o «Lyrio», historiando os factos — o major Ventania e o delegado iniciaram rigorosa pesquiza. Não foi preciso muito. O espião lá estava espichado no *trottoir* da igreja, ronflando com a cabeça apoiada na valise suspeita. (Adivinha-se aqui o estylo do «Pall-Mall-Lyrio», secção evidentemente influenciada pelo mifíco José Antonio José). O major Ventania não vacilla: mette dois dedos na bocca e tira um assobio agudissimo. Era o signal. Acodem logo o Tiro, mais o destacamento e a molecada. Solemnemente, então, n'um sherlockiano *nhoc!* agarram, em nome da lei, o perigosissimo agente do Kaiser. Não ha memoria em Itaóca de lance mais repassado de dramaticidade. O patriotismo engasgava os pro-homens da terra, emmudecendo-os de sagrada emoção. Naquelle momento augusto salvava-se a Patria...

D'ali seguiu para a cadeia o infame dolichocephalo louro, e lá lhe montou guarda o Tiro. Ao detentor da Flaubert foi marcado o posto de maior responsabilidade, á porta do xadrez, com ordem de conserval-a engatilhada.

— Se o bicho tentar fugir, nada de mollezas, ordenou o major, fogo nelle, fogo de baragem!

As dez estava tudo prompto para o interrogatorio. Mas aqui surgiu imprevista difficuldade: o espião teimava em não falar lingua de gente,

e na terra, fóra os membros da colonia allemã, ninguem pescava um já da odiosa lingua de Goethe. (A colonia allemã de Itaóca compunha-se do velho boticario Muller, estabelecido com pharmaacia havia 60 annos, e uma sua criada, nascida em Blumenau).

— E agora? indagou a autoridade atarrantada. Só se convidarmos o Muller para interprete.

Leão Lobo, com a sua clara visão de patriota exaltado, obtemperou incontinente:

— Não é possivel! Muller, como allemão, é suspeito. Pode alterar as respostas do agente. Proponho para «lingua» o monsenhor Accacio. Ha de saber allemão. Que é que elle não sabe? Até astronomia!...

Era verdade. Monsenhor Accacio sabia tudo, dissertava de *omnia res scibile*, e em linguas vivas e mortas ganhava até de D. Pedro II que sabia quatorze.

Veio o padre. Solemnemente, durante meia hora, bateu lingua com o espião, sob o olhar aparvalhado dos assistentes. Por fim,

— O allemão deste homem, concluiu sentenciosamente, é o allemão thuringio da baixa germanidade wallona da Silesia hannoveriana. Inintelligivel, portanto, a quem, como eu, só conhece o allemão grammatical da alta germanidade dos Goethes, dos Lessings, dos Bergsons, dos Scheneider-Canets.

Os circumstantes pasmavam. Leão Lobo, entusiasmado, cochichou para o Ventania:

— Eu não disse? E' um *bicho*!

Do pouco que o espião disséra uma phrase por muito repetida gravou-se na memoria dos

itaóquenses: *ai eme ingliz*. Leão Lobo, affeito a lidar com os mais embaraçantes enigmas, tentou decifrar a phrase mysteriosa pelos processos charadisticos. Matutava: *A, I, M, ingliz*; *A*, uma; *I*, uma; *inglix*, duas. Conceito? Engasgava no conceito. Estava nisso, quando o padre cortou o nó gordio:

— *Ai eme ingliz*, disse elle enrugando a testa, quer dizer, se me não falham as analogias glottologicas—«estou com fome». E' natural. Já bateu meio dia. Deem-lhe, pois, almoço, e a mim licença para retirar-me, que estou de hora passada. E, pondo na cabeça o chapeu felpudo, saiu, solemne e sabio como a propria Minerva de batina e corôa. Leão Lobo namorou-o com o olhar até certa distancia.

— E' um *báita*, o nosso monsenhor!.. Pena viver neste fim de mundo. Se «actuasse» no Rio, que figurão!...

* * *

Na impossibilidade de arrancar ao espião palavras intelligiveis resolveram envial-o á capital, de presente ao chefe de Policia. Iria escoltado por quatro heroicos voluntarios, tirados á sorte. Assim se fez, e no dia seguinte houve choradeira de mulheres e um discurso ao bóta-fóra. «Ide-vos, disse o orador official, a Patria exige de vós esse sacrificio. Não occultamos os perigos que correis. Este facinora poderá ser membro d'uma quadrilha de sicarios emboscada á beira da estrada. Podeis ser chacinados em massa, atacados a gazes lacrimogeneos, picotados pelas metralhadoras. Não importa! Ide-vos! A Patria

exige o vosso sangue! Se cahirdes, tereis como recompensa a sua gratidão eterna!»

— E o nome numa rua, aparteou o presidente da Camara.

Partiram os jovens heróes. Nunca se viu maior resignação ao sacrifício. Malbaratavam a vida como bravos de raça que eram, com antepassados na Guerra dos Mascates e na dos Embobabas.

Itaóca distava duas leguas da via ferrea e quarenta da capital. Os rapazes da escolta, apesar do quadro horrendo que o orador desenhára, arreceavam-se menos das emboscadas do inimigo, perigo um tanto problematico, que da viajada na via ferrea, vezeira em descarrilamentos, choques, telescopagens, etc. Razão pela qual só empallideceram quando, na estação, ouviram o apito do trem mortifero. Antes do embarque radiographaram para Itaóca um despacho conciso mas eloquente: «Chegamos. O espião sempre na unha. Viva a Republica!»

Quando o Zé Burro, preto recadeiro que fazia carretos a pé a mil réis por legua, entregou o radiogramma ao Major Ventania, o prefeito municipal commemorou a auspiciosa noticia mandando atuchar uma duzia de foguetes — ainda pela verba «soccorros publicos».

Nesse mesmo dia um grupo de exaltados promoveu uma grande manifestação patriotica. Falou na praça 7 de Setembro, com pathetica eloquencia, o inclito Leão Lobo, produzindo a mais vehementemente oração de sua vida. «Ali, senhores, disse elle apontando o *trottoir* d'ora avante historico, esteve deitado, fingindo que dor-

mia mas de facto espiando, um dos mais perigosos agentes da espionagem allemã. O scelerado não confessou, mas havia de confessar? havia de denunciar os tenebrosos planos do Anti-Christo moderno, esse Kaiser assassino que assassina o mundo? A situação é gravissima, meus senhores! Itaóca está sobre um vulcão! Minada por todos os lados, a vida das nossas familias, as honras das nossas esposas, as mãosinhos das nossas creanças (sensação) correm o maior dos riscos! Lembrai-vos da Belgica, essa heroica crucificada na cruz de ferro do monstro kruppeano! (sensação). Senhores! Um desaggravio se impõe. Precisamos manifestar a nossa repulsa perante a colonia allemã que, como vibora, alimentamos em nosso seio. Viva a França! Viva o Exmo Dr. W. B. Pereira Gomes, nosso imperterrito presidente!»

Foi um delirio. Estrepitaram palmas d'envolta com imprecações de vingança—«Abaixo o Muller!» A onda popular, arrastada pelos impulsos do mais nobre patriotismo, despejou-se como avalanche para os lados da velha botica. Leão Lobo á frente, com o patriotismo a cem gráos centigrados, desfechava vivas e morras truculentos. Viveu Clemenceau, Joffre, Foch; morreu Hindenburgo, Mackensen e Enver-Pachá Os gavroches (está no «Lyrio») iam pelo caminho juntando pedras para o bombardeio da colonia. Defrontados que foram com a odiosa pharmacia, nella choveram projecteis, apupos, assobios. Não ficou vidraça intacta. Um obuz, penetrando na prateleira das drogas, quebrou alli o vidro de sal-amargo. Tambem a ipeca e a tintura de iodo

foram seriamente maltratadas. Mas a colonia alemã não deu mostras de si. Nem Muller nem a criada tiveram a coragem de mostrar a ponta no nariz. Covardes !

Os patriotas, cansados de apedrejar e desafiar, arrancaram a placa da botica e levaram-na á guiza de trophéu para a redacção do «Lyrio», onde beberam varias garrafas de champanha (soda), sempre pela verba dos soccorros publicos.

Na noite desse dia a esposa do coronel José Pedro teve uma violentissima colica intestinal. Receitaram-lhe sal-amargo. Correu á botica uma negrinha, mas voltou de mãos abanando :

— Seu Muller manda dizer que não tem ; que os patriotas quebraram o vidro ; se serve sal de azedas, que tem.

A pobre D. Candoca, estorcendo-se,

— E' isto, exclamou, aquelle bodinho faz das suas e quem paga o pato é a pobre de mim !... Ai !

— Mulher ! — interveiu o marido — a Patria acima de tudo !

— Vocês são uns...

O chronista não ouviu o qualificativo da D. Candoca, mas a avaliar pela cara do marido foi dos mais duros. O homem passou embezerrado o resto do dia.

A' noite chegou telegramma do chefe de polícia : «Verificamos prisioneiro subdito inglez. Reveis complicaçao diplomatica. Guardem reserva ridiculo incidente.»

O coronel José Pedro, desapontadissimo, esteve meia hora com o papelucho na mão, meditando. Depois reuniu os paredros e lhes disse:

— Recebi telegramma confidencial do chefe. O caso é mais grave do que suppuz. Sou obrigado a guardar reserva. Altos segredos de estado, vocês comprehendem...

Apatetamento geral. Cada um commentou a seu modo o caso, e Leão Lobo, incontinente, correu ao methodo charadistico : *Telegramma, reserva, segredo de estado...* Conceito? Era a segunda vez na semana que lhe escapava uma charada por falta de conceito.

Assim permaneceram até á noticia da volta dos heroicos expedicionarios. Que bella festa, a recepção! Foi a banda esperal-os á bocca da cidade, e com ella os patriotas, o Tiro, as moças. Mal avistaram-nos romperam em vivas. A banda malhou o hymno. Depois, a *accolade* («Lyrio»). A Mariquinhas Fagundes offereceu a cada um uma corôa de louros, feita com folhas de camelia. Ella mesma enfiou-as na Flaubert de um, na garrucha de outro, e nos guatambús chumbados dos restantes. Itaóca sabia ser grata para com os filhos heróes...

E não ficou nisso, note-se. Na primeira sessão da Camara foi proposta a cunhagem d'uma medalha commemorativa, tendo no verso um cíbito de perneira esmagando uma vibora, e no anverso um distico em latim. E' verdade que caiu este projecto. Mas vingou outro, mais economico : dar quatro ruas aos quatro heróes. D'es-s'arte, e com muita justiça, pois não, as antigas ruas General Osorio, Duque de Caxias, Regente Feijó e Rio Branco, passaram a denominar-se, respectivamente, rua do Tenente Teixeira, rua Aristeu da Silva, rua José Joaquim de Souza e

rua Aristogiton Pereira. Mas Leão Lobo, o infatigável patriota, não está contente com isso. Entre uma charada e outra o seu espírito se perde em longos devaneios. Como não se abriu ainda para com os amigos, ninguém sabe qual é a grande idéa que lá lhe germina sob o pixaim. Mas há meios de devassar o pensamento secreto dos homens generosos que pronunciam cem vezes ao dia a palavra *patria* com P maiúsculo. Elle — nobilíssima criatura! — está amadurecendo a idéa de pedir a Clemenceau uma fita da Legião de Honra para a lapela da mui leal e invicta Itaóca. E vão ver que inda Clemenceau acaba fazendo-lhe a vontade, e dando a elle, de lambujem, o *Mérite Agricole*. Merecidíssimo, aliás, pois não, pois não.

FIM

ERRARE...

Na fórmula do mau costume, escaparam varios erros à revisão. Alguns gravíssimos, desses que arrepiam o pêlo sensível dos grammaticos, fazendo-os sonhar com fogueiras do Santo Ofício onde se assem criminosos de tão grandes crimes.

A' pagina 14, por exemplo, linha 19, está — **obras** — em vez de — **livros** — feminismo que determina um chaos no periodo, como se Miss Pankurst houvesse acampado alli.

A' pagina 22, sempre linha 19, está um — **podem** **morderem-se** — que pede para o autor todas as dentadas grammaticaes dos Cerberos vernaculistas.

Ha dois — **umbilicaes** — capenguissimos, um com **e** — e outro com dois — II.

Ha na pagina 170 um — **que V. Excia. incumbiu-me** — merecedor de galés perpetuas em vida e um circulo de Dante depois da morte.

E mais peccados veniaes e mortaes em barda.

A culpa disso? A gripe, está claro. O raio de gripe que nos roubou o saudoso e preciosissimo Adalgiso...

INDICE

Cidades mortas	7
Coisas de um diario	13
Cavallinhos	42
Noite de S. João	46
Grammatica viva	53
Pedro Pichorra	60
As seis decepções	67
Cabellos compridos	72
Um avô	77
O resto de onça	81
Porque Lopes se casou	90
O caso do tombo	97
Tragedia de salão	106
«Gens ennuyeux»	109
O figado indiscreto	118
O imposto unico	125
O Plagio	140
Duas dançarinhas	152
Em casa de Phidias	159
O luzeiro agricola	164
A «Cruz de Ouro»	178
De como quebrei a cabeça á mulher do Mello	185
A poesia e o poeta	189
O espião alienão	193

Revista do Brasil

Esta publicação é indispensável em casa

Ser as atestas STANFORD UNIVERSITY LIBRARY

genero To avoid fine, this book should be returned on
até hc or before the date last stamped below.

de no:

Cada

150 p:

mand.

DIREC

RE

SECR

Assis

E
d

URI

E

CID

T

IDÉ

OP

P

ANNA, pelo dr. RENATO KEHL ;
VIDA E MORTE DE GONZAGA DE
SA, romance, de LIMA BARRETO ;
RINDO, de MARTIM FRANCISCO (es-
gotado) ;
SACY-PÈRÈRE, (esgotado) ;
PROBLEMA VITAL, de MONTEIRO
LOBATO (esgotado).

Encontram-se em
todas as livrarias
e no escriptorio
"Revista do Br-
sil," — Aos re-
dadores desconto
de 20 %.

V.P. OLEGARIO RIBEIRO, LOBATO & CIA. LTDA. — S. PAULO

Gaylord Bros.
Makers
Syracuse, N. Y.
PAT. JAN 21, 1908

869.84
M775cm

Monteiro, Lopato,
Cidades mortas

DATE

NAME

330782

3

